



Leite:

**MAIS UMA
CRISE PARA
O PRODUTOR
PAGAR**

Página 5

Uma proposta:

**SOLTAR
OS PORCOS
PARA BAIXAR
OS CUSTOS**

Página 8

Milho

**O HÍBRIDO
ENTERROU
DE VEZ
O CRIOULO?**

Página 10



Acidente de Trabalho

UM LABIRINTO NA PREVIDÊNCIA

Página 12

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Luís Régis do Amaral, Werner Erwin Wagner, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Wilson Oliveira, Eduardo B. Ferreira, Renato Borges de Medeiros.

(Conselheiros (efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickhoff, Telmo Roverno Ross, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (suplentes)

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz Komers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Aquilino Bavaresco, Antônio Bandeira.

Conselho Fiscal (suplentes)

Álvaro Darci Contri, Alceno Elvino Volmer, Rui Adelino Raguzzoni.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Vila Jôia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Quanta gente se acidenta por dia no trabalho rural? Em questões de segundos as máquinas que facilitam o serviço do agricultor também lhe ferem ou tiram um pedaço do corpo. Estatísticas não existem, mas é quase certo que se tivéssemos os números na mão, eles iriam mostrar que quanto mais se mecanizou a lavoura mais gente mutilada passou a existir na colônia.

Depois do acidente de nada adianta pensar no que se poderia ter feito para que ele não tivesse acontecido. Foi imprudência, azar ou fatalidade. O caso é que aconteceu. Mas por incrível que pareça é depois do acidente, muitas vezes, que começam os maiores problemas. Às vezes é só depois de ter gasto muito dinheiro para se tratar e se recuperar de um acidente de trabalho que o agricultor fica sabendo que teria direito a um atendimento através do Funrural. E é muito difícil, mesmo correndo de um lado pro outro, que o produtor, nesta hora, consiga receber os direitos e benefícios previstos na lei para os casos de acidentes de trabalho.

Esta parte da Previdência pode ser considerada um verdadeiro labirinto. Poucos são os produtores que entendem alguma coisa sobre o assunto. O pessoal, muitas vezes, deixa de lado a briga pra não se incomodar. Mas seus direitos, mesmo poucos, existem.

Na matéria que inicia na página 12 nós procuramos fazer um apanhado daquilo que a lei assegura para os casos de acidentes rurais. É uma lei falha que não prevê, por exemplo, atendimento aos menores que se machucam. E qualquer colono sabe que a gurizada pega cedo no trabalho da lavoura. Mas se todo mundo soubesse que as crianças podem ficar aleijadas pro resto da vida e não vão ter direito nenhum na Previdência, era bem capaz das coisas ficarem diferentes. Não que o piaçado deixasse de ajudar nas lidas da lavoura, que mais um braço sempre tem seu valor. Quem sabe, porém, a lei olhasse também pra este lado.

A matéria também conta fatos ocorridos na colônia. É um menino que perdeu uma perna e a família teve que arcar com todas despesas; um produtor que perdeu um braço; outro que não consegue se aposentar mesmo estando mal de saúde; um rapaz que por pouco não deixou um pé dentro de uma colheitadeira, e assim vai. Estes são alguns dos casos com os quais a colônia está aprendendo a conviver. São casos que ilustram o quanto a lei é injusta e o quanto não se informa o produtor do pouco que ele tem direito.

Do leitor

POVO MAIS INSTRUÍDO

Leciono na Linha Sete de Setembro, em Planalto. No ano passado possuía classe unidocente, tinha 41 alunos da 1ª a 4ª séries. Este ano tenho somente a 1ª e a 4ª série, perfazendo um total de 22 alunos. Estou no terceiro ano do Magistério aqui em Planalto e por participar de duas etapas do curso com a equipe de professores da Fidene e, segundo me informaram sobre o Cotrijornal, achei válido escrever para este órgão educativo. As razões que me levaram a escrever são: 1º porque minha escola é pobre e não tem as mínimas condições de comprar livros pra melhor instruir os alunos, principalmente no que diz respeito à redação; 2º porque eu sendo professor, melhor ficaria por dentro da realidade educacional.

E foi assim que escrevi anteriormente a este importante meio econômico-social que está transformando nossa gente em um povo mais instruído através de boas leituras sobre assuntos da atualidade.

Outrossim comunico que recebi no mês de junho um número do referido jornal e já tive bom proveito com os alunos,

lendo e fazendo interpretações. Para mim o Cotrijornal é um grande meio para que eu me torne mais conhecedor da realidade agrícola e minifundiária do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Vitalino da Silva
Planalto - RS

CONFUSÃO NA ASSINATURA

Até bem pouco tempo eu era leitor desse conceituado jornal, sendo que o mesmo vinha em meu nome pela Caixa Postal, 386, de Santa Cruz do Sul.

Porém alguns meses atrás veio um cupom solicitando manifestação do interesse em continuar recebendo o jornal, cupom esse que deveria ser remetido preenchido ao endereço do jornal.

Acontece que remeti dito cupom manifestando meu desejo de continuar recebendo a publicação. Infelizmente não estou mais recebendo nada, sendo que o último foi o número 82, de fevereiro/março.

Lamento muito se tivesse perdido o direito de receber o Cotrijornal. Como chefiou um departamento complexo, como é o Crédito Rural, necessito muito de informações agropecuárias.

O leite é um assunto que ainda vai dar muito pano pra manga. A redução no preço pago ao produtor não está sendo bem aceita na colônia e já tem gente pensando no que fazer frente a esta situação. A crise do leite deve piorar ainda mais na medida em que for se aproximando o verão e crescendo a produção. Uma produção, por sinal, que não é o suficiente para garantir o leite necessário para a população que mora nas cidades. Uma população que não tem dinheiro para pagar o leite, enquanto o produtor não recebe o suficiente para cobrir seus gastos em trato dos animais. As razões da crise, a redução no consumo e as opiniões de quem, toda manhã e toda tarde, puxa a teta das vacas para tirar leite, estão na matéria que inicia na página 5.

Sempre que a situação da soja começava a ser repensada, numa avaliação dos benefícios e prejuízos que esta lavoura trouxe para o produtor, sempre o milho vinha aparecendo como uma opção de cultura para a área tomada pela soja. Mas hoje, analisando mais a fundo a questão, muitas lideranças do setor rural estão temendo o avanço do milho. E não que o pessoal desacredite do milho. O caso é que muita gente começou a se dar conta da dependência que o milho tem atrás de si. E isto tudo em função da semente que o agricultor precisa comprar todo ano para garantir a produção da lavoura. E o medo da dependência acabou provocando uma discussão sobre os milhos híbridos, já que não está na mão do produtor a tecnologia da semente do híbrido. Esta é a matéria que publicamos na página 10, numa tentativa de avaliar a situação que hoje começa a preocupar.

Reduzir custos parece ser a palavra de ordem neste tempo de dinheiro caro. E é exatamente a partir daí que o Departamento Técnico da Cotrijornal faz a proposta de se criar os porcos soltos em pastagens, garantindo uma boa alimentação e reduzindo gastos com investimentos e rações. É uma proposta até certo ponto polêmica, pois ela se confronta com muita coisa que até agora era encarada como o certo na criação de suínos. Mas é uma proposta com a intenção de permitir que a maioria dos produtores consiga criar seus porquinhos em casa, garantindo a alimentação da família e um excedente de produção para comercializar sem altos custos. É uma proposta para, nestes tempos difíceis, tentar segurar o produtor mais um tempo na terra.

Por isso solicito-lhes, caso se, a necessário efetuar pagamento para assinatura desse jornal, favor remetam-me todos os números a partir da interrupção e continuidade e informem-me o preço, para que eu remeta o valor correspondente.

Solicito também usar o novo endereço:

Irio Petry - CEF
Vera Cruz - RS

NR: Sua confirmação não chegou até nós. Mas não se preocupe. Já providenciamos a remessa dos números atrasados e sua reinclusão entre os assinantes. Por enquanto o Cotrijornal continua sendo distribuído gratuitamente, como uma cortesia dos associados da Cotrijornal aos interessados em receber esta publicação.

ATUAÇÃO NA COMUNIDADE

Eu li o jornal e confesso que realmente gostei muito. Sei que para mim te-rei muito proveito dele. Sei que irá me auxiliar na atuação em minha comunidade, onde poderei divulgar os impressionantes temas dentro dos assuntos de elevada importância.

Emílio Puhl
Santo Cristo - RS



UM REBULIÇÃO NO CRÉDITO

Um verdadeiro rebulição entre os grandes produtores foi o que provocou um anúncio do Banco do Brasil de que só financiaria, daqui para frente, os pequenos e médios produtores. Os grandes, que são aqueles com renda bruta superior a 3.000 MVR (Maior Valor de Referência), ou seja, Cr\$ 12 milhões e 215 mil, deveriam buscar seus financiamentos em bancos particulares.

Depois da confusão criada, o Governo voltou atrás e mudou a regra do jogo. A decisão, agora, é que o Banco do Brasil irá assegurar recursos para financiar até o limite de 4.000 MVR ou seja, Cr\$ 16 milhões e 286 mil.

Desta forma, muitos dos grandes produtores que ficariam de fora do Banco do Brasil agora terão condições de contratar

seus financiamentos nas agências espalhadas pelo País. O Banco do Brasil atenderá as propostas de financiamento até o valor de Cr\$ 26 milhões e 666 mil cruzeiros, já que 60 por cento desta quantia é o que corresponde ao limite de atendimento de 4.000 MVR. E só os grandes, que plantarem, por exemplo, uma área pouco maior que 1.000 hectares de soja ou 600 hectares de arroz irrigado é que precisarão recorrer aos bancos privados.

O PORQUÊ DA CONFUSÃO

Logo que anunciada a primeira medida de restrição, os bancos particulares se manifestaram dizendo

não ter recursos suficientes para atender todos os grandes produtores brasileiros. De acordo com dados do Banco Central, os grandes produtores representam apenas 4 por cento do total de tomadores de empréstimos para custeio agrícola, mas são os responsáveis por 43 por cento do volume total de crédito de custeio distribuído no País.

Mesmo com a ampliação de 20 para 25 por cento dos recursos de depósitos à vista dos bancos particulares que devem ser direcionados para o crédito agrícola, os bancos acreditam que não terão recursos suficientes para financiar novos tomadores de empréstimo. Numa entrevista

ao jornal Gazeta Mercantil, Roberto Gouveia, presidente do Bamerindus, afirmou que os bancos comerciais dificilmente poderão atender toda demanda de crédito para o custeio agrícola. Segundo ele, 60 por cento dos recursos que os bancos dispõem para esta faixa de financiamentos (ou 15 por cento dos depósitos à vista) continuarão sendo destinados aos seus clientes habituais. Restariam, desta forma, apenas 10 por cento para aplicar junto a novos tomadores de empréstimos, o que ele acredita não ser suficiente para atender os grandes produtores que ainda ficaram de fora da área oficial de crédito.

Hora de se adaptar

Dividir a área de planta com o filho, e desta forma se enquadrar como médio produtor, foi o jeito que o seu Guilherme Schlerner, produtor em Dom Pedrito, encontrou para continuar sendo financiado dentro do Banco do Brasil. Ele arrenda 450 hectares de terra, onde planta soja, sorgo, aveia e azevém, e aluga ainda mais 160 quadras no município:

— Fui fazer a proposta no Banco do Brasil e como vi que não tinha condições, separei metade para mim e metade para meu filho. Para conseguir plantar foi necessário dividir as quantidades, e ainda não sei se a proposta vai ser aceita ou não.

Segundo ele, está muito difícil a situação do produtor, "que só o milagre pode fazer com que alguém tenha dinheiro. Eu acho que todos os produtores, a menos que tenham uma outra renda, estão na mesma situação. Na nossa casa todos trabalham e o dinheiro nunca sobra".

SE ADAPTAR À SITUAÇÃO

Outro produtor em Dom Pedrito ameaçado de não receber crédito através do Banco do Brasil, é o Rogério Gilberto Zarti, um dos proprietários do Condomínio Zarti, que ocupa uma área de 3.500 hectares no município. Lá ele planta, 700 hectares de arroz e mais 200 hectares de sorgo. Na opinião de Rogério, que concorda inclusive com a política de contenção de crédito, o produtor não está preparado para assumir a situação de uma hora para a outra:

— O fato é que o agricultor não está devidamente capitalizado como achava que estava. Mas esta situação é uma realidade e nós não poderíamos continuar convivendo com a inflação de 100 por cento ao ano. Só resta nos adaptarmos a esta situação atual, tentando produzir cada vez mais, restringindo ao máximo nossos custos, e trabalhar, acima de qualquer outra coisa, com bastante otimismo.

Rogério acha, entretanto, que é de preocupar a indefini-



Guilherme Schlerner: enquadrar como médio



Rogério Zarti: decisões atrasadas

ção na política de crédito:

— As decisões estão sendo atrasadas, parece que proposadamente, uma vez que esta política já foi definida há tempos atrás, e nosso plantio está quase por ser iniciado e não se tem mais dinheiro para dar continuidade aos trabalhos. Aqui no município ano passado, na mesma época, 80 por cento das lavouras já estavam em fase de conclusão de seus trabalhos e, atualmente, está todo mundo parado por não ter dinheiro.

Ele crê que este é um momento bastante delicado, mas diz que "realmente acredito na boa intenção do Governo, uma vez que ele se definiu com uma política de ação e agora não pode voltar atrás. Os sobreviventes é que dirão se o Governo estava acertado ou não".

Muito em cima do laço

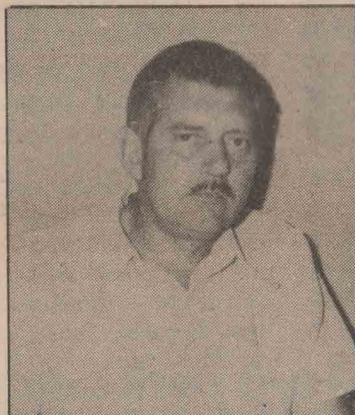
Em função das alterações de valores e limites de financiamento de custeio no Banco do Brasil, surgiram em Maracajú diversos problemas. É claro que a situação não atingiu apenas produtores deste município sul-mato-grossense, mas também outras localidades do Estado, pois muitos agricultores já tinham dado entrada com suas propostas junto ao Banco.

Pelas novas instruções, porém, são 15 agricultores de Maracajú classificados como grandes produtores que devem procurar a rede bancária privada para obter seus financiamentos. Em todo Mato Grosso do Sul, segundo informações da Superintendência do Banco do Brasil na região, um total de 150 produtores ficarão afastados da rede oficial de crédito.

Um destes é Arthur Walter George Krugman, proprietário de uma lavoura com 2.700 hectares, que fez uma safra de 78 mil sacos de soja. Na sua opinião até que esta medida não é ruim, "apenas veio na hora imprópria". Ele inclusive já fez o projeto no balcão do Banco Itaú, onde não encontrou maiores dificuldades, por já ser correntista e manter um bom movimento. Agora, se fosse possível escolher onde fazer o seu custeio, ele iria mesmo para o Banco do Brasil, "por melhor distribuição no orçamento, com dinheiro na hora certa. No particular a distribuição de verbas é diferente, sacrificando um pouco certas épocas, que o juro de dezembro é apertado".

EM CIMA DO LAÇO

Edemar Straglioto, produtor em 2.150 hectares, e com safra de 60 mil sacos, tam-



Arthur Krugman: não é ruim



Aduílio Sartori: abelhas sem rainha

bém acha que a medida veio "muito em cima do laço". Na sua opinião deveria ser opcional a escolha do Banco:

— A medida é ótima desde que não selecione só os grandes. É um tributo que custa caro para quem crescer na atividade. Tem que valorizar o grande produtor, aqueles produtores que trabalham certo, é claro. Cada brasileiro merece, quem tem um distintivo é sinal de que mostrou alguma coisa. Mas esta medida será um desestímulo ao grande, porque foi muito em cima do laço.

Edemar não teve problema em ver acolhida sua propos-

ta num banco particular. Mas achou as verbas mal distribuídas "o que traz prejuízo. Tem muito dinheiro para a colheita e perde-se muitos descontos com as liberações parceladas".

Aduílio Sartori, por outro lado, ainda está procurando saber se sua proposta irá se enquadrar no limite de 4.000 MVR. Ele, que é proprietário de uma lavoura de 1.200 hectares e colheu na safra passada 34 mil sacos, até já andou procurando o Banco Itaú para ver como poderia ser seu financiamento:

— Só acho que a rede privada não tem pessoal tão capacitado como no Banco do Brasil para este trabalho. Além disso, o juro vence por semestre.

VBC NÃO CHEGA

Ele pensa em talvez voltar ao Banco do Brasil, pois diz que em dezembro, quando vencerão os juros no banco particular, ele não terá dinheiro para saldar o compromisso, o que acabaria envolvendo, então, seu avalista.

Na opinião do seu Sartori, se o produtor somar tudo o que gasta em recursos próprios para fazer sua lavoura, não sobra nada da colheita:

— O VBC deixa muita margem a descoberto. O Banco ainda solicita um depósito a prazo, tirando a pequena sobra que se teria. Com todos os encargos que se tem com o custo da lavoura, não há condições de fazer a próxima planta só com o VBC. Dentro de três anos não teremos condições de ter mandioca e vaca de leite, em função do desemprego, que existirão até roubos. Continuamos sendo um enxame de abelhas sem rainha.

COMPRAR EM CONJUNTO PARA PAGAR MENOS

Comprar um equipamento para usar dois ou três dias por ano é um investimento que pouco agricultor pode ou se arrisca a fazer nestes dias. Sem a máquina fica difícil de tocar o serviço, ainda mais se o caso for fazer uma silagem, que torna muito mais barata e segura a alimentação do gado nos meses críticos de outono e inverno, bem na época em que rareia o pasto.

Pois dois grupos de produtores de Ijuí encontraram uma solução para este problema: compraram a ensiladeira em conjunto. Este tipo de atitude não é novidade nenhuma, sendo bastante comum que numa mesma família se compre apenas uma máquina — trator ou colheitadeira — para fazer o serviço de plantio e de colheita. Mas quando se trata de grupos que não têm parentesco nenhum a coisa muda de figura.

Um destes grupos é formado por quatro associados da região Leste de Ijuí: Helmut Guth (da Linha 6 Leste), Getúlio Garzella (da Linha 5 Leste), Valter Krampe (da Linha 9 Leste) e Anildo Schildt (da Linha 10 Leste). A idéia de comprar a máquina em conjunto veio bem na época em que um vizinho estava ajudando o outro a fazer a silagem. Eles usavam uma máquina que a Cooperativa aluga para os associados realizarem este trabalho e não estavam se acertando muito com o tal do equipamento. Conta o seu Guth:

— A máquina tava muito ruim, que todo mundo usa mas não são todos que cuidam como se fosse sua.

No reclama dali, arruma daqui, veio a idéia da compra em conjunto de uma máquina usada. E um acidente até ajudou a acelerar a decisão. Um dos futuros sócios, o seu Anildo, na lida de ajeitar a máquina, até acabou perdendo pedaços de dois dedos nesta função.

De todos do grupo o único que ainda não fez silo na propriedade foi o Garzella. Mas ele já tem experiência no trabalho, que já andou ajudando as vizinhanças em fazer silagem. O seu Guth já vai fazer o terceiro ano, enquanto Krampe e Schildt já fazem há dois anos.

BAIXAR OS CUSTOS

O outro grupo de produtores é bem maior. É formado por oito associados de Coronel Barros, também em Ijuí: Othmar Fengler, Ari Neremberg, Sady Reimann,

Édio Romeu Krugg, Oldemar Heberle, Alberto Fengler, Valdemar Michael e Adolfo Gutknecht. Três são parentes: Alberto e Othmar Fengler são irmãos e cunhados de Sady Reimann. E alguns destes grupo, ao contrário do pessoal da região Leste, já tinham experiência em comprar um equipamento em conjunto: Valdemar, Sady e Alberto, além de um vizinho que não faz parte deste grupo da ensiladeira, o seu Erbino Fengler, já têm há quatro anos uma enfardadeira.

O Othmar é quem conta que a compra da máquina em conjunto foi provocada por dois fatos:

— Primeira a orientação do técnico lá da região, o Pedro Pittol, de que para produtor de leite seria ponto principal ter a silagem se a gente quisesse ter maiores recursos próprios e não comprar a razão que isto não recompensa. Outro ponto é que comprar sozinho uma ensiladeira nunca que ela se paga, que só se usa dois a 3 dias por ano.

O seu Valdemar explica que esta compra em conjunto é "para baixar os custos em investimento em ferro. Seria obsoleto só um agricultor comprar a ensiladeira, que é um equipamento que fica muito tempo parado".

SE ACERTANDO NO USO

O pessoal de Coronel Barros já definiu alguma coisa de regulamento do uso do equipamento como por exemplo, que a máquina será de uso exclusivo do grupo. Não vão emprestar para nenhum outro parente ou vizinho tentando evitar, desta forma, qualquer complicação futura. Diz o Valdemar Michael:

— Quanto ao uso da máquina pensamos que o regulamento vá ser feito na base da palavra, que é todo mundo gente cooperativista.

Pela experiência que ele já tem no grupo da enfardadeira não deverão surgir complicações maiores:

— Os problemas que aparecem a gente procura resolver da melhor maneira possível, dividindo as tarefas e resolvendo com antecedência. Sempre surgem imprevistos, mas eles têm que ser resolvidos na base da boa vontade.

Os produtores da região Leste reuniram-se apenas no dia que resolveram a compra de uma máquina usada e que cus-

tou Cr\$ 128 mil, isto no mês de março. Para cada um tocou Cr\$ 32 mil. O outro encontro do grupo foi durante uma reunião sobre leite quando se aproveitou para falar também um pouco sobre a ensiladeira. De acordo com o Getúlio Garzella, eles deverão antes de começar a trabalhar com a máquina fazer uma revisão e ver os eventuais consertos que ela necessite:

— Aí então talvez se monte um esquema para usar a ensiladeira que não dê muita diferença entre um e outro. E mesmo não acredito que tenha problema, pois não se vai plantar todo o milho na mesma época e, do mesmo, um vizinho vai ajudar o outro na silagem.

Nas duas reuniões feitas pelo grupo

de Coronel Barros, que pagou Cr\$ 420 mil por uma máquina nova, também se viu que nem todos vão plantar as mesmas variedades e na mesma época, "Deste jeito", explica o Othmar Fengler, "não vai coincidir a época da silagem".

Outro produtor do mesmo grupo, o Ari Neremberg, diz que todos estão ansiosos em ver como o esquema vai funcionar, ainda mais que apenas um deles, o Valdemar Michael, já tem silo na propriedade. Diz o Ari:

— Vamos ver como isto vai funcionar. Quem sabe depois se forme outro grupo para comprar outros equipamentos, sem precisar investir tanto numa máquina só de um.



Helmuth Guth, Valter Krampe, Anildo Schildt e Getúlio Garzella formam o grupo da região Leste.

O sentido da cooperação

O grande incentivador da compra em conjunto da ensiladeira pelos oito produtores de Coronel Barros foi exatamente o técnico agrícola da Cotrijuí que atende aquela área, o Pedro Pittol. É ele quem conta que já era antiga em sua cabeça a idéia de que a compra de uma ensiladeira só se torna vantajosa quando feita em conjunto:

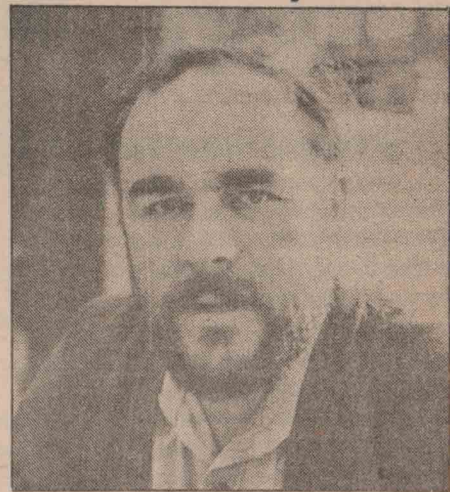
— Eu tinha esta idéia de que tinha que ser em grupo. Então fui preparando este grupo de vizinhos que já estavam habituados a trabalhar em conjunto. O primeiro ponto foi dar assistência técnica na preparação de pastagens, fazer cercas para largar os animais, cercas elétricas para dividir os piquetes e dar um melhor manejo nas pastagens. Depois o pessoal foi se equipando com ordenhadeira, na medida em que ia aumentando sua produção.

Segundo o Pittol o grupo é formado por produtores que há pouco mais de três anos nem estavam na área do leite ou então entregavam pouco mais de 15 ou 20 litros de leite por dia. Hoje, todos eles comercializam mais de 100 litros diários.

MAIOR COOPERAÇÃO

A vantagem deles comprarem em conjunto o equipamento para fazer a silagem não se prende, segundo o Pittol, apenas a aspectos econômicos:

— Comprar em conjunto não é só uma melhor oportunidade, como também permite uma socialização, uma convivência maior com a comunidade, pois o ser



Pedro Pittol: idéia antiga

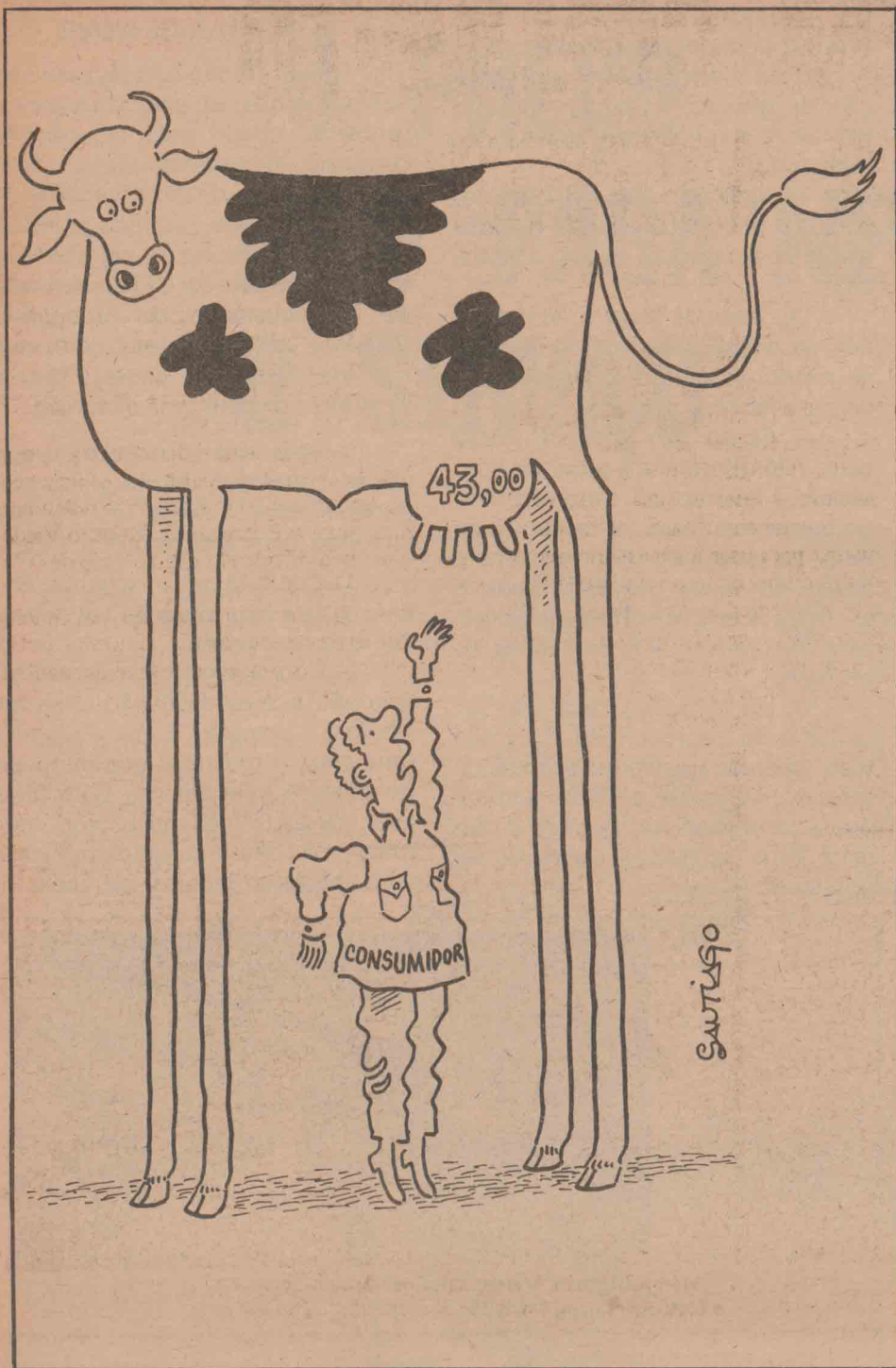
humano não vive sozinho. Comprando um implemento junto com os vizinhos, o produtor começa também a cooperar mais com os outros e vão aparecendo os pequenos grupos, que não deixam de ser pequenas cooperativas.

O Pittol ainda lembra o que vai representar para este pessoal ter um silo em sua propriedade, garantindo assim uma produção estável na época de escassez do pasto:

— É um alimento barato para quem se dedica na produção de leite e quer aproveitar melhor os animais. E o silo não vai sair caro. De material vai só os tijolos e o cimento, que o trator e a mão-de-obra é dos produtores mesmo, que trabalham em sistema de mutirão.



O pessoal de Coronel Barros foi conhecer sua máquina na Cooperativa



CAI O CONSUMO E O PRODUTOR É QUEM PAGA

“Deste jeito, vamos ficar com as vacas só pra se entreter, que lucro não se vai ter nenhum”. Esta foi uma das reações mais amenas dos produtores frente a redução no preço do leite anunciada pelas indústrias. Houve também quem falasse em greve, em não pagar os financiamentos de estábulos e animais, em abandonar de vez a produção leiteira.

A redução foi a forma encontrada pelas indústrias para superarem a crise provocada pelo subconsumo de leite em todo País. Do ano passado para cá, o povo passou a comprar 35 por cento a menos do leite e derivados que consumia até então. A baixa no preço foi permitida pela Sunab (Superintendência Nacional do Abastecimento), que estabeleceu, numa portaria publicada em 7 de julho, que as indústrias ficavam livres para tratar com os produtores a fixação do preço do leite extra-cota.

E cada indústria adotou uma forma de fixar a remuneração dos produtores. Este leite extra-cota é a entrega que supera a média de entrega nos meses críticos de produção, que no Rio Grande do Sul é o período de abril, maio, junho e julho. A portaria da Sunab ainda fixou os preços mínimos do leite, diferenciando o

valor da produção que for destinada para consumo humano (leite em saquinho), fixado em Cr\$ 29,00 o litro, e para industrialização (queijo, manteiga, etc), que ficou em Cr\$ 27,00 o litro.

O PREÇO NA CCGL

Na região de atuação da CCGL foi decidido que, em princípio, as cooperativas não aplicarão o leite-cota. Toda produção entregue pelos associados nos meses de primavera e verão será recebida sem a fixação deste critério. Por outro lado, os produtores receberão o preço normal para o leite consumo e o valor de Cr\$ 22,00 de adiantamento para o leite indústria. É possível que, mais tarde, existindo uma reação melhor no mercado, este preço para o leite indústria venha a ser reajustado.

Parte da produção será recebida como leite consumo e o restante em leite indústria. As porcentagens deverão variar em função do aproveitamento do leite na indústria. No mês de agosto, por exemplo, o pagamento será na base de 80 por cento para leite indústria (a Cr\$ 22,00 de adiantamento) e 20 por cento como leite consumo (a Cr\$ 29,00 o litro), o que dá uma média de Cr\$ 23,40 no lugar dos Cr\$ 27,40 obtidos antes da redução no preço.

Quais as razões da crise?

Se o consumo de um alimento cai, em 35 por cento de um ano para o outro, o que se pode esperar que aconteça? Sobra de produto. Mas isto não em função de produção excessiva, mas sim por falta de consumo. E é exatamente o que está acontecendo no leite e também a razão das indústrias passarem a pagar menos aos produtores pelo produto que comercializam.

A situação chegou num ponto tal, segundo o vice-presidente da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite), Rubem Wolff, que “até se tem medo de não se ter mais dinheiro para pagar o leite daqui a algum tempo”. É ele quem explica direitinho as razões da crise e porque as indústrias resolveram reduzir o preço do leite pago ao produtor, tentando evitar uma acumulação de seus prejuízos:

— Os últimos aumentos do preço do leite, principalmente o último, foram um desastre para as indústrias e comerciantes. O povo deixou de comprar leite e derivados, principalmente queijo, pela falta de dinheiro.

E AINDA SE IMPORTOU

Quem visse a situação do ano passado, jamais iria dizer que o abastecimento de leite chegasse a esta crise. A falta de produto fez o Governo importar, segundo dados oficiais, 50 mil toneladas de leite em pó, o que corresponde a nada mais, nada menos, que 525 milhões de litros de leite (ou mais ou menos a produção, na CCGL, de 120 mil litros de leite por dia durante 12 anos). Só que na verdade, com as importações feitas pelas indústrias, a quantidade de leite em pó que entrou no Brasil chegou a 98 mil toneladas, quase o dobro do dado oficial.

Oras, como a produção aumentou apenas 5 por cento do ano passado para este, o Brasil no mínimo deveria importar umas 30 mil toneladas de leite em pó este ano para garantir o abastecimento do mercado interno. Só que isto não aconteceu. Muito pelo contrário. Segundo o vice-presidente da CCGL começou a sobrar leite.

ONDE FICA A DIFERENÇA

Estas e outras explicações, Rubem Wolff foi levar numa reunião com cerca de 40 produtores da

região Leste de Ijuí, que não se conformavam com a redução do preço decidida pelas indústrias. Os produtores, por exemplo, mostraram muito interesse em saber aonde ficava a diferença entre os Cr\$ 29,00 que recebem como pagamento pelo leite destinado ao consumo e os Cr\$. . . . 43,00 pagos pelos consumidores por um litro de leite pasteurizado. “A primeira impressão”, disse Wolff, “é que a diferença é muito grande, mas também temos que ver os custos da indústria”.

Segundo ele, a margem de ganho da indústria num litro de leite praticamente não existe. Wolff contou que existe muito custo em cima do valor pago aos produtores:

— Tem Cr\$ 2,00 por litro de custo no transporte até as cidades mais distantes, como Porto Alegre. Ainda se paga mais Cr\$ 2,00 para os distribuidores que levam o leite para os supermercados, padarias, mercearias; Cr\$ 2,50 é o lucro do varejista; Cr\$ 3,00 custa a embalagem de saquinho plástico; mais ou menos 5 por cento, ou Cr\$ 1,50, se tem de quebra (saquinhos furados, etc). Além disso os supermercados



Rubem Wolff: os últimos aumentos foram um desastre

não pagam à vista pelo leite, e nós temos que descontar as promissórias em bancos, pagando 6 por cento de juro ao mês, o que dá mais uns Cr\$ 2,50 por litro.

A indústria também não sabe o que fazer com o queijo. A CCGL, por exemplo, passou o verão com mais de 700 mil quilos de queijo estocados, por não existir mercado para colocar o produto. Diz Wolff:

— Hoje nos custa Cr\$ 405,00 produzir um quilo de queijo e se

consegue vender apenas por Cr\$. . . 300,00. Exportar, que poderia ser uma solução, também não está adiantando. Na Argentina, por exemplo, nos pagam só dois dólares (ou pouco mais de Cr\$ 200,00) pelo quilo do queijo. O Governo não dá incentivo para exportar queijo, como dá em outros produtos industrializados.

NOVOS MERCADOS

Enquanto Rubem Wolff fazia todas estas colocações das dificuldades e prejuízos enfrentados pelas indústrias com a comercialização do leite, foi interrompido pelos participantes da reunião. Dona Meta Krampe, da Linha 9 Leste, por exemplo, cobrou do vice-presidente da CCGL a compra da Laticínios Mayer, de Santa Rosa:

— Se a situação está tão difícil por que ainda compram a Mayer?

Wolff explicou as razões da compra, lembrando que a CCGL assumiu o controle acionário desta indústria, ficando com 77 por cento das ações:

— A Mayer tem uma tradição de 25 anos, e compramos assim uma boa fatia do mercado. No futuro isto vai representar muitos ganhos para o produtor também desta região, pois cresce nossa atuação na área de laticínios, o que deixa a todos nós mais fortes.

Situação idêntica serve, segundo ele, para explicar os investimentos feitos pela CCGL na construção de uma fábrica de leite em pó em Languirú:

— É o mesmo que o produtor investir quando precisa. Nós fizemos um financiamento bom, ainda na base de 15 por cento, e esta fábrica vai nos permitir aproveitar melhor a produção e também nos tornar mais fortes no mercado.

De acordo com sua opinião poucas serão as indústrias de leite que irão sobreviver a esta crise. Ele conta, inclusive, que muitas pequenas indústrias do Centro do País já estão fechando as portas, por não aguentar os prejuízos provocados por esta crise:

— Nós, agora com a fábrica de leite em pó, posso garantir para vo-

cês, seremos um dos poucos a sobreviver para contar a história.

É de Wolff também a informação de que até as cooperativas se atrasaram em não fazer esta fábrica mais cedo:

— Todo soro que nós botamos fora nos últimos dois anos, por não se poder aproveitar, pagava a indústria.

Lá, além de secar o leite, também se deverá secar o soro que fica da produção de queijo, aproveitando para fabricar refrescos:

— Quem não conhece muito bem, não diferencia o sabor do soro secado e leite em pó. Com este soro pretendemos fazer refrescos (com sabor de baunilha, chocolate, etc) e tentar um novo mercado. Todo o soro que já botamos fora aqui, daria para se fabricar 800 mil copos de refresco.

O soro na indústria de ljuí também será aproveitado. Para não levar imensas quantidades até a fábrica em Languirú, a CCGL vai condensar este produto, fazendo de cada 5 litros um litro de soro para depois secar.

IMPORTAR DE NOVO

Rubem Wolff não vê, pelo menos por enquanto, uma saída para o problema criado pela redução de consumo. A proposta que ele fizera ao Governo, de distribuir leite de graça nas escolas, pagando às indústrias o preço de custo, não foi aceito pelo pessoal da CFP (Comissão de Financiamento da Produção). Subsídio ao leite é uma coisa que não lhe passa pela cabeça, pois o subsídio é sempre uma distorção:

— Não será só o pobre quem vai se beneficiar. Muita gente que poderia pagar o preço real vai sair lucrando com este tipo de medida.

O que está certo, segundo Rubem, é que esta situação vai provocar uma reviravolta:

— Com a produção que está aí, que não é superprodução coisa nenhuma, a previsão é que a daqui a dois anos o país terá que importar novamente leite em pó. Com todo este desestímulo provocado por preço, não teremos leite suficiente para abastecer depois o mercado.

O bolso do povo não aguenta mais

Como em muitos outros gêneros alimentícios, a tendência da maioria das famílias da cidade é reduzir ao máximo ou abandonar o consumo do leite, como resposta a seus altos preços. Enraizado nos hábitos alimentares gaúchos, o consumo do leite em várias refeições — assim como o pão — parece estar sendo varrido das mesas dos trabalhadores da cidade.

Os relatos são muito parecidos. João Alberto Coelho, 42 anos, funcionário público estadual, salário mensal de Cr\$ 25 mil, reduziu a compra diária de dois para um litro de leite. “Eu e minha mulher já não vemos o leite, que ficou para o café da manhã da guria (a filha, de 12 anos) e para a mamãe (64 anos)”.

Alfredo Soares Santos, 33 anos, motorista de ônibus, Cr\$ 14 mil mensais, tem três filhos com menos de sete anos. Ele e a esposa tomavam café pela manhã e à noite. O consumo reduziu-se a seis mamadeiras diárias para as crianças, caindo de cinco para dois litros, “do magro, quando se consegue”.

Queijo, leite, pão e manteiga sempre foram componentes da mesa de Silvia Meyer. Ela foi criada assim, assim criou cinco filhos. “Sorte que quatro já desmamaram”. O consumo da família fica restrito a dois litros de leite a cada três dias. São duas mamadeiras para o menor, café ralo para os maiores, café preto para Silvia e o marido. Queijo há muito tempo que não compram. Margarina substituiu a manteiga.

O QUE MAIS SOBE É COMIDA

“O que me invoca”, reclama o comerciante Mário Almeida Torres, “é que o que mais sobe é a comida, arroz, feijão,

leite, pão, massa, carne. Eu vendia aqui quase 100 litros de leite por dia. Hoje são 50, 60 litros, depende se é início ou fim de mês. Cai o meu lucro, eu tô chorando por isso, mas também eu penso o que as pessoas estão comendo, porque se cortassem o leite e trocassem por outra coisa, ainda vai. Mas não. Aqui na mercearia cada mês eu vendo menos de tudo”.

De seis pessoas, três trabalham na família Goldani, o que dá uma renda familiar em torno de Cr\$ 160 mil mensais. Puderam manter os gostos e hábitos alimentares, consumindo sete litros de leite diários. Passaram, entretanto, de um gasto de Cr\$ 77,00 para Cr\$ 301,00 por dia, ou mais de Cr\$ 9 mil mensais, quase um terço do que dispendem com o restante da alimentação.

E AINDA O DESEMPREGO

A família de Marlene Oliveira, como se já não bastasse os aumentos a que todos se submetem, ainda se viu atingida pelo desemprego. O marido ficou três meses desempregado — trabalha na construção civil — e ela tratou de conseguir mais trouxas de roupa para lavar em casa. Dos Cr\$ 12 mil que o marido tirava, restou apenas o seu trabalho doméstico, que rende no máximo Cr\$ 7 mil. “Não dá pra dizer certo, porque cada roupa que eu lavo eu já uso o pagamento para o diário. De leite um litro por dia é só para as crianças — que são duas — porque sem isso não dá pra passar, não é?”

Nos poucos armazéns que sobrevivem ao avanço dos supermercados, a situação também não é das melhores. Nas vilas, por exemplo, o fiado, apesar da inflação, ainda é o remédio para vender e



Os altos preços ao consumidor estão provocando uma redução na compra de leite e derivados.

para consumir. Dos produtos que têm mais saída, o leite está em primeiro lugar, seguido pelo arroz, açúcar, café e, por último, a carne. A maioria dos produtos ainda é vendida a granel, como diz seu Arthur, de Viamão. “Se a gente não faz isso o pessoal não come”.

Na avenida Bento Gonçalves, funciona talvez um dos poucos armazéns da área metropolitana de Porto Alegre que ainda adota caderno. Seu Henrique e Sadi, os proprietários, têm cerca de 50 clientes nesta modalidade. Dos produtos que têm mais saída, o leite ainda é a principal pedida, em média de dois litros por família. Para compensar o crédito, é cobrado Cr\$ 2,00 a mais por litro, tanto do magro como do gordo. Seu Henrique explica a medida: “Ninguém hoje em dia tem dinheiro vivo todo dia para tudo. Pra que todo mundo possa ter as coisas na mesa, adotamos o caderno, que pode ser pago semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente. Leite e cigarro se cobra um

pouquinho mais, pra se ter um lucro”.

Afora o preço, a professora primária Alcides Nogueira aponta outro dado para justificar a redução no consumo: a péssima qualidade do saquinho. Consumidora diária de dois litros, insatisfeita com o aroma e sabor, passou a comprar leite em pó. Para ela e o marido, que têm uma renda aproximada de Cr\$ 40 mil, o gasto diminuiu. Se gastavam cerca de Cr\$ 2.500,00 em leite de saquinho, agora gastam Cr\$ 900,00 com duas latas de leite em pó por mês.

Solução? A maioria não aceita o boicote ao leite por parte dos consumidores como forma de baixar o preço. Teria que ser em âmbito nacional e aqueles que só conseguem comprar leite, do que iriam se alimentar? A idéia geral é um congelamento total de preços de todos os gêneros de primeira necessidade por um ano, para que, com os reajustes semestrais, os salários venham a ter poder de compra com folga. (Coojornal).

"O PREÇO NÃO PAGA NEM O SERVIÇO"

"O colono nunca leva vantagem", conclui com tristeza dona Elvira Giesler, ao comentar, junto com o marido, seu Benjamin, esta redução anunciada no preço do leite pago ao produtor. Eles têm 50 hectares na Linha 17 Norte, em Ajuricaba e estão entregando atualmente perto de 80 litros por dia para a CCGL.

Se a situação continua assim, segundo dona Elvira, se vai continuar com as vacas só pra se entreter, "que não é para ficar de valde, porque lucro é que o leite não dá. O prejuízo sai do produtor, que este preço não paga nem o serviço".

O seu Benjamin é um dos que reconhece que para o produtor quanto mais caro o produto melhor seria, "só que o pessoal da cidade não ganha que chega para pagar. Compreendo que o pobre está mal, mas o produtor também está". Seu Benjamin só imagina se tivesse que comprar o leite que sua família consome: são sete litros por dia para cinco pessoas, fora o queijo, a manteiga e a nata:

— Isto dá mais do que o salário mínimo se a gente ia comprar.

Tanto seu Benjamin quanto a dona Elvira têm claro que para o consumidor é muita coisa pagar estes Cr\$ 43,00 pelo litro do leite. Mas para o produtor, o preço mal paga o investimento e o serviço com as vacas. Pergunta a dona Elvira:

— Onde fica esta diferença do que nós ganhamos e o que o pobre paga? Não dá quase mais para produzir, o trato é horrível, come a gente.

DESGOSTO

Quem também acha que antes da redução o preço ainda compensava é a dona Christina Damian, da Linha 21 de Abril, em Ijuí. Ela vende pouco leite por dia, coisa de 10 litros, mas era este dinheiro



Christina Damian: dá desgosto



Égide Klamt: baixar tudo



Benjamin e Elvira Giesler: o preço mal paga o investimento

que vinha permitindo cobrir os outros gastos da cozinha:

— Não estou contente com a quebra, que pagam menos pro produtor mas continua a mesma coisa para quem compra. A gente não pode dar culpa pra ninguém com esta quebra, mas fica muito desgostosa com o preço.

Dona Égide Klamt, do Paraíso, em Augusto Pestana, ficou muito revoltada quando soube da notícia. Ela está vendendo a média de 65 litros de leite por dia e acha que esta situação não serve para os produtores:

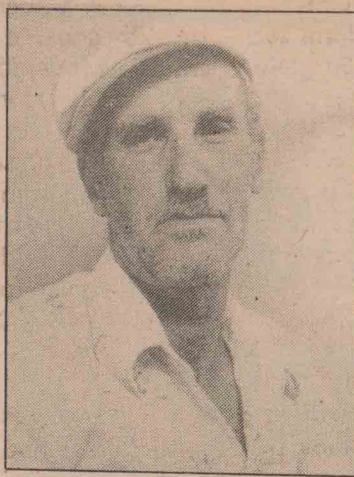
— Nós temos que pagar frete, Funrural, capital e não sobra para pagar o trato. Primeiro iludiram nós que era pra comprar estas vacas caras. Agora pagar com o leite não vamos ter condições. E pagar com o quê, se estamos vivendo do leite que a soja não dá mais? Por que não baixa também o preço dos outros produtos, do vestuário, remédio, açúcar? Isto a Sunab não baixa, só o nosso produto.

Já a dona Cedi Seifert,

da Linha 21 de Abril, em Ijuí, até nem era contra baixar o leite, desde, é claro, "que a ração e o que nós compramos no supermercado também baixe".

A família está produzindo 60 litros por dia e ela não acha justo que o produtor ganhe menos porque está difícil vender o leite na cidade:

— Isto não vai adian-



Osvino Schünemann: o produtor não tem culpa



Cedi Seifert: baixar também para o consumidor



Silca Wattcher: pagar se der

tar se não baixar o preço pra quem compra na cidade, que assim não aumenta o consumo e não vai ser resolvida a situação. Como é que pode que aquilo que a gente compra só sobe de preço e aquilo que a gente vende até baixe? Parece até que só querem deixar quem tem bastante leite ainda produzindo, que os pequenos não vão agüentar esta situação.

TAMBÉM PAGAR O QUE DER

Opinião bem parecida tem a dona Silca Wattcher, de Ponte do Ijuizinho (Augusto Pestana). Ela está cansada de puxar as tetas das vacas para tirar, hoje, uma média de 50 litros por dia, e ver que o trato dos animais não está mais sendo pago com o preço do leite:

— Tudo levanta o preço, menos o que é do colono. Será que a ração uma vez baixa? A pastagem que a gente faz cada vez se torna mais cara. O jeito é fazer com os nossos financiamentos a mesma coisa como fazem as indústrias: pagar o que se pode. O que não puder não se paga. Pronto.

"Nunca que estou de acordo com este preço", fala o seu Osvino Alberto Schünemann, produtor de 65 a 70 litros por dia em Rincão dos Müller, Augusto Pestana. Ele diz que aceita este preço "só se me comprarem as vacas de novo, e com lucro. Onde foi que já se viu isto, tudo sobe e o leite querem baixar?"

Na sua opinião o produtor não tem nenhuma culpa se o pobre não tem dinheiro pra comprar leite e o consumo reduziu muito nas cidades:

— Nós se não temos dinheiro temos que nos virar. Que paguem então o leite do pobre! Como é que nós vamos ter as vacas com estes preços? Nós estamos ali com a criação, enforcados. Agora que estava começando a render o leite vem isto aí. Com o que a gente vai começar agora?

Gramínea quando nasce esparrama pelo chão, com chuva ou sem chuva Surflan dura um tempão.

Surflan é o único herbicida superficial que espera até 21 dias pela chuva, sem degradação. Com Surflan você não coloca em risco seu trabalho nem seu investimento.



Surflan líquido. O que era bom ficou melhor.

ELANCO

BOTAR O PORCO A PASTAR

O Departamento Técnico da Cooperativa lança a proposta de criação de suínos em pastagens, como forma de diminuir os efeitos da crise e os altos custos de criação de suínos pelo sistema de confinamento.

Criar os porcos soltos no campo, comendo alfafa, aveia e outras pastagens, é o que está sendo agora proposto pelo Departamento Técnico da Cotrijuf como forma de permitir um barateamento nos custos de produção de suínos.

"É uma proposta cooperativista", ressalta o agrônomo Renato Borges de Medeiros, diretor técnico da Cooperativa. Ele chama a proposta de cooperativista pois a intenção é permitir que todo e qualquer produtor possa lançar mão deste sistema produtivo. É bem o contrário daquilo que acontece no sistema de confinamento, on-

de os investimentos exigidos na construção de chiqueiro e demais instalações, afastam o produtor da atividade ou terminam por endividá-lo demais. Diz o Renato:

— Não queremos saber de coisas elitistas, que só possam ser feitas por alguns produtores. A nossa intenção é que a grande maioria dos produtores possa adotar este sistema de produção.

Este tipo de proposta não está surgindo apenas para o porco, mas sim também para aves, gado de leite. É como o Renato explica:

— São práticas simples, adotadas se possível



A intenção é tornar mais barata e rentável a produção de suínos

na menor escala, porque achamos que o produtor não pode e não tem mais condições de investir. É preciso adotar sistemas de produção que tornem mais baratas e rentáveis as atividades da propriedade rural.

IDÉIA BÁSICA

A proposta não está sendo levada apenas a nível de produtores. Ela também está merecendo experimentação no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuf) em Augusto Pestana. Lá estão sendo implantadas pastagens para identificar o que de melhor se tiver para adotar. Estão sendo formados experimentos com alfafa, com alfafa consorciada com pensacola, alfafa com pangola, e mais quicuío com trevo branco.

A idéia básica, segundo o Renato, é que na fase inicial de crescimento os leitões em amamentação também sejam soltos no pasto durante algumas horas do dia. Mais tarde, a partir da terceira ou quarta semana de idade, os leitões ficariam permanentemente nas pastagens até atingir 35 ou 40 quilos de peso. A partir de então passariam a receber alguma complementação de alimento, mas não só de ração, como também de batata, mandioca, abóbora... A suplementação em ração deverá depender da época do ano, do estágio de crescimento das pastagens e desenvolvi-

mento dos animais.

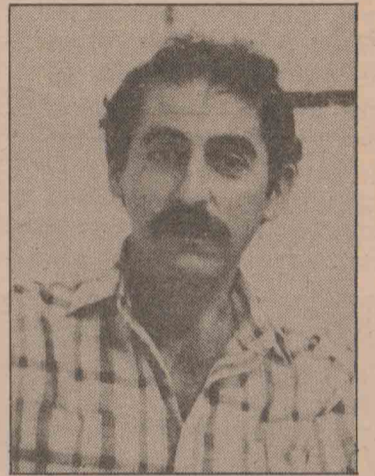
A proposta, na verdade, é um retorno aos antigos sistemas de produção, que foram "enterrados" com a propaganda dirigida no sentido de que apenas a sofisticação na criação é que permitiria melhores resultados econômicos. O Renato é quem lembra:

— Se sabe que nos Estados Unidos, até a década de 60, era muito comum a produção de suínos em cima de pastagens. Inclusive até 1950 a alimentação em pastagens era considerada a ideal para que se atingisse o máximo em termos de desempenho alimentar dos animais.

MENOS GENTE PRODUZINDO

Mas tanto nos Estados Unidos como em boa parte do mundo, as pastagens foram dando lugar a imensos chiqueiros e o pasto verde substituído por rações industrializadas. E foi só este sistema de confinamento se firmar, para que diminuísse o número de produtores envolvidos na criação de suínos. Ao mesmo tempo, aumentou o número de animais por produtor que permaneceu na atividade. Conta o Renato:

— Esta mudança no sistema de produção, porém, não alterou o desempenho dos animais. O que ela provocou foi um aumento nos níveis de pro-



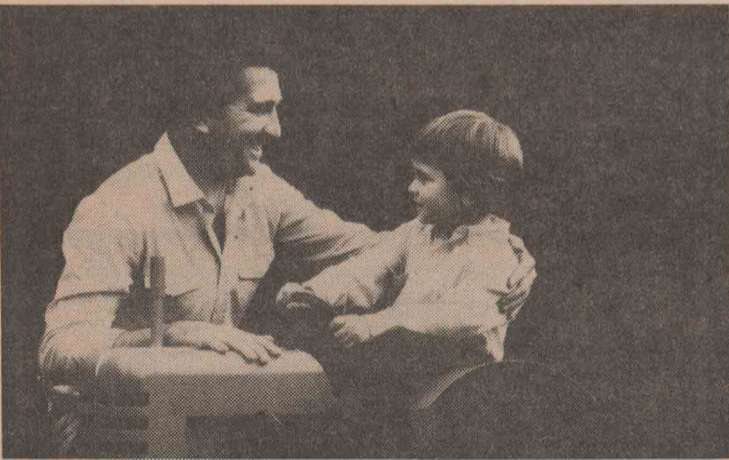
Renato: nada de coisa elitista

dução, pois menos produtores e menos trabalho eram exigidos para criar as mesmas quantias de suínos

Esta volta a uma criação de suínos mais baseada em pastos do que em rações industrializadas, inclusive deverá permitir também que se "ressuscitem" raças de suínos que praticamente estão em extinção no Brasil. Este seria o caso, segundo o Renato, da raça Wessex, conhecida por faixa branca, pois seu desempenho em cima de pastagens pode alcançar níveis muito bons.

Esta proposta não se prende, porém, apenas ao uso de pastagens, como também a um esquema de produção onde entre ainda a abóbora, a mandioca, a batata, tudo visando uma redução nos custos de produção dos suínos. A tentativa é evitar que os produtores abandonem por completo mais uma vez esta atividade em função de fatores que eles não possam controlar.

A TERRA QUE HOJE É MINHA, UM DIA SERÁ SUA, FILHO.



LAÇO^{CE} GARANTE.

Eu cuido bem da minha terra, filho. Ela é o meu capital, e um dia será sua. Pro mato eu dou o herbicida Laço^{CE}. Ano após ano. Ele elimina as folhas largas e estreitas sem afetar a cultura nem o solo. Laço^{CE} não precisa incorporar. Isso é econômico. E também protege o solo.

Com Laço^{CE} é plantar e colher. Ano após ano.

Eu cuido bem da minha terra.

Dou Laço^{CE} para ela.

Laço^{CE} é marca de Monsanto Company e Monsanto Co., 1981.



Só aplique defensivos em sua lavoura quando for absolutamente indispensável. Consulte sempre um agrônomo para saber qual o produto recomendado. Economize dinheiro e preserve sua saúde. Em cada aplicação você pode estar morrendo um pouquinho.

Poupar nos investimentos

Quando os irmãos Dumke, que moram em Ponte do Ijuizinho, em Augusto Pestana, botaram na idéia de também criar suínos para comercializar, a primeira coisa que pensaram foi em não investir demais. Aproveitaram os chiqueiros que tinham sido construídos na época em que o pai ainda vivia e adotaram o sistema de deixar os leitões soltos pelo quintal da casa.

Isto aconteceu no ano passado, e desde lá seus leitões são criados meio soltos e meio presos, como explica um dos irmãos, o Alberto:

— Eles podem comer soltos muita coisa. Comendo e saindo prá fora os leitões crescem muito mais e daí podem engordar mais rápido. Se ficam só lá presos no chiqueiro, comendo só ração, não compensa, que fica muito caro.

A intensão era também soltar o bicharedo numas pastagens, mas Alberto explica que não sobrou tempo prá fazer os piquetes e eles ficaram com receio dos animais invadirem os pastos dos vizinhos. Por enquanto, seu sistema é deixar os leitões soltos até os dois meses e encerrar depois para engordar. Na chiqueirada que venderam no ano passado, chegaram a uma média de 90 quilos por cada leitão com nem cinco meses de idade. Diz o Alberto:

— Queremos ver se agora deixamos eles soltos junto com as porcas em cima do azevém. Na aveia e na alfafa acho que não dá, que elas não agüentam o pisoteio. Depois vamos fazer as contas e ver se vale a pena. Hoje nós já damos o pasto verde para os animais grandes que ficam dentro do chiqueiro. Estes a gente não solta agora, porque todos os bichos já tão soltos. É pato, marreco, peru, galinha, vaca, ganso, e é capaz de algum se machucar.

VER SE COMPENSA

Quem sabe da criação dos porcos na propriedade

do seu Lotário Bruinsma, em Linha Progresso — Augusto Pestana — são os seus filhos Claudionor e Antenor. Eles, que têm comercializado entre 18 mil e 20 mil quilos de porco por ano, acham que pode ser interessante a idéia de criar porco em cima de pastagem. Diz o Claudionor:

— O que a gente tem que evitar é despesa de investimento. Mas quem tem pouco porco acho que não vale a pena fechar uma área pra fazer pastagem, que é uma despesa que pode não compensar. Já quem tem muito porco vai precisar de muita área. Pode ser bom pra quem tem uma média de criação.

O Antenor comenta que se for vantagem é claro que eles também vão pensar em mudar o seu sistema de criação, que hoje é todo na base do porco preso em chiqueiro.

Quem mais levanta algumas dúvidas é o Claudionor, que mesmo encarando de forma favorável este tipo de proposta, conta que "o preço do porco também tem que compensar, porque é mais uma despesa do produtor e, se a gente faz, tem que receber um preço bom". Outra coisa que ele comenta é que estas pastagens têm que ser feitas em locais bem escolhidos:

— Tem que ter um lugar especial para o verão, pois não se pode largar os bichos no sol. Estes piquetes vão ter que ter lugar de sombra e de água.

UM JEITO DE CONTINUAR

Lá em Ajuricaba, na Linha 21, o seu Valdemar Barriquelo até já anda construindo piquetes e formando pastagens prá largar seus porcos:

— Estou fazendo quatro piquetes, que vão pegar um total de 2 hectares. Acho que isto vai baratear prá produzir o porco.

E isto que recém há um ano o seu Valdemar pegou umas economias e



Alberto Dumke: ver se vale a pena

construiu um chiqueiro novo. Financiamento, ele só pegou prá comprar 8 criadeiras e juntar com outras 10 que ele já tinha num chiqueirinho junto de casa. Até agora, pelos seus cálculos, ainda não conseguiu recuperar o dinheiro que aplicou, pois depois de pronta sua instalação, a criação de porco só começou a dar prá trás:

— Já estou fazendo os piquetes para largar os leitões com 120 dias e depois botar prá dentro do chiqueiro só prá terminar. Plantei aveia, azevém e alfafa, que este é um jeito do agricultor poder continuar. Hoje quem está enfiado em banco, com financiamento prá chiqueiro muito moderno, não vai tirar do porco o recurso prá pagar a dívida.

PROCURAR MENOS CUSTO

Outro produtor de Ajuricaba que também já está pensando seriamente em adotar, o sistema de pastagens é o seu Ricardo Uhde, que tem 38,5 hectares na Linha 20, em Ajuricaba.

— Pastagem é uma boa, porque não encarece demais para criar. O cara vai sentindo que porco não está dando, então tem que procurar o que dá menos custo. Eu estou com vontade de experimentar aos pouquinhos. Inclusive já começamos a soltar a leitoada.

O seu Ricardo lembra



Antenor e Claudionor Bruinsma: pode ser interessante



Valdemar Barriquelo: baratear o custo

que toda vida só conheceu criação de porco em chiqueiro e nada desta coisa de soltar em pastagem:

— Mas naquele tempo tinha abóbora, mandioca e milho que se dava pró bicharedo.

Mesmo fazendo ração em casa, ele diz que não dá mais pró produtor agüentar o preço de produzir o porco. Ele mesmo,



Ricardo Uhde: vontade de experimentar

que fez financiamento de parte do chiqueiro que construiu há um ano, diz que é preciso achar um jeito de resolver esta situação. Ele tinha, por exemplo, o plano de aumentar a criação com mais umas três ou quatro porcas, "que o serviço é o mesmo. Mas isto só se melhorar a situação, que senão termino com tudo".

Arrozeiro!

Dual não é herbicida para arroz.



Mas é o maior inimigo do capim arroz na soja que tem aparecido nos últimos anos.

(...) ficou evidenciada a viabilidade do uso do Metolachlor na cultura da soja, quer pela alta seletividade apresentada, quer pela eficiência no controle das invasoras, principalmente como gramínicida. Quanto ao efeito residual foi muito satisfatório, considerando-se a boa efetividade de controle apresentada. (...)

extrato do trabalho "Competição de herbívoros na cultura da soja em várias condições" do Prof. Lorenzo Covato, publicado na revista Lavras Arrozosa de março de 1978

Na próxima rotação arroz/soja, lembre-se que Dual livra sua lavoura de soja do capim arroz, sem precisar incorporá-lo.

METOLACHLOR — princípio ativo do DUAL

CIBA-GEIGY



Os defensivos agrícolas não são venenos só para as plantas. Eles também podem intoxicar o homem. Antes de qualquer aplicação na sua lavoura veja bem se existe mesmo a necessidade de aplicar defensivos. Na dúvida, procure um técnico. Ele poderá orientá-lo sobre a melhor forma de controle das pragas e das doenças.

A DEPENDÊNCIA POR TRÁS DOS HÍBRIDOS

O medo da dependência está provocando por parte de algumas lideranças do setor rural o início de uma discussão sobre o milho híbrido. Se tecnicamente o híbrido é encarado como um grande avanço no sentido de permitir maior produtividade e, conseqüente aumento de produção, hoje começam a ser levantadas uma série de dúvidas sobre a conveniência de os produtores terem deixado de lado e até perdido as sementes de seus milhos crioulos em função das vantagens que os híbridos começaram a mostrar.

Até aí tudo bem. Mas o caso é que começa a crescer um sentimento de receio por não estar na mão dos agricultores a tecnologia da produção de semente de milho híbrido. Esta tecnologia é dominada por algumas empresas multinacionais que se encarregam de abastecer o mercado em todo mundo das sementes necessárias para o plantio. E o híbrido, isto a maioria do produtor sabe, exige que se compre todo ano novas sementes, pois de safra prá safra seu rendimento vai caindo, até não compensar mais o plantio. Esta situação não era conhecida naqueles tempos em que se plantava milho crioulo, como o Caiano ou o dente-de-cão.

ATRÁS DA PROPAGANDA

Hoje em dia encontrar produtor que ainda plante destes milhos de antigamente não é uma coisa das mais fáceis. Até uns cinco anos atrás, por exemplo, o seu Arlindo Seppi, da Linha 19, em Ajuricaba, ainda plantava destes milhos:

— Mas daí eu fui atrás da conversa dos híbridos e deixei os crioulo. Os técnicos diziam que era melhor, tinha muita propaganda, todo mundo já plantava e falava das vantagens, que a gente foi deixando até perder a semente.

Agora, impressionado com o preço que está sendo cobrado pela semente do híbrido, o seu Seppi começou a se bater atrás de semente de crioulo.

— Aquele Caiano e o dente-de-cão eram uns milhos bons e já conversei com uma irmã minha e quero ver se pego umas sementes do dente-de-cão para plantar. Se dá de correr mal o tempo, os híbridos até perdem em produção para estes milhos antigos. Nos primeiros anos os híbridos eram melhor e não eram assim como agora, que vem muito



A tecnologia da produção de sementes de milhos híbridos é dominada apenas por grupos multinacionais

sabugado, e digo que acho que refinaram muito este milho.

O COMUM É PRÓ GASTO

Se o seu Seppi agora se bate atrás de semente, o seu Waldemar Eikoff, de São Pedro, em Santo Augusto, nunca deixou de lado o milho comum. Está certo que não plante muito, e parte da produção de milho seja baseada em híbrido, "que é mais guapo e agüenta melhor o sol".

Desde que lançaram os híbridos ele resolveu de também experimentar o que era novidade. Mas nem por isto esqueceu seu milho crioulo:

— É difícil de achar semente de dente-de-cão e Caiano, que ninguém quase mais planta. Se deixou de lado por causa do híbrido e também porque o que valia o milho e o que valia o porco? Com isso muito se perdeu de semente.

Na sua propriedade, que tem 25 hectares, se planta mais do híbrido que do comum. O primeiro ele reserva para o comércio e o outro para o gasto da casa:

— O comum é mais resistente pró caruncho e também melhor para a criação, que é um milho mais macio que o híbrido, mais fácil de debulhar também. O híbrido pode ser bom para negócio e para fazer farinha, mas caruncha muito ligeiro. E também para debulhar é um sacrifício.

SEMENTE MISTURADA

Quem fez a propaganda para o seu Luciano Dallabrida, da Linha 29, em Ajuricaba, voltar a plantar do milho comum foi um rapaz que hoje em dia é seu genro:

— Ele chegava aqui e falava que na sua casa tiravam milho aos montes deste comum. Me animou e agora faz uns três ou quatro anos que se tem esta semente aqui. No primeirc ano não foi muito bem, que acertei bem a seca. Tinha um canteiro de roça boa, e ali deu boa produção, mas numa outra área a seca pegou na flor e aí não deu.

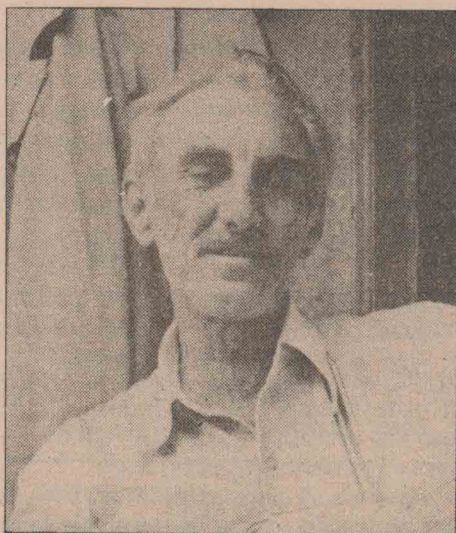
Mas nem por isto ele desistiu. Continuou plantando umas pequenas quantidades para segurar a semente, enquanto anda completando a área de plantio com semente de

híbrido:

— Este comum é milho de uma espiga só por pé, enquanto o híbrido pode dar duas e, algumas vezes, até uma terceira pequeninha. Mas isto também nuns anos. Eu tive anos que peguei híbrido e era de muita renda, mas tem outros anos que não dá, mesmo que o tempo corra bem.

Nos seus planos ainda continua a idéia de plantar um pouco de comum, isto pela mesma razão do seu Eikoff, pois ele reparou que este é um milho mais macio e mais do agrado da criação. Mas não é um entusiasmado do comum:

— Se fosse de plantar em terra boa não teria dúvida que era um milho muito bom. Mas aqui tenho terra muito empedrada. Outra coisa que precisava era encontrar semente pura destes milhos, que hoje em dia



Waldemar Eikoff: híbrido caruncha mais



Luciano Dallabrida: comum está misturado



Albina Rohde: uma espiga deu três latas



Vendelino Rohde: comum pra criação

anda meio misturada com estes híbridos.

BOM PRÓ TRATO

“Tratar leitão com milho híbrido é a mesma coisa que tratar com ração de engorda no lugar de ração de crescimento”, diz o seu Vendelino Rohde, de Rincão Comprido, Augusto Pestana. Esta é, segundo ele, a principal razão de sua família não ter deixado todo de lado o plantio de milho comum. O híbrido ele tem reparado que rende mais, principalmente em anos mais secos, pois ele tem mais resistência para o sol.

Mas também não dá para se queixar de todo do rendimento do comum. É como conta a sua esposa, dona Albina:

— Plantamos ano passado, uma espiga de Caiano branco, que pegamos de um vizinho, e conseguimos colher três latas. Até quem plantou foram as crianças, de enxada, botando três grãos na cova.

Além desta espiga, os Rohde — que são proprietários de 68 hectares — plantaram ainda uns 15 quilos de milho que eles chamam de branco de 90 dias, que é o milho crioulo que eles mais têm cultivado. E do híbrido eles não compram a cada ano toda semente que vão plantar. Diz o seu Vendelino:

— Guardo um pouco de milho prá semente e planto no outro ano. Só compro então uma parte de semente nova e planto a outra parte com milho de segundo ano. Comprar tudo é sempre muito caro e pelo que rende mais não compensa.

Técnica exigente

Época de plantio, espaçamento, densidade e adubação. São basicamente estes fatores — e em alguns casos ainda o tipo de híbrido — que estão sendo levados em conta, tanto por produtores como por técnicos, na formação das lavouras de milho híbrido cultivadas em boa parte do Brasil. Mas este milho não está produzindo aquilo que o seu chamado vigor híbrido permitiria que se tirasse da terra. Nós mal e mal estamos com uma produtividade média de 2.000 quilos por hectare no Rio Grande do Sul. Levando em conta o Brasil inteiro, esta média cai um pouco mais, chegando apenas a 1.500 quilos. E isto é muito pouco quando se sabe que o híbrido pode permitir produções bem mais altas, de até 13 ou 15 mil quilos por hectare.

Só que não é assim tão fácil tirar do híbrido toda sua potencialidade de produção. É bem como contam dois pesquisadores da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, Altomir Pons e Vilson Sutili. Eles é que falam de uma informação de americanos de que são dezenas de fatores que interferem no rendimento. Diz o Pons:

— Um americano fala que são 31 fatores. Já outro fala em 56. Falhando um destes fatores já se reduz o rendimento. O caso é que nós aqui jogamos com meia dúzia de fatores e o resto deixamos por conta. Desta forma, não conseguimos tirar do híbrido todo seu potencial de rendimento.

O DIRECIONAMENTO

Os dois técnicos, que têm feito viagens seguidas para diversas cidades do Rio Grande, contam que vêm notando um certo questionamento político sobre o híbrido. E isto exatamente em função do domínio do mercado por parte destes milhos, praticamente não restando espaço para a produção de variedades comuns.

Numa destas viagens eles fizeram uma parada em Ijuí e passaram o dia com o pessoal do Departamento Técnico da Cotrijuí. Parte da conversa foi exatamente sobre o híbrido. Uma das colocações de um dos agrônomos da Cotrijuí, o Luiz Volney de Mattos Viau, por exemplo, questionava porque a pesquisa está preocupada somente com a produção de milhos híbridos:

— Não que a gente seja contra o híbrido e não acredite no seus potenciais de rendimento. O que não se concorda é com um certo direcionamento somente para o híbrido, se abandonando os milhos antigos cultivados pelos produtores. Frente a esta colocação, o Su-



Altomir Pons: questionar a verdade

tili disse até estar “com um certo medo de que toda esta discussão enterre o milho híbrido. A nível de produtor entrar com variedades (os milhos comuns) ou populações, é correr o risco de baixar demais o nível de rendimento, que para voltar a origem é um tapa”.

QUESTIONAR A VERDADE

Já o Pons tem uma posição um pouco diferente. Segundo ele, até há pouco o híbrido era uma verdade. “Mas por que não questionar uma verdade”? ele pergunta. O que é preciso estar claro, segundo o pesquisador, são as intenções dos produtores com suas lavouras de milho:

— Se aquilo que se procura são altas produtividades, o híbrido ainda é uma verdade inquestionável. Só que para conseguir respostas positivas é preciso também que o produtor, além do híbrido, agregue um conjunto de práticas culturais, que vão variar em função de região, de solo, clima e capacidade financeira do produtor.

Já para os rendimentos baixos, inferiores a 1.500 quilos por hectare, é perda de dinheiro comprar semente de híbrido, pois os ganhos adicionais são poucos em termos de rendimento absoluto. Diz o Pons:

— A palavra final é do produtor. Mesmo que não se queira questionar o híbrido, não podemos subestimar os produtores. E isto nós estamos fazendo, nos esquecendo de antigas experiências de produtores que deram certo.

O Pons se refere, por exemplo, ao cultivo do milho feito pelos incas (povo sul-americanos que foi dominado e exterminado pelos espanhóis lá pela época de 1.600), que tecnicamente parece ser impossível. É que o milho, sendo uma cultura de regiões baixas e úmidas, tecnicamente não teria condições de se adaptar a regiões altas e frias, como é o caso dos andes latinos,



Vilson Sutili: medo de enterrar o híbrido



O híbrido é exigente em técnica

onde foi cultivado com sucesso pelos incas.

DENTRO DA REALIDADE

Se é, de certa forma, inquestionável o potencial de rendimento do híbrido, o mesmo não pode ser dito da tecnologia que ele exige para uma resposta compensadora aos produtores. Aí, exatamente aí, é que entra a questão daquilo que o produtor procura: altos rendimentos a altos custos? Ou produzir milho, sem investir tanto, como uma maneira de se agüentar por mais um tempo na agricultura?

Uma experiência desenvolvida pelos técnicos da Cooperativa em Tenente Portela, por exemplo, demonstrou que a resposta do híbrido não ficou muito além do que se conseguiu com os milhos comuns. Isto em função da técnica que normalmente é empregada pelos produtores. Nesta experiência, já divulgada na edição de fevereiro do Cotrijornal, o rendimento dos milhos crioulos ficou um pouco abaixo daquele obtido com os híbridos, mas por se usar uma técnica sem exageros de custos, dentro daquilo que é a realidade das lavouras.

Realmente, como lembra o Pons, o potencial dos crioulos fica bem abaixo do que se pode conseguir com os híbridos, algo em torno de 3 mil quilos por hectare. Só que isto já é o dobro da média de produção brasileira, quase toda baseada em semente de híbridos.



Acidente de Trabalho

ALGUNS DIREITOS ASSEGURADOS, MAS NEM SEMPRE CONCEDIDOS

Quem quiser fazer uma avaliação bem a fundo dos benefícios e prejuízos que a mecanização da lavoura trouxe para a agricultura gaúcha, terá que levar em conta muita coisa. As trilhadeiras, os tratores e todos os implementos que deram um bom empurrão na produção, também ajudaram bastante, por outro lado, o êxodo rural, correndo muita gente do interior para a cidade. É no meio desses prejuízos que aparece um número bem grande de agricultores mutilados pelas máquinas. Muitos deles perderam até a capacidade de trabalhar, e não são poucos os que estão enleados há tempos na burocracia do Funrural, enquanto outros reclamam benefícios que a Previdência nem sempre concede.

Só quem se envolveu em questões de acidente de trabalho é que sabe o quanto é danada a situação criada pelo verdadeiro labirinto em que foi transformada essa área da Previdência. E, nesse caso, quem sofre com tudo isso são os pequenos produtores e suas famílias e os trabalhadores rurais assalariados. São eles, afinal, os que mais lidam na lavoura, e exatamente eles os que, na hora de reclamar direitos, enfrentam os maiores problemas.

LEI É DE 74

A lei que criou os serviços da Previdência, para atendimento aos acidentados do meio rural, tem o número 6.195 e foi assinada pelo governo em 1974, entrando em vigor em julho do ano seguinte. Foi por causa dessa novidade, que beneficia os pequenos produtores que mantêm suas propriedades sob o regime de economia familiar e os trabalhadores rurais assalariados, que a contribuição à Previdência passou de dois para 2,5 por cento.

Esse desconto sobre a produção é que deve custear todos os benefícios aos quais o agricultor tem direito. Dois por cento da arrecadação ficam para gastos com serviços médicos e hospitalares, aposentadoria e outros serviços. E os 0,5 por cento somados ao desconto, a partir de 1975, ficam para tudo que é da área do acidente de trabalho.

Há tempos que o agricultor sabe que a Previdência em geral tem deficiências, e que na área do atendimento ao acidentado a situação não muda muito do resto. O pior é que, além dos direitos assegurados e nem sempre concedidos, há outros benefícios que deveriam constar dos serviços, mas nem estão previstos na lei. Os filhos menores dos pequenos produtores, por exemplo, nada recebem

de benefício da área do acidente de trabalho, apesar de serem eles os que mais ajudam os pais.

DESAMPARADOS

Os filhos menores não têm direito a atendimento ambulatorial, quando o atendimento é feito no hospital sem a necessidade de internação; não recebem auxílio pelo tempo que ficam sem trabalhar; e não ganham aparelhos de prótese, que são braços ou pernas mecânicas, quando ficam mutilados. Eles só terão atendimento médico e hospitalar nos casos de serem baixados para tratamento, mas isso já é previsto no Prorural. Se o acidente não exige internação, eles devem pagar pelos curativos, atendimento médico, medicamentos.

Também ficam desamparadas, na mesma situação dos filhos menores, as esposas desses agricultores. Os benefícios são assegurados apenas ao produtor chefe da família e aos seus filhos maiores, ou seja, o rapaz com mais de 18 anos, e as moças com mais de 21. Estes têm direito a atendimento ambulatorial; recebem auxílio pelo tempo em que ficam em tratamento; e devem contar com todo o atendimento necessário. O auxílio pago pelo Funrural é de 75 por cento sobre o maior salário mínimo do país, e esse valor fica hoje em Cr\$. . . 6.348,60 por mês. Todos esses benefícios também podem ser reclamados pelo trabalhador assalariado, aquele que recebe salário de um empregador rural.

BUROCRACIA

A representante do Funrural em Ijuí, Hedi Dahlke, lembra que qualquer trabalhador rural maior de 18 anos pode requerer esses benefícios. Ele não precisa ter carteira de trabalho assinada para contar com atendimento. Basta que prove que é trabalhador, e isso pode ser feito com um documento que o empregador fornece, ou com o testemunho de outras pessoas. Dona Hedi assegura que, nesses casos, não há nenhuma burocracia que impeça o atendimento ao agricultor.

O acidentado também pode recorrer a qualquer hospital mais próximo, para atendimento, mesmo que esteja fora de seu município. A Previdência assegura igualmente assistência médica, com profissionais contratados, até o fim do tratamento, e deve fornecer próteses, quando o agricultor perder alguma parte do corpo que possa ser substituída por um membro postiço. Há até um centro de reabilitação em Porto Alegre, pa-

ra que o acidentado fique bem recuperado ou receba instruções para poder usar as tais próteses.

OUTRAS FALHAS

Tudo isso está assegurado na lei, mas não quer dizer que sempre funcione. Essa lei tem, aliás, outras falhas, além daquela que não assegura atendimento aos filhos menores e à esposa do produtor. Se o acidente ocorre, por exemplo, no trajeto entre a casa do agricultor e a lavoura, antes do início ou após a conclusão de um trabalho, o Funrural não cobre as despesas da assistência a ser prestada. O estranho é que o trabalhador da cidade tem esse benefício, que lhe assegura atendimento sempre que ele provar que estava indo ou vindo do emprego.

As falhas não param aí, pois há muita coisa que a Previdência deixou de lado. Outro exemplo é o da aposentadoria por invalidez, se o produtor ficar incapacitado para o trabalho após um acidente. A pensão paga aos pequenos produtores e aos trabalhadores rurais, como aposentadoria, é também de 75 por cento sobre o maior salário mínimo. O valor é o mesmo para todos, não valendo, portanto, as contribuições que tenham sido pagas ao Funrural. Se pergunta, então, por que o valor da pensão é fixo, sem considerar os descontos variáveis à Previdência, já que a contribuição é calculada sobre a produção?

A indagação é feita, levando em conta que os trabalhadores urbanos recebem de aposentadoria um valor de acordo com seus últimos salários e contribuições. Também os empregadores rurais são aposentados com uma pensão que varia de acordo com suas contribuições nos últimos três anos antes da aposentadoria. Mas para o pequeno produtor nada disso é levado em conta. Se ele produziu muito e, por isso, contribuiu com des-

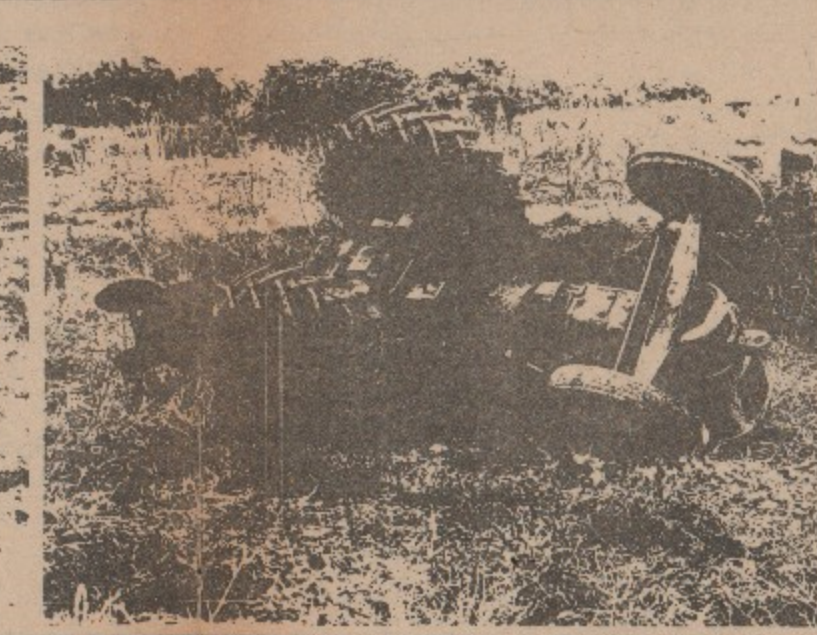
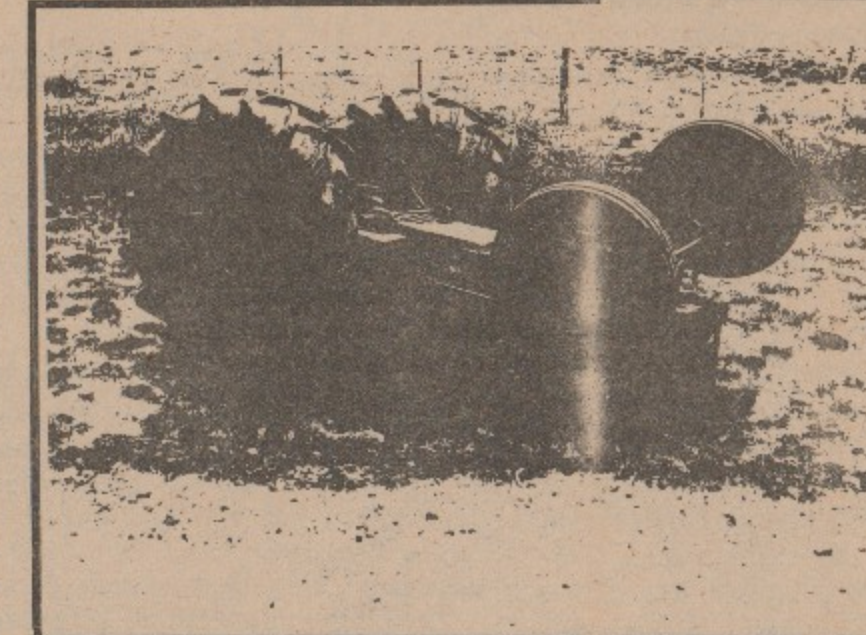
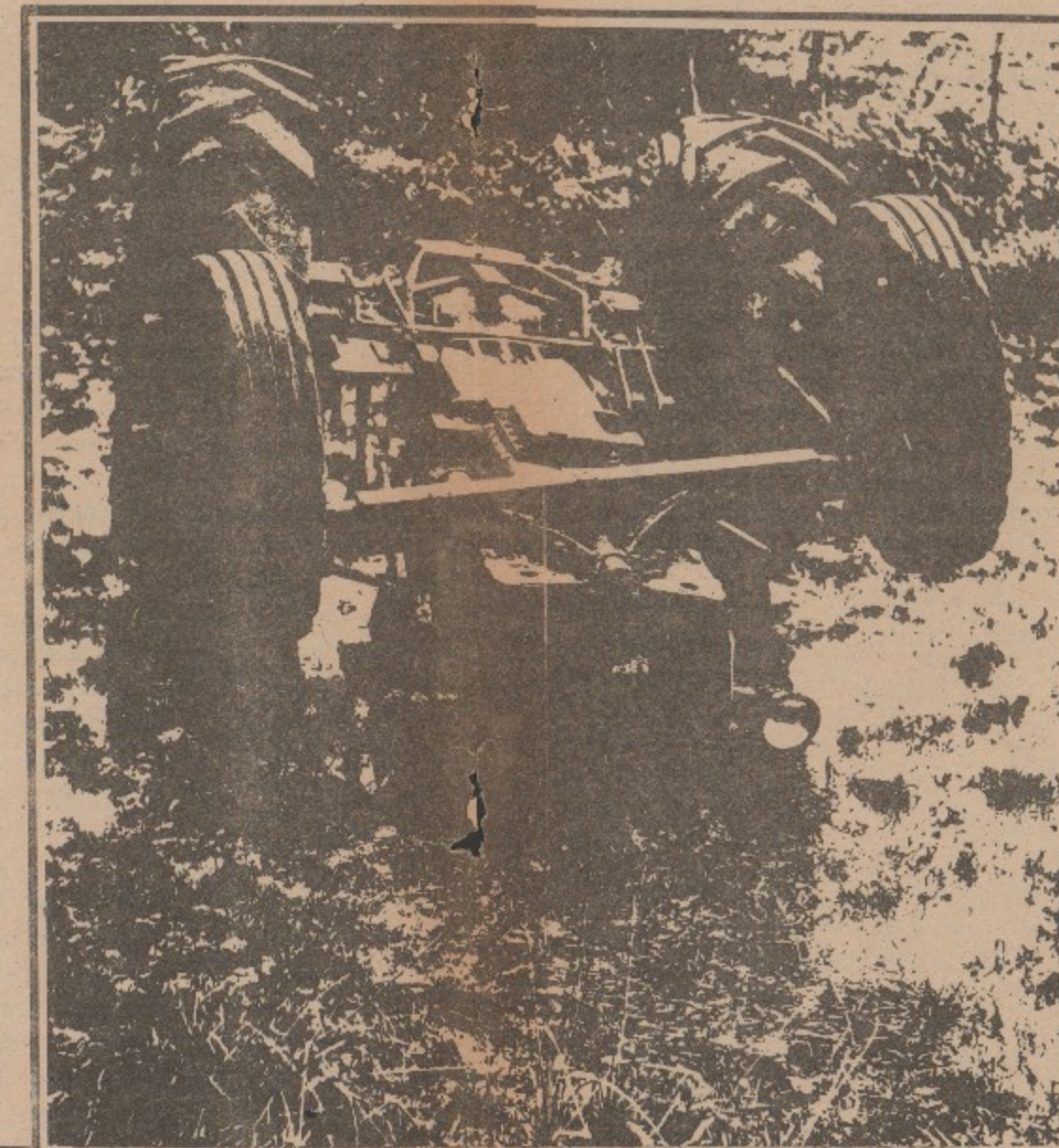
contos elevados de acordo com essa produção, nos últimos anos, o Funrural não considera nada disso.

LUTA CONTINUA

Esse valor fixo de Cr\$ 6.348,60 é o mesmo pago à mulher do minifundiário, no caso da morte do agricultor em acidente de trabalho. Também aí, ao contrário do que acontece para o trabalhador urbano e o empregador rural, não interessa à Previdência de quanto vinham sendo as contribuições do agricultor ao Funrural.

Quem produziu mais e descontou mais, vai deixar para a viúva a mesma pensão de quem produziu menos e descontou menos.

A situação é considerada bastante confusa pelos produtores, e desde o ano passado os dirigentes de sindicatos vêm discutindo essas questões, que envolvem não só os assuntos relacionados com acidentados de trabalho, mas tudo que diz respeito à Previdência para o homem rural. Por enquanto, tudo continua na mesma, e não há sinais de que as melhorias reclamadas aconteçam muito cedo.



Em cada caso uma frustração

— Não leva por mal, mas tu não podes trabalhar mais.

Seu João Savicki recorda que foi mais ou menos isso o que ele ouviu de uma doutora de Ijuí, no ano passado. A doutora até pediu desculpa a ele, por ser tão franca, e ainda arrematou que ele estava mesmo inválido. Foi um susto para seu João, mas aquela não era a primeira, nem seria a última vez que ele ficaria assustado, desde o dia em que se acidentou em novembro de 1979.

Seu João tem 54 anos e planta na Linha 6 Leste, em Ijuí. Durante a colheita de trigo, caiu embaixo de uma carreta e quebrou o omoplata, que é um osso das costas, perto do ombro. O caso parecia simples, mas até hoje não foi resolvido. Depois disso, ele consultou seis médicos, recorreu a dois "arrumadores de osso", fez massagens. Com tudo isso, o braço esquerdo de seu João continua duro, impedindo que ele trabalhe na lavoura.

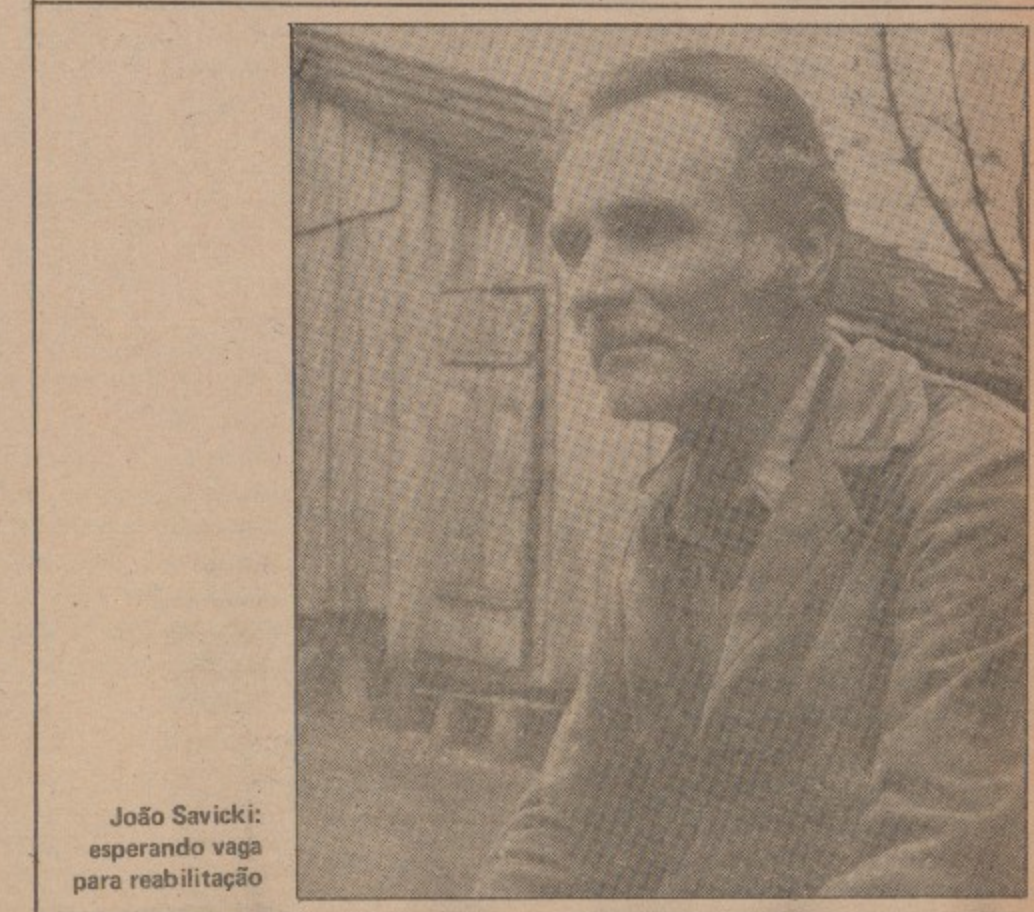
Foi em abril que ele ouviu a doutora dizer que estava inválido, porque a mesma médica descobriu que a espinha do seu João estava trincada. O agricultor foi até a Três de Maio, consultar um especialista, e nos últimos meses andou pensando em fazer a última tentativa de ficar bom. Ele acha que essa última chance está na tal "santinha milagreira" de Santa Catarina, para onde pretende viajar um dia desses.

"PENSAM QUE SOU VAGABUNDO?"

Só que a situação desse produto envolve coisas mais complicadas, que talvez a "santinha" não resolva. Seu João anda chateado com as dúvidas que a Previdência parece que levanta, a respeito da sua incapacidade para o trabalho. "Será que pensam que eu sou um vagabundo?" — pergunta ele, irritado com tanta burocracia para conseguir o que acha que merece: uma aposentadoria, que lhe assegure a pensão de Cr\$. 6.348,60 por mês.

Isso é o que frustra o produtor. Sem poder trabalhar, ele achava que tudo seria fácil para que, com a pensão, sua situação fosse amenizada um pouco. Ele estranha que as normas da Previdência não levem em conta o que ele diz, porque é ele, afinal, quem mais pode garantir se está ou não recuperado para o trabalho. Seu João também acha interessante que, desde novembro de 79 até agora, seu caso tenha ficado assim, andando mais pra trás do que pra frente.

Foi em abril, logo depois de consultar a doutora, que ele decidiu pedir a aposentadoria. Os papéis fo-



João Savicki: esperando vaga para reabilitação

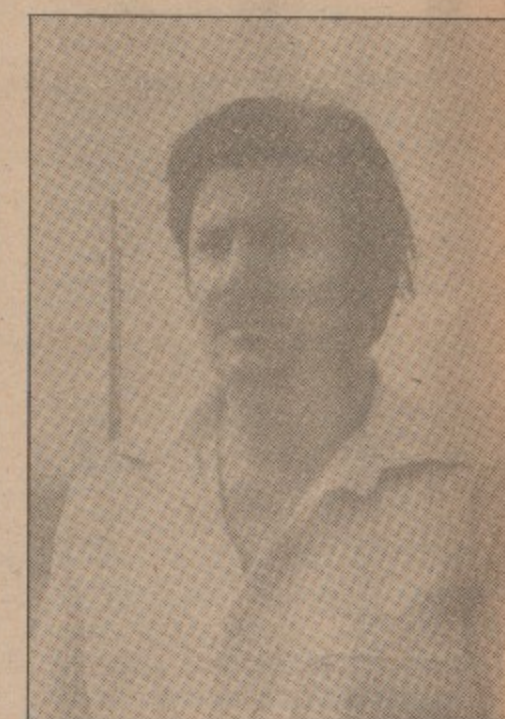
ram para Porto Alegre, e de lá mandaram dizer que ele não tinha direito a isso. A orientação era para que ele tentasse se recuperar com massagens, mas o agricultor tentou pegar numa enxada e sentiu que não conseguiria nem carpir, apesar desse tratamento. Aí então ele recebeu outra informação, de que deveria ir para Porto Alegre, onde ficaria bom num centro de reabilitação.

Até hoje ele aguarda uma vaga no tal centro, e no final de agosto veio mais uma vez à cidade, para saber se havia alguma novidade, mas tudo continuou na mesma. Seu João recebeu apenas três meses de auxílio do Funrural, gastou uns Cr\$ 50 mil nessas andanças, e hoje se diz "enjoado de tanto caminhar".

A espera pela vaga já vai longe, e agora seu João já não sabe se há condições de reabilitação, depois de tanto tempo com o braço parado, e tampouco acredita que possa receber aposentadoria assim como está, pois o Funrural continua duvidando dele. A Previdência não lhe concede nem a aposentadoria nem o direito à recuperação, e assim ele vai levando.

SEM SABER QUE PODERIA RECLAMAR

Assim como em Ijuí muitos produtores, além do seu João, vêm reclamando direitos, no próprio município e em outras localidades há agricultores que nem se queixam dos benefícios a eles assegurados, por desconhecerem até o que seja o Funrural. Em Santo Augusto, Palomar Victor Montagner e José Moacir Marquetti estão entre esses produtores



Palomar Montagner: nem pensou no Funrural

que pouco sabem o que a Previdência rural representa para eles, especialmente quando o assunto é acidente.

José Moacir trabalha há oito anos numa propriedade de Palomar, que tem 300 hectares no Rincão dos Paiva. No dia 3 de junho último, Moacir teve um acidente feio, quando do trilhava milho numa automotriz. Ele estava dentro de uma carreta onde o milho era despejado para dentro do debulhador da máquina. Ele escorregou de cima da carreta, seus pés foram cair bem onde gira caracol. Um dos "dedos" desse caracol, que são os pinos que empurra os grãos para dentro da máquina, cravou no pé direito de Moacir.

"Achei que tivesse perdido



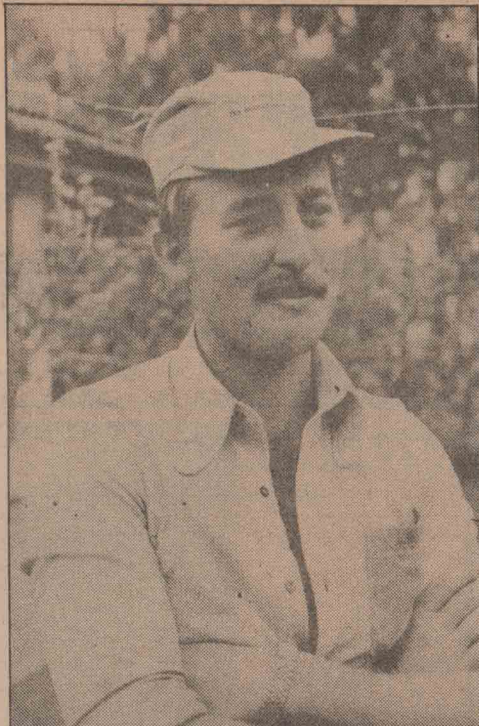
Acidente de Trabalho

pé", conta o agricultor, que teve um pouco de sorte, pois quando aconteceu o acidente o caracol parou de girar. Foi sorte mesmo, porque um ajudante, que estava na automotriz, ficou apavorado e levou um bom tempo para achar a alavanca que desligava a máquina. Dias depois, Palomar tomou uma providência que agradou o pessoal da granja: comprou uma trilhadeira estacionária, mais segura, e agora vai estar difícil de alguém se acidentar nesse trabalho.

PENSOU QUE ERA SÓ PRA APOSENTAR

Só que, no dia do acidente e mesmo depois, Palomar ou Moacir não se lembraram que poderiam recorrer ao Funrural. Palomar conta que, "nem pensei nisso", mesmo porque nas outras vezes sempre pagou as despesas dos empregados da granja. Foi isso o que ele fez quando do atendimento a Moacir, apesar do rapaz não ser mais seu empregado. Antes do acidente, Moacir já havia passado a ser arrendatário de uma parte da terra, e tinha um bloco próprio de produtor.

Como empregado ou arrendatário, ele teria, de qualquer forma, direito à assistência. Mas Moacir ficou de 10 a 12 dias baixado no Hospital Bom Pastor, e os gastos foram de 70 a 80 mil cruzeiros, segundo Palomar, que só com a cirurgia do pé do rapaz teve uma despesa de 25 mil. Moacir chegou inclusive a entrar no plano de



José Moacir Margutti: minha geração não sabe o que é Funrural

saúde da Cotrijuf, achando que poderia voltar a precisar de assistência, e se precavendo contra mais gastos. É ele, que tem 22 anos, quem diz: "A minha geração não sabe o que é Funrural. E eu sempre pensei que o dinheiro do desconto iria servir, depois, só para a aposentadoria".

A CRIANÇA QUE FICOU SEM AJUDA

Para a família do menino Gilvan Campanaro, de 13 anos, de nada resolveria saber ou não dos benefícios da Previdência, pois o guri é um dos tantos filhos de agricultores sem amparo nessa área. Gilvan é filho de Germano e Ana Campanaro, que cultivam 31 hectares em conjunto com um irmão, Eduardo Campanaro, na Linha 17, em Ajuricaba. No dia 9 de junho do ano passado, o menino sofreu um acidente, quando ajudava a

semente de trigo que iria plantar.

Gilvan conta que foi cruzar por cima do cilindro da trilhadeira, quando resbalou e caiu. Ele perdeu a perna direita, e hoje relembra que o serviço não era nenhuma novidade, pois "desde piazote estou meio acostumado a ajudar o pai e o tio". Segundo Eduardo Campanaro, Gilvan foi levado para o hospital de Ajuricaba, e o Funrural pouco ajudou.

"O Funrural só ajudou com o desconto da cirurgia", diz o tio do menino. "Ele pegou quarto de primeira, porque precisava de alguém que ficasse com ele o tempo todo, que estava muito nervoso". Depois, pensando na recuperação de Gilvan, é que a família enfrentaria outras despesas. Pagou tostão por tostão uma perna mecânica, colocada em Santa Maria. A adaptação com a perna foi muito demorada e exigiu muito exercício.



Gilvan Campanaro: recuperação toda por conta.

"Foram mais de 30 massagens", diz a mãe do menino, dona Ana, lembrando que "era para ele ir fazer massagens em Passo Fundo, mas daí ele perderia muita aula, e então se levava sempre a Ijuí". Os gastos com o acidente passaram de Cr\$ 100 mil, segundo o Eduardo. O tio de Gilvan diz ainda que a família chegou ir à Prefeitura, onde haveria verbas como auxílio, mas a LBA (Legião Brasileira de Assistência) informou que o dinheiro era apenas para indigentes, gente sem recursos nenhum.

Faz pouco tempo que Gilvan começou a andar sem o uso de muletas. A mãe nota que a perna ainda está meio frouxa, e será preciso ir novamente a Santa Maria para corrigir esse defeito. O problema que o menino enfrenta agora é saber o que fazer no futuro, como ele diz: "Não sei se vou poder trabalhar como agricultor".

A prática diferente da lei

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Ajuricaba, Luiz Ottonelli, tem bons exemplos de que a assistência aos agricultores acidentados nem sempre acontece como se prevê. E isso ocorre, segundo ele, porque de município pra município há diferenças na interpretação dos convênios, e assim os direitos assegurados em lei dificilmente são respeitados. Até esses direitos são, aliás, muitas vezes entendidos de forma diferente de uma cidade pra outra.

Talvez seja por isso que em Ajuricaba o atendimento ambulatorial, no hospital da cidade, não seja prestado a muitos dos agricultores que se acidentam. Ottonelli tem certeza de que esse atendimento só vem sendo prestado nos casos "de urgência". Mas ele se pergunta: "O que é, afinal, um caso de urgência? Será que uma pessoa que esteja ferida não exige urgência pra ser atendida?"

Mas essa parece que não é a questão a ser discutida, como Otto-

nelli reconhece, pois todos os acidentados, com casos de urgência ou não, devem receber assistência. Só que o presidente do sindicato sabe de produtores que não receberam esse tratamento, quando foram solicitar curativos para cortes nos pés ou nas



Luiz Ottonelli: informações desencontradas

mãos. "Até pra tirar um espinho ou uma lasca de madeira de um pé, tudo é cobrado, e isso não sai por menor de três mil cruzeiros", diz ele.

TUDO É DIFERENTE

Ottonelli lembra também que uma aposentadoria por invalidez, provocada por acidente de trabalho, é coisa difícil de ser conseguida. "E isso — diz ele — que o agricultor é quem mais deve ter vigor físico para poder continuar trabalhando. Se não estiver em perfeitas condições, o agricultor só pode agravar seu problema, se continuar fazendo de tudo na lavoura".

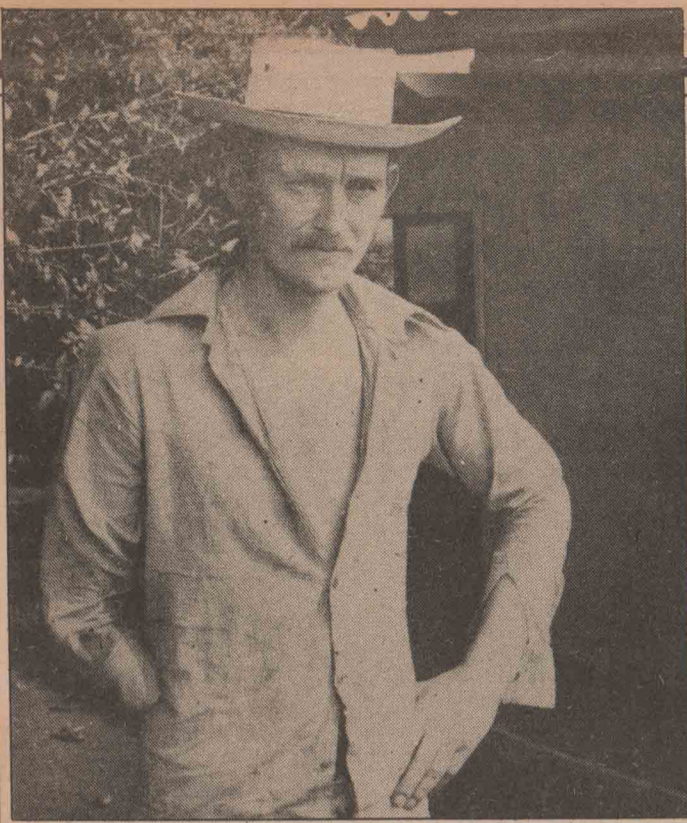
Ele acredita que todos esses obstáculos fazem com que muitos agricultores procurem atendimento fora do Funrural, deixando os direitos de lado, para se tratarem por conta própria ou através de convênios. "As informações sobre os benefícios são muito desencontradas e na prática tudo é diferente", diz o presidente do sindicato. Ele conhece produ-

tores que sofreram quebras, e tiveram que se tratar em Três de Maio por conta, sem qualquer despesa paga pela Previdência.

INJUSTA É PEQUENA

Ottonelli diz que o agricultor ainda não se deu conta dos benefícios que deve reclamar da Previdência, não só por causa da desinformação. Ele entende que, na verdade, o acidente é coisa que quase ninguém espera sofrer, e por isso o assunto fica meio que esquecido. Além disso, outros problemas envolvem mais a cabeça do produtor, como os custos da lavoura, os preços do produto.

Para Luiz Ottonelli, é preciso analisar tudo que se relaciona com acidente do trabalho, dentro da Previdência como um todo, pois os benefícios não concedidos, os convênios desrespeitados e outras queixas acontecem em quase todas as áreas. Ele define essa situação numa frase: "A Previdência rural é injusta, é pequena. Ela não existe".



João Alfredo Pletsch:
a pensão é apenas
uma ajuda

APOSENTADO COM Cr\$ 4 MIL POR MÊS

Em Rosário, Augusto Pestana, outro agricultor ficou mutilado após um acidente, mas ganhou quase tudo da Previdência. É o João Alfredo Pletsch, de 27 anos, que arrenda quatro hectares. Há uns oito anos, num momento de descuido, seu braço direito foi prensado no cilindro de uma trilhadeira, onde ele estava cevando soja. O braço de João Alfredo foi cortado, um pouco antes do cotovelo, e 10 meses depois ele estava aposentado.

Na época, o agricultor trabalhava com o pai, e recebeu todos os benefícios da Previdência. A lei que criou os serviços do Funrural para acidentes do trabalho ainda não estava em vigor, mas se o fato tivesse acontecido hoje ele teria de qualquer

jeito todos os benefícios, pois já havia completado 18 anos. A família de João Alfredo gastou cerca de Cr\$. . . 1.500,00 com as despesas de hospital, porque ele ficou em quarto de primeira.

Além da aposentadoria, ele recebeu um braço mecânico, e hoje ainda consegue fazer "alguma coisa", como dirigir um trator, mas não pode levantar nada que seja pesado, e tampouco lidar na lavoura como fazia antes. Nos quatro hectares, ele planta mais para o consumo da casa, e vai vivendo com os Cr\$ 4.233,00 da aposentadoria. Naquela época, a pensão era de meio salário mínimo, e não de 75 por cento sobre o salário, como agora. João Alfredo diz que ninguém vai conseguir viver só com essa pensão, e entende que esse dinheiro "é apenas uma ajuda".

O que fazer para garantir os direitos

A comunicação do acidente ao Funrural é a primeira providência que o produtor deve tomar, depois de receber atendimento. Isso é importante porque a Previdência só vai assegurar os benefícios aos que comunicarem o fato à representação do município ou de outra cidade onde forem atendidos, dentro de um prazo de oito dias. Depois desse prazo, o agricultor perde todos os direitos.

A partir do momento em que o acidente é caracterizado como de trabalho, o produtor recebe todo o atendimento. Até as consultas com especialistas de outras cidades, se estes forem credenciados pelo Funrural, são cobertas. Vale lembrar que o acidentado pode receber assistência completa em qualquer município, desde que as localidades contem com os serviços necessários.

O auxílio, pelo tempo em que o agricultor ficar sem trabalhar, é pago de acordo com esse período em que ele estiver parado, mesmo que seja inferior a um mês. Muita gente não sabe disso, e tem acontecido da representação de Ijuí ficar, muito tempo, com auxílios que os produtores deixam de procurar. Dona Hedi, a representante do

Funrural, acredita que, às vezes, o beneficiado nem procura essa verba, porque não vale a pena se deslocar à cidade para receber uma quantia que não cobre nem mesmo as despesas de viagem.

No ano passado, a representação de Ijuí atendeu pouco mais de 30 pessoas que sofreram acidente de trabalho, e este ano, até o mês de agosto, haviam sido atendidos umas 25. É um número pequeno, para uma população rural de mais ou menos umas 20 mil pessoas. Mas isso não quer dizer que poucos agricultores se acidentaram. Na verdade, muita gente sofreu acidente, e não recorreu ao Funrural, por desconhecer seus direitos.

Dona Hedi lembra, a respeito dessa desinformação, que não são poucos os produtores que deixam de receber todos os benefícios que lhe são assegurados. Mas ela notou que a situação está melhorando, principalmente por causa de esclarecimentos dados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A representante do Funrural aconselha os agricultores a recorrerem não só aos postos da Previdência, mas também aos sindicatos, para que sejam melhor informados sobre seus direitos.

Talvez sorte, mas também muito cuidado



Acidente de Trabalho



Teobaldo Rott:
ensinar a se cuidar
desde pequeno

"Talvez eu seja uma pessoa de sorte". Quem diz isso é o agricultor Teobaldo Artur Rott, que planta em 30 hectares de Alto da União, em Ijuí. E sorte é o que não falta mesmo ao Teobaldo. Ele está com 33 anos de idade, e trabalha na lavoura desde os 11 anos. Nesse tempo todo, não sofreu nenhum acidente no trabalho. Até hoje, as únicas marcas que teve no corpo foram as de alguns espinhos cravados nos pés, e nenhum arranhão a mais.

O certo, no entanto, é que a sorte não basta para que alguém fique livre dos acidentes. Teobaldo começou suas lidas no tempo do arado puxado a boi, e por volta de 1970 iniciou o trabalho com trator, e depois com automotriz. Ele lembra que pegou nessas máquinas "meio por conta", sem muita orientação. Mas cuidado foi o que nunca faltou a Teobaldo, sempre que está na lavoura.

Ele acha que o pai, Orgênio, ajudou bastante, no sentido de alertar para os perigos de um acidente, e lembra que isso é importante. "Se tem que ensinar, que se ensine quando é pequeno, porque depois de grande não se aprende direito", conta o agricultor. Teobaldo diz também que outra vantagem que teve foi a de que quase sempre trabalhou sozinho. Para ele, duas pessoas sem experiência em trabalhar juntas estão sempre correndo o risco de se acidentarem, se lidarem ao mesmo tempo na mesma máquina.

FILHO JÁ AJUDA

Ele toma alguns cuidados que podem valer para outros agricultores, mas sem que isso dê a entender que pretenda ensinar alguém. Na verdade, Teobaldo reconhece que o acidente é coisa que acontece por um segundo de descuido, quando menos se espera, mas sendo precavido sempre é melhor. Ele não tenta consertar alguma falha de qualquer máquina que esteja em movimento ou com o motor ligado, e só faz isso quando não há outro jeito.

Teobaldo também não mexe em máquina no escuro, e toma muito cuidado na hora de lidar com correias. São essas correias as responsáveis por muitos dos acidentes, pois às vezes elas puxam a pessoa para o meio das engrenagens. Ele aconselha ainda que, quando duas pessoas estiverem no mesmo serviço, que estas se entrossem no trabalho, para que uma não prejudique a outra e saiba como proceder na hora de um imprevisto.

Agora, Teobaldo está torcendo para que seu filho, Elias, de cinco anos, tenha a mesma sorte e os mesmos cuidados. O guri já começou a ajudar o pai na lavoura. Elias fica em pé na semeadeira, cuidando a saída dos grãos, e sabe que não deve nunca tentar mexer na máquina. "Já disse pra ele que, quando acontecer alguma coisa, que ele me dê um grito ou jogue semente nas minhas costas", conta Teobaldo. Se depender do pai, Elias vai crescer só com algumas marcas de espinhos nos pés.

UM "OLHAR PARA DENTRO" DAS COOPERATIVAS

Uma tentativa de verdadeira autocrítica daquilo que vem sendo feito pelas cooperativas de produtores. Isto é que foi a tônica do II Seminário da Fecotrigo, que reuniu dirigentes, técnicos e comunicadores de 72 cooperativas gaúchas filiadas a esta Federação, durante três dias do mês de agosto na cidade de Santa Maria. Este Seminário foi uma continuidade de um encontro realizado ano passado, em Viamão, quando já ficara definido que a função da Fecotrigo seria a de atuar no sentido de buscar eficiência empresarial e gestão democrática nas cooperativas.

Os participantes foram divididos em três grupos, cada um deles discutindo assuntos mais ligados a sua função dentro da Cooperativa. Já no início do seminário todos haviam participado de duas palestras. Uma delas foi de Ari Dalmolin, presidente da Central Sul, que enfatizou a necessidade de participação do produtor na agro-indústria cooperativa. Segundo ele, esta é a forma do produtor reduzir custos de produção e obter melhores resultados com a industrialização e comercialização de tudo aquilo que produz.

A QUEM SERVEM AS COOPERATIVAS

O outro palestrante foi Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da Cotrijuí. Ele, que fora convidado a falar sobre diversificação de culturas, na verdade usou seu espaço para levantar uma série de questões sobre o que vem sendo feito pelas cooperativas nos últimos 30 anos e para o que elas estão servindo. Ele chegou a reconhecer que o cooperativismo, ao longo dos anos, tem servido muitas vezes a interesses que não são os interesses dos produtores. Como exemplo, ele perguntava se a grande capacidade de armazenamento instalada pelas cooperativas no Rio Grande do Sul afora, realmente tem beneficiado os produtores, ou se outros setores se beneficiam mais do que eles — que pagaram toda obra? A sua proposta foi de que o cooperativismo deve passar por cima de pequenas contrariedades que existam dentro do sistema, "para que possamos assumir o processo produtivo como um todo e não mais ser apenas conduzidos dentro desse processo".

No grupo dos dirigentes surgiram várias decisões sobre o tema "Busca de uma nova política agrícola", entre as quais a de tomar várias medidas e atitudes que possibilitem o encontro de saídas para solucionar a crise enfrentada pelo setor agrícola. As suas conclusões, por exemplo, são as de definir



O seminário reuniu dirigentes, técnicos e comunicadores de 72 cooperativas gaúchas

uma nova política agrícola com efetiva participação do produtor; revisar a política das cooperativas no sentido de prestação de serviços de maior qualidade; promover uma diversificação planejada com a participação do produtor, incentivar a celebração de convênios entre as cooperativas, para o recebimento de produtos. Os dirigentes também fizeram várias sugestões para o Governo, como, por exemplo, uma maior elasticidade nos prazos de vencimentos dos financiamentos de custeio; fixação de preços mínimos em função das diferentes épocas de plantio e colheita no País; estabelecimento de crédito fundiário, entre outras.

ÁREA DE AÇÃO

Outro tema bastante discutido pelos dirigentes foi uma questão bastante polêmica: a área de ação das cooperativas. É comum, em algumas regiões, que mais de uma cooperativa atue no mesmo município, o que já provocou, diversas vezes, muitas divergências entre co-irmãs. Acontecem ainda desperdícios de investimento, pois mais de uma cooperativa constrói unidades receptoras no mesmo lugar, o que só vem em prejuízo dos associados agricultores, que são os que pagam o investimento.

O assunto já trouxe algumas definições, mas deverá ainda continuar em discussão, pois existem alguns casos de conflito. Nestes casos a Fecotrigo será chamada como mediadora, buscando uma melhor solução. O que já ficou decidido, por exemplo, é que os agricultores terão liberdade para escolher onde quiserem se associar,



Ari Dalmolin, da Central Sul; Mário Guimarães e Jarbas Machado, da Fecotrigo; Rubens I. da Silva, da Cotrijuí, na primeira noite do seminário

mas só poderão se associar em uma única cooperativa que atue no mesmo ramo, exceto os casos em que plante em municípios distantes do seu domicílio principal. Também ficou como recomendação que seja respeitada a área de ação efetiva de cada cooperativa, buscando acordos quando houver coincidência legal (mesma área de ação estatutária), para evitar conflitos, investimentos supérfluos e prejuízos aos associados e ao sistema.

OS TÉCNICOS E OS INSUMOS

Os técnicos também discutiram assuntos polêmicos, como redução de uso de insumos e diversificação de culturas. Outro tema, que era relação custo/benefício do departamento técnico, não chegou a ser aprofundado por falta de tempo.

Sobre insumos ficou clara a posição de racionalizar o uso tanto de fertilizantes como de defensivos agrícolas, insistindo em técnicas que não são novidades, mas que são aquelas recomendadas pelo bom senso. Sobre fertilizantes eles fala-

ram em promover a integração das adubações orgânica e química, visando a redução de custos, através da melhoria das condições físicas, químicas e biológicas do solo. Os técnicos também deixaram bem claro que desaconselham a utilização de produtos milagrosos, como bioestimulantes e fitohormônios como substitutos da adubação. Também se mostraram contrários à substituição parcial ou total da adubação de manutenção pela aplicação de calcário na linha.

A respeito de defensivos falaram em incentivo à capina mecânica ou manual, desestimulando a aplicação de herbicidas em minifúndios para aproveitamento da mão-de-obra familiar. Também decidiram intensificar a prática do receituário agrônomo e de utilização integrada de métodos biológicos, culturais e químicos pelo manejo de pragas.

Sobre diversificação de culturas ficou muito claro para os técnicos que este é um processo que deve ser bem conduzido para que os produtores tenham segurança de colocação daquilo que colherem no

SÓ O QUE FALTAVA: SECA DE INVERNO



O seminário foi um momento de autocrítica

mercado. Eles também falaram, por outro lado, que os pequenos produtores só sairão lucrando se diversificarem a propriedade, criando animais e fazendo pequenas lavouras e hortigranjeiros para o consumo da família. Os técnicos ainda fizeram uma sugestão às cooperativas: que elas comprem as pequenas sobras dos produtores e ponham à venda em suas seções de consumo, além de procurarem um intercâmbio maior com outras cooperativas para colocação de excedentes maiores.

O HOMEM NA COOPERATIVA

A importância do homem dentro da organização cooperativa foi o ponto mais batido pelos comunicadores em seu grupo de discussão. Ali eles analisaram a organização do quadro social e a finalidade dos departamentos de Comunicação e Educação. Nas conclusões de seu trabalho, os comunicadores definiram que o poder decisório deve ser exercido dentro da cooperativa a partir do espírito de mútuo compromisso. Isto só acontecerá, segundo eles, estando organizado o quadro social, com a integração de todos os associados e mais seus familiares.

Caberia aos departamentos de comunicação criar espaço para que a comunicação aconteça, sendo também sua função questionar constantemente o conteúdo das informações. Não cabe ao departamento definir as informações, mas sim saber canalizá-las. Segundo uma colocação surgida durante as discussões, esta forma de trabalho pode evitar a repetição de fatos que se mostraram prejudiciais aos interesses dos produtores. Um exemplo típico seria o caso da monocultura da soja. De acordo com Mário Osório Marques, professor da Fidene e participante dos trabalhos, fatos como estes não se repetirão se existir um questionamento sobre as coisas que acontecem, o que seria função importante dos comunicadores.

Eles falaram também da necessidade de um trabalho integrado entre associados, dirigentes e funcionários, dinamizando os fluxos de comunicação dentro de cada setor.

Há 32 anos não se via faltar tanta chuva para o bom andamento das lavouras de inverno como andou acontecendo neste 1981. A palavra do produtor é que foi uma seca há muito não vista, principalmente por ter sido no inverno. Até mesmo a água andou faltando em muita propriedade, sumindo lagueados e até vertentes que nem nas secas de verão negaram água. Uma coisa é certa: o desenvolvimento das lavouras e das hortaliças andou por demais prejudicado. Os resultados, porém, somente poderão ser avaliados na hora da colheita.

Quem andou mesmo controlando as médias de chuvas que caíram nestes meses

de seca foi o pessoal que trabalha no CTC — Centro de Treinamento Cotrijuí. É que lá no Centro está instalada uma Estação Meteorológica da Agricultura, onde uma porção de equipamentos permite que se controle o quanto de chuva cai a cada dia. Quem fala destes dados é o agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau, que é também gerente do CTC.

A diferença entre o que caiu de chuva neste ano e a média dos últimos 32 anos foi grande, como mostra o Volney, que traz tudo anotadinho. Em Ijuí, por exemplo, a média de todos esses anos, para o mês de maio foi de 108 milímetros, contra os 33 milímetros que caiu

este ano. Em junho deste ano choveu apenas 72 milímetros contra a média de 157 milímetros; em julho a precipitação foi de 37 milímetros contra a média de 108 milímetros e em agosto a chuva que caiu ficou por volta de 10 milímetros, enquanto que média é de 137 milímetros.

SÓ EM FEVEREIRO

O Volney também lembra que não foram só nesses meses que as chuvas andaram caindo pouco. Nesses oito primeiros meses, só choveu bem mesmo lá pelo mês de fevereiro, quando a precipitação pluviométrica foi de 206 milímetros. Em janeiro choveu apenas 11 milímetros e em abril a precipitação foi de 76 milímetros. Fazendo as contas, se chega a conclusão de que nestes primeiros meses do ano caíram apenas 601,6 milímetros. A média anual de chuvas que cai em Ijuí tem sido de 1.600 milímetros. Nesse mesmo período, o ano mais seco foi o de 1962, quando se registrou uma média de 976 milímetros de chuva.

Esses dados mostram que o ano de 1981 vem se caracterizando como um ano de seca. Temperaturas elevadas nos meses de maio, junho, julho e agosto, ainda pioraram um pouco mais a situação. A falta de frio fez com que houvesse maior perda de unidade, prejudicando ainda mais o desenvolvimento das lavouras de inverno. E mesmo que os resultados da falta de chuva só venham aparecer na época da colheita, é quase certo que vai existir uma redução na produtividade de quase todas as culturas de inverno.



O prejuízo das lavouras somente será avaliado na hora da colheita

MUDAS

EUCALIPTO
ERVA-MATE
NATIVAS



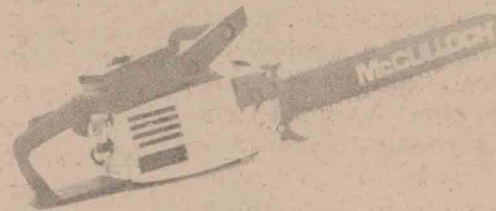
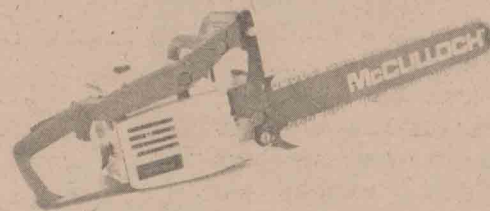
Aproveite a época de plantio para reflorestar sua propriedade.

Procure suas mudas em qualquer Unidade da Cotrijuí na Região Pioneira.

Eucalipto: Cr\$ 3,50

Erva-mate e nativas: Cr\$ 15,00

**POR MENOR
PREÇO
TRABALHE COM
A NOVA OPÇÃO
QUE FALTAVA.**



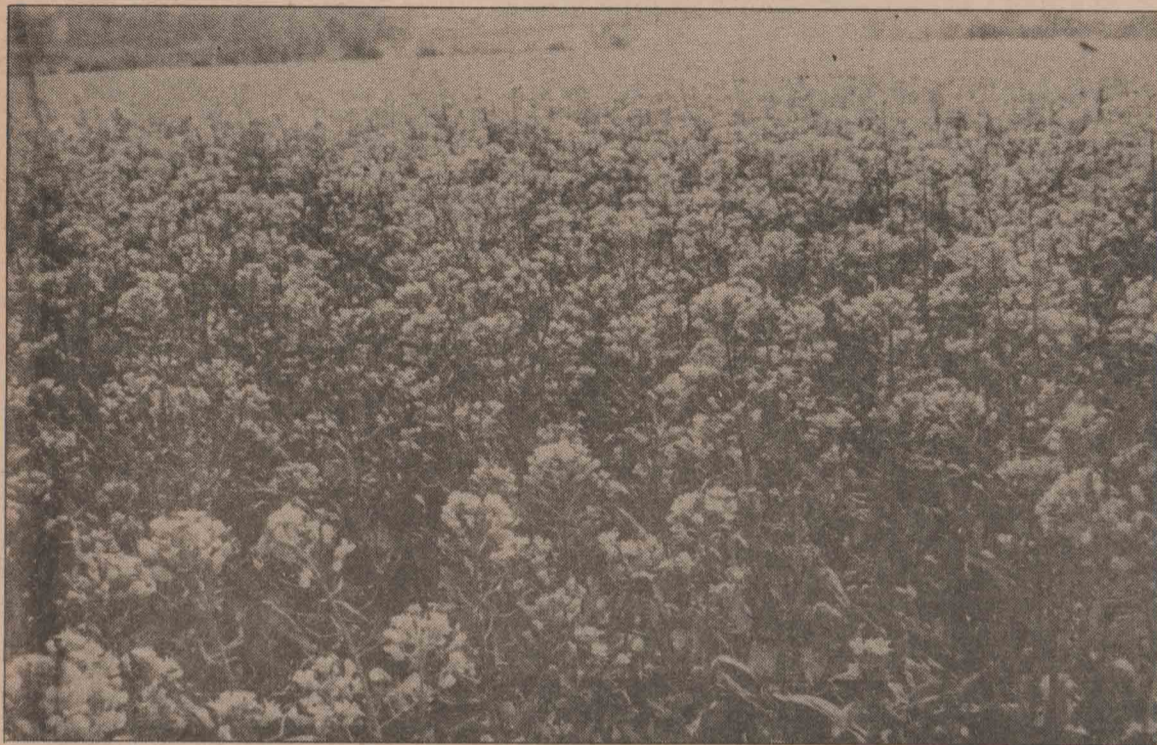
McCULLOCH
A motosserra da

B-D Black & Decker

líder mundial em ferramentas elétricas.

Nomeação Revenda: Rua 25 de Julho, 352 - Fone: 42.5165 - Porto Alegre - RS

UM PADRÃO PARA A SEMENTE



Estruturando o sistema de produção será possível contar com semente de qualidade

Abrir caminhos faz parte da nossa história e do nosso destino.

Para os gaúchos, os desafios fazem parte da existência, desde os primeiros tempos. Estamos sempre perseguindo um ideal, lutando pelo bem-estar comum.

Sempre nos destacamos na economia, na política, nas artes e nas letras. No momento, as dificuldades parecem maiores. E a certeza de vencê-las, também.

A Secretaria da Fazenda, comemorando seus 90 anos de atividades, tem uma história igual à da gente que representa. Uma história de desafios vencidos, de confiança constante no trabalho e no futuro. Mas é preciso, neste momento, ainda mais união em torno de um objetivo de prosperidade.

Primeiro, na necessidade de se manter em dia o recolhimento do ICM, garantia de vida melhor para todos. Com o ICM forte, o nosso desenvolvimento não para.

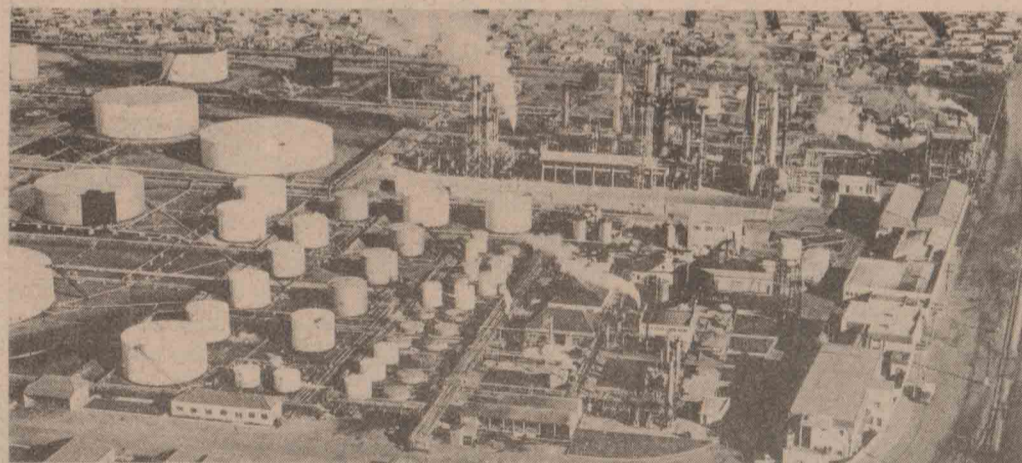
Segundo, na importância de se manter em dia o recolhimento do ICM, garantia de vida melhor para todos. Com o ICM forte, o nosso desenvolvimento não para. E a Administração Amarel de Souza continuará cumprindo com seus programas, não importam os sacrifícios.

Ombro a ombro, vamos trabalhar para manter o Rio Grande na sua posição de destaque. O Brasil só ganhará com a nossa determinação.



SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Administração Amarel de Souza



Um dos aspectos importantes para a expansão da lavoura de colza na região, é a estruturação de um sistema de produção de sementes. Desta forma será possível organizar a produção de acordo com a capacidade e qualidade da produção de sementes.

A nível estadual também existe preocupação com este aspecto e, por esta razão, foi criada a Subcomissão Estadual de Semente de Colza, que terá como objetivo normalizar a produção de semente.

As normas que o produtor deve seguir para produzir semente de colza fiscalizada são as seguintes:

1º) Cada produtor deverá produzir uma única variedade.

2º) Para produzir semente de colza na mesma área deverá ser observado um intervalo mínimo de três anos entre os cultivos de colza.

3º) A lavoura de produção de semente deverá

situar-se a uma distância mínima de 400 metros de qualquer outra lavoura de colza.

4º) Caso seja constatada ocorrência de doenças, a lavoura será reprovada para semente.

5º) Só serão aprovadas lavouras que se apresentem dentro de padrões mínimos, conforme o estabelecimento nas tabelas I e II.

6º) Dentro dessas normas não serão aprovadas para semente as lavouras que apresentam: nabo, cipó de veado (poligonum) e mostarda.

7º) O teor de umidade permitido no grão destinado para semente deve ser inferior a 9 por cento. Para tanto, o produtor deverá destinar pequenas áreas para produção de semente, pois apenas desta forma ele poderá colher e depositar o grão em lugar próprio para secagem, entregando o produto com teor abaixo de 9 por cento de umidade.

TABELA I – PADRÃO DE LAVOURA

FATORES	Unidade	Tolerância
Outras Cultivares	planta	1/10 m2
<i>Brassica nigra</i>	planta	zero
<i>Brassica campestris</i>	planta	zero
Mostarda Amarela	planta	zero
Polígono	planta	zero
<i>Raphanus sativus 1.</i>	planta	1/10 m2
<i>Raphanus raphanistrum</i>	planta	1/10 m2
<i>Sisymbrium officinalis</i>	planta	1/10 m2
<i>Rapistrum rugosum</i>	planta	1/10 m2
Outras, cujas sementes podem ser separadas na seleção	planta	1/10 m2

TABELA II – PADRÃO DA SEMENTE DE COLZA

FATORES	Tolerância
1. Germinação mínima	80%
2. Pureza mínima	98%
3. Outras sementes:	
a) sementes cultivadas	2/10 g
b) sementes silvestres	2/10 g
c) sementes nocivas +	
- proibidas	zero
- toleradas	1/50 g

+ Portaria 315 – DFA/RS – Anexo XII



COTRIJUI

SEMENTES

ARROZ – RHODES – MILHETO

Sementes fiscalizadas com a garantia Cotrijuí
Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda.
Rua das Chácaras, 1513 – Fone: 332-2400 – Ijuí – RS

ROUBO DA MADEIRA E CULTURA DOS ÍNDIOS

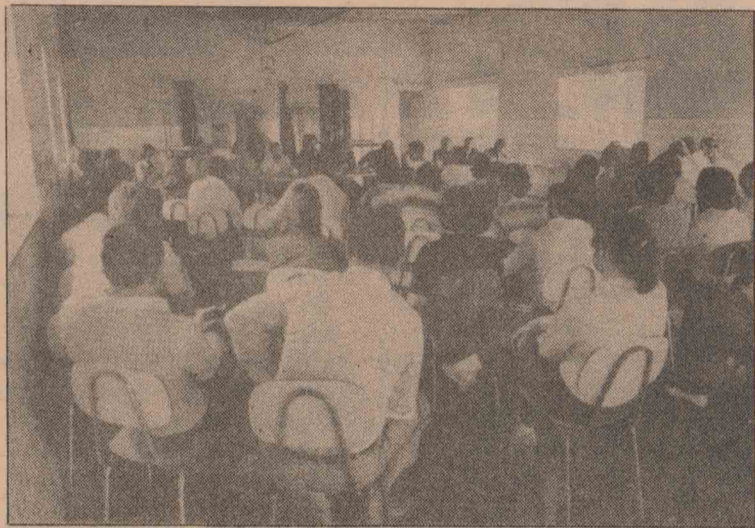
A devastação e roubo das matas da área indígena de Guarita, no município de Miraguaí, fez os sindicatos de trabalhadores rurais da Região Celeiro provocarem uma reunião para discutir o assunto. Na ocasião o que mais surgiu foram críticas à atuação dos órgãos responsáveis tanto pelo controle das reservas indígenas, a FUNAI, como da cobertura florestal do País, o IBDF. Entre as decisões tomadas no encontro estão a de maior fiscalização da ação devastadora e de desenvolver uma campanha para conscientizar as populações brancas para o respeito ao índio e ao seu patrimônio.

Foram convidados para a reunião, que aconteceu dia 26 de agosto em Redentora, representantes da FUNAI, do IBDF, da CPT (Comissão Pastoral da Terra), do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), da ANAI (Associação Nacional de Apoio ao Índio), e Igreja Evangélica, além de agricultores e líderes sindicais.

Os sindicatos, a princípio, nada teriam a ver com os problemas da área indígena. Mas, como os roubos vem se prolongando sem que seja tomada uma atitude para proibi-los, as lideranças sindicais resolveram intervir na questão. Os problemas da área indígena ainda envolvem os sindicatos, na medida em que este ano deverão se repetir problemas de colheita. É que a FUNAI, segundo acusação dos sindicatos, permitiu novamente o plantio de soja por parte de colonos na área. Assim, é provável que surjam conflitos, como no ano passado, na hora da colheita.

Mas era o roubo de madeira o assunto principal da reunião. Ele está devastando de forma assustadora o que resta de matas nos 23.600 hectares da reserva. A cada noite saem de 30 a 40 caminhões carregados com toras de madeira de dentro da reserva. Quem está roubando? Há muita gente implicada, segundo os participantes da reunião, mas ninguém fez nada até agora para impedir que estes roubos prosigam.

O chefe do posto indígena, Rui Cotrim Guimarães, avalia que diariamente saiam da reserva Cr\$ 2 milhões em madeira. Rui foi acusado pelos participantes do encontro



O roubo de madeira foi o principal assunto da reunião

de não tomar uma atitude firme para impedir que isto aconteça. Ele se defendeu, explicando que já denunciou diretamente aos seus superiores o que está acontecendo:

— “Não posso sair gritando”, disse ele. “Faço denúncia à FUNAI, à prefeitura, à polícia. . .”

Segundo Alivo Rebelatto, presidente do STR de Miraguaí, tanto o chefe do posto como o IBDF estão sabendo dos roubos. Ele diz que os brancos são os maiores culpados e que há alguns índios, os que ocupam postos de chefia dentro da reserva, que também estão envolvidos. Outros índios, entretanto, vendem a madeira porque não tem absolutamente o que comer.

PORQUE ÍNDIOS NÃO REAGEM

Uma das perguntas feitas pelos participantes era porque os indígenas não impedem os roubos. Quem deu a resposta foi o padre Egon Heck, representante do CIMI, que atua em Xanxerê (Santa Catarina):

— Problema semelhante aconteceu em Chapécó há uns seis anos. Lá existiam 20.000 pinheiros

e hoje não se encontra meia dúzia. Os índios se posicionaram contra o corte das árvores e houve forte pressão contra eles. As chefias passam a ser corrompidas pelos brancos, e entram no esquema. A sociedade quer o lucro, e está atrás de qualquer pedaço de madeira que possa valer Cr\$ 10.000,00.

Um índio, que faz as vezes de professor da escola, também colocou que são poucos os indígenas envolvidos na venda de madeira. “São oito ou dez”, disse ele, “mas índio não pode fazer nada, que tem autoridade dentro da área. É capaz que eles me chamem porque participei aqui. A cúpula indígena bota medo, põe índio na cadeia.

POSIÇÕES PARA ESCLARECER

No final do encontro foi elaborada uma carta que resume o consenso das posições assumidas pelos participantes. Esta carta tem o objetivo de esclarecer a opinião pública sobre a devastação do patrimônio indígena.

Os participantes decidiram apoiar os órgãos competentes — apesar de

todas as críticas a sua atuação — que são o IBDF e a FUNAI, no controle da situação. Este apoio se dará especialmente na fiscalização da ação devastadora e da ação criminal que lesa o patrimônio indígena. Estes órgãos, segundo a decisão, serão acompanhados por todas as entidades presentes para que se garanta a aplicação da lei. Vão solicitar também a presença de contingentes da Brigada Militar para assegurar a eficácia desta ação.

As entidades presentes também se comprometeram em realizar uma campanha de conscientização junto à sociedade branca, com o objetivo de alcançar

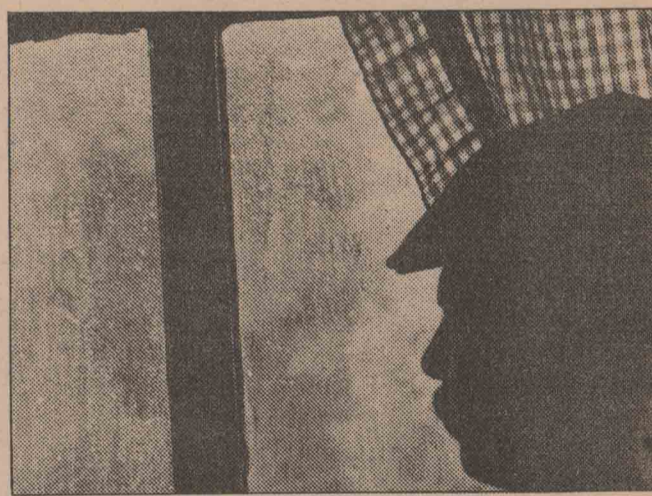
o devido respeito ao índio e seu patrimônio, de forma que este seja realmente utilizado apenas pelos indígenas. “Nesse sentido”, diz o documento, “se apoiará os kaingang e guaranis da Guarita, para que realmente assumam a defesa do patrimônio territorial e ecológico, com decisiva participação da FUNAI”.

Foi resolvido também solicitar à direção geral da FUNAI a urgente demarcação das terras indígenas “e respectiva proteção dos recursos naturais que são as bases de sustentação das populações indígenas, para impedir que situações como a de Guarita venham a se repetir e proliferar”.



O desmatamento está devastando grande parte da reserva indígena de Guarita

Esta cena deve estar guardada na memória de muitos.



Na hora de plantar a soja, com todo aquele aguaceiro, muitos agricultores, apesar do pouco tempo disponível, tiveram que percorrer suas lavouras duas vezes mais para incorporar o herbicida. Resultado: Atrazo de plantio.

E se você passou por essa experiência, da próxima vez que plantar soja, lembre-se: Agora existe a opção Dual, o herbicida que dispensa incorporação.

Dual, o herbicida que faltou ao agricultor brasileiro nos últimos 10 anos.

CIBA-GEIGY



EXPO-IJUÍ EM OUTUBRO

Tudo o que existe em termos de indústria e comércio em Ijuí estará em destaque durante a 1a. Expo-Ijuí (Exposição-Feira Industrial e Comercial de Ijuí), que acontecerá no período de 11 a 19 de outubro no Parque de Exposições Assis Brasil.

Para os visitantes, os organizadores estão pensando em várias outras atrações além dos estandes, onde estarão em exposição os trabalhos desenvolvidos pelas empresas industriais e comerciais do município. Os artesões ijuíenses, por exemplo, terão um pavilhão inteiro para mostrar e comercializar seus trabalhos com os visitantes. As crianças poderão se divertir no Parque de Diversões Play Center. Entre as atrações deste parque estão



uma montanha-russa, carros-choque, roda gigante, trem fantasma, cinema de 180 graus, entre outras.

O objetivo maior da

Expo-Ijuí, porém, é proporcionar a oportunidade para que as empresas do município mostrem o que fazem e comercializam.

UMA APLICAÇÃO DE PRIMEXTRA VALE ATÉ POR 4 CAPINAS.



E o mato nem aparece no milharal. E enquanto você descansa, seu milho cresce, cresce, cresce...



PRIMEXTRA
O herbicida para milho.

CIBA-GEIGY

Queijo da CCGL ganha concurso nacional

O queijo feito com o leite dos produtores associados às cooperativas gaúchas — o "prato Elegê", da CCGL — foi considerado o melhor em qualidade entre todos os queijos produzidos no Brasil. Esta é a primeira vez que um queijo gaúcho ganha um concurso nacional. O primeiro lugar do "prato Elegê" foi conquistado em Minas Gerais no "Concurso Nacional de Produtos Lácteos", realizado pelo Instituto de Laticínios Cândido Tostes e promovido pela Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais.

Este concurso é realizado anualmente e, desta vez, teve a participação de 11 empresas concorrentes. O Rio Grande do Sul também ficou com o segundo lugar, com a premiação do queijo-prato-lanche Santa Rosa, da empresa Mayer, que recentemente teve seu controle acionário assumido pela CCGL.

Fidene em campanha para a construção de seu campus

A Fidene está lançando a "Campanha Pró-Construção do Campus Universitário" — Universidade de Ijuí. Essa campanha visa arrecadar doações, que tanto podem ser através de recursos financeiros, material de construção ou até de produtos agropecuários para a construção de mais cinco prédios no Campus, que fica lá na Linha 3 Oeste.

Dois dos prédios já estão prontos e os planos da Fidene são de aproveitar a data dos seus 25 anos de fundação — 16 de março de 1982 — para inaugurar mais um prédio que está sendo construído com recursos da própria Fundação. Ainda para este ano, lá por novembro, é intenção dar início à construção de mais um prédio, já orçado em 15 milhões. Tudo isso, para se chegar em março de 1983 com cinco novos prédios construídos. E que nesta época — março de 83 — o Conselho Federal de Educação reinicia os exames dos processos de criação de novas Universidades no Brasil interrompidos ainda em maio deste ano, através do Decreto de nº 86.000 da Presidência da República. Somente com a conclusão de mais cinco prédios, que

no final totalizarão 7 prédios no Campus, dentro do prazo de um ano e meio, é que a Fidene terá condições de brigar pela instalação de uma Universidade em Ijuí. Essa é a razão de tal campanha.

A comunidade urbana e rural de Ijuí e ainda de municípios vizinhos, como Ajuricaba, Augusto Pestana, Santo Augusto, Pejuçara, Chiapetta, Panambi e outros, estão sendo convidados a participarem da campanha com doações. As contribuições tanto podem ser feitas através de Bancos de Ijuí, na Conta "Fidene-Unijuí", como diretamente com o Secretário Executivo da Fundação, Osmar Matte, que sempre se apresentará com uma Carta da entidade e ainda documentos particulares. Os doadores devem solicitar recibos de depósitos nos Bancos e recibos da Fidene.

Outra forma de contribuição sugerida é que outras instituições mobilizem seus funcionários e associados para que participem das promoções culturais, jantares, churrascos, shows... que a Fidene estará promovendo durante todo esse tempo.

A aplicação de defensivos agrícolas exige técnica e cuidados especiais. Observe as recomendações dos agrônomos e técnicos agrícolas antes de fazer qualquer aplicação na sua lavoura

ACAMPADOS NÃO DESISTEM DE TERRA NO RIO GRANDE

Depois de controlar durante um mês o acampamento dos sem-terra na Encruzilhada Natalino, município de Ronda Alta, o Governo Federal deu por encerrado seu trabalho e se retirou do local. A Coordenadoria do Acampamento, comandada pelo Coronel Curió, conseguiu convencer apenas 137 das 510 famílias acampadas a se transferirem para o Mato Grosso. Outras 55 famílias, de acordo com um relatório da Coordenadoria, abandonaram ou foram convidadas a sair do acampamento.

O certo é que 317 famílias, que ocupam ainda 270 barracos, não querem arrear o pé da Encruzilhada Natalino enquanto não conseguirem terra no Rio Grande do Sul. Estas famílias não pretendem aceitar as propostas de emprego no Estado ou reassentamento em projetos de colonização no Mato Grosso. Elas se mantêm firmes na decisão de conseguir terra em solos gaúchos, pois existe terra por aqui para seu reassentamento.

No dia da retirada do Coronel Curió e da Coordenadoria, também os acampados ficaram sem a assistência médica prestada por funcionários da Secretaria da Saúde e sem o caminhão volante da Cobal que forneceu alimentação durante o mês de agosto. A sobrevivência do pessoal, porém, será garantida pelas colaborações em alimentação que a Igreja já vinha arrecadando em outras regiões desde o início do acampamento, há seis meses atrás.

A POSIÇÃO DOS SINDICATOS

No mesmo dia em que a Coordenadoria abandonou a Encruzilhada, perto de 50 dirigentes sindicais do Rio Grande do Sul se reuniram em Passo Fundo para analisar a situação. Durante a reunião, que teve a participação da diretoria da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), foi criada uma comissão encarregada de elaborar um documento que expresse a posição dos sindicatos sobre a situação dos sem-terra. A mesma comissão ficou encarregada de marcar uma audiência com o governador Amaral de Souza, onde será entregue o documento e procurada uma solução para os colonos que continuam acampados.

Durante esta reunião foi analisado também o significado do acampamento. De acordo com os participantes, a Encruzilhada Natalino é uma denúncia do problema terra que existe no País e uma prova de que o Estatuto da Terra — uma lei que regula o uso e a posse da terra — está apenas no papel. O acampamento foi ainda encarado como um teste para o movimento sindical, possibilitando que se avalie a consciência do agricultor sobre o problema da terra no Brasil.

No final da reunião alguns presidentes de sindicatos foram até Ronda Alta levar seu apoio aos acampados e falar do que foi discutido durante sua reunião.

Animais de 700 criadores na Exposição de Esteio

São 700 criadores, de 98 municípios do Rio Grande do Sul, os maiores responsáveis pela festa da pecuária gaúcha, a 44ª Exposição Estadual de Animais, que acontece no Parque de Exposições de Esteio de 26 de agosto até 7 de setembro.

Foram inscritos na Exposição deste ano 5.075 animais, um número superior à capacidade do Parque, o que motivou alguns cortes orientados pelas associações de cada raça. Além de animais de criadores gaúchos, a Exposição — mesmo sendo de nível estadual — conta com animais de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

Não são apenas os animais, porém, a atração no Parque Assis Brasil, em Esteio. Paralelamente à exposição de animais, foi montada a III Exposição de Máquinas e Implementos Agrícolas e Insumos. Está prevista ainda a realização da 3ª Exposição Nacional de Cães de todas as raças.

FINANCIAMENTOS

O Banco Central garantiu uma verba de Cr\$ 300 milhões para os financiamentos na compra de animais durante a Exposição. Parte dos recursos são do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, do Banco Sul Brasileiro e da Caixa Econômica Estadual. Bancos particulares também estarão financiando os negócios entre os pecuaristas.

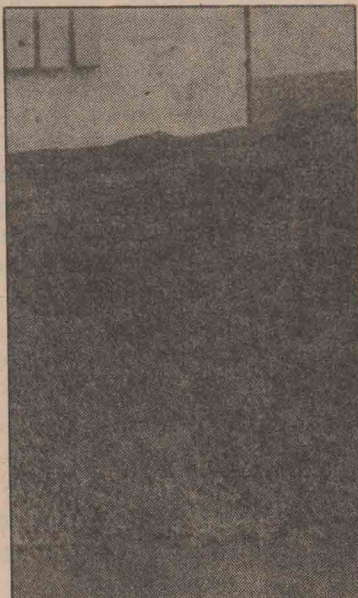
As expectativas são de que o movimento financeiro durante a Exposição alcance cifras bem expressivas, isto apesar da crise que atinge o setor pecuário. No ano passado, quando a exposição tinha caráter internacional, foram comercializados animais no valor de Cr\$ 268 milhões.

A Exposição deste ano será inaugurada oficialmente no dia 3 de setembro, com a participação do presidente João Figueiredo. O encerramento da 44ª Exposição Estadual de Animais está marcado para o dia 7 de setembro.

Padronização na soja para evitar descontos demais

A denúncia é do Ministério da Agricultura e foi publicada em boa parte dos jornais brasileiros: indústrias e exportadores de soja lesaram os produtores em Cr\$ 15 bilhões na safra deste ano. Foi a Secretaria Nacional da Defesa Agropecuária, do Ministério, quem denunciou o fato e explicou como isto aconteceu: as indústrias e exportadores fizeram descontos demais na qualidade do produto, superando em 5 por cento os limites de padrão que são fixados por lei.

Com isto, os produtores tiveram um prejuízo de 750 mil toneladas de grão de soja, o que representa um volume superior ao do contrato de exportação para a União Soviética que foi acertado em julho pelo ministro Delfim Netto, que chega a 500 mil toneladas.



PADRONIZAÇÃO NO RECEBIMENTO

A Secretaria, agora, pretende editar uma tabela com os índices oficiais de descontos no produto, estabelecendo também os ágios e deságios ao produto de acordo com a ocorrência de defeitos no grão.

A intenção é que não incidam apenas descontos penalizando a má qualidade do grão (umidade, impurezas, grãos quebrados e avariados), mas que também seja paga uma diferença quando o produto apresentar qualidade superior aos índices estabelecidos como mínimos.

Agora em setembro deverá acontecer uma reunião entre industriais, cooperativas, exportadores de soja e elementos do Ministério da Agricultura onde deverão ser definidas tabelas únicas de recebimento. Esta padronização já foi tentada no mês de julho, em Campo Grande — durante a realização do I Congresso Nacional da Soja — mas pela pouca representatividade de produtores na reunião, as cooperativas participantes procuraram retardar o estabelecimento das normas.

AMOSTRA GRÁTIS.

Aqui uma pequena amostra de que Lexone L+ gramínicida é o sistema mais econômico para o controle das ervas daninhas da soja.



WILMAR ARAMIS KAERCHER
Monte Alvão, Município de Chiapeta, RS.

"A gente pode constatar a economia do Lexone L porque, sendo líquido, ele não se perde dentro do pulverizador; ele é todo aproveitado. Tenho usado a dosagem de 700 ml por hectare. Com isso, além da economia por área, tenho feito também economia de mão-de-obra, desviando-a para outras atividades. E com Lexone eu não dependo de períodos críticos para a aplicação, como acontece com outros herbicidas."

O resultado é que minha produtividade aumentou e ainda economizei mão-de-obra."



JOÃO FRANCISCO PASQUALOTTO
Granja Japepó, Município de Júlio de Castilho, RS.

"O Lexone L pra mim é um grande produto. Eu já tinha usado o Lexone em pó, mas o Lexone L, devido ao fato de ser líquido, não entope bico, é mais fácil de preparar e usado com outro produto parece que ele mistura mais; eu notei isso. Lexone L é um produto eficiente, seguro e permite uma dosificação exata."

Lexone L pra mim não se torna caro porque, se vai analisar preço de capina ou comparar também com outros produtos, eu acho que ele tá dentro dos padrões de preço de herbicidas."



EDSON LOURENÇO DE ARAUJO
Granja Nova Esperança, Cruz Alta, RS.

"A aplicação de Lexone L facilita o manuseio, principalmente. Acaba com o problema de mão-de-obra que a gente tem aqui no campo. E como Lexone é líquido, ele facilita a mistura. Acho a sua formulação um avanço da tecnologia. Tenho usado uma base de 700 ml por hectare, em toda a lavoura."

E ele controla as ervas daninhas, principalmente a guaxuma, que é o maior problema que eu tenho aqui. Gosto de Lexone L porque não gosto de arriscar na lavoura."



O primeiro metribuzin líquido do Brasil.



Lexone é marca registrada da Du Pont.

A MULHER COMO REPRESENTANTE

Representantes dos Núcleos de Senhoras e Filhas de Associadas da Cotrijuí, de Ijuí e Ajuricaba, estiveram reunidas com o pessoal de Comunicação e Educação para definirem de uma vez por todas as suas atribuições junto aos núcleos. A troca de idéias, o levantamento de alguns problemas relacionados com atividades da cooperativa do pessoal de Ijuí, aconteceu no dia 17 de agosto, na sede da Afucotri. Já as representantes de Ajuricaba, Teodora Dorn, Anna Dallabrida, Margarida Breitenbach, Iracema Wiegert, Lúcia Lourdes Corassa e Celi Maria Sangiovo se reuniram no dia 24.

Nos dois encontros, tanto no de Ajuricaba como no de Ijuí, os debates iniciaram em torno da questão "atribuições e participação da representante". Logo de saída, as representantes procuraram definir a função específica de cada uma delas junto ao núcleo. E nas duas reuniões, as

representantes chegaram a um ponto comum: a participação andava pequena porque até então não existia uma atribuição definida. E as funções somente ficaram definidas depois de muita troca de idéias. A cada representante dos núcleos de Ijuí, ficou à incumbência de ser uma portadora das idéias de suas representadas; de incentivar os associados; de buscar informações em reuniões e levá-las ao núcleo durante as reuniões mensais e ainda discutir problemas dos associados e, juntamente com os representantes eleitos, encaminhar às chefias e setores responsáveis dentro da cooperativa.

Já as representantes de Ajuricaba definiram como funções: visitas às famílias da comunidade, com o objetivo de conscientizá-las da necessidade de se fazerem presentes às reuniões; andar mais informadas sobre o que acontece na cooperativa para poder transmitir às demais

participantes do núcleo, e ainda trabalho com os jovens nas comunidades.

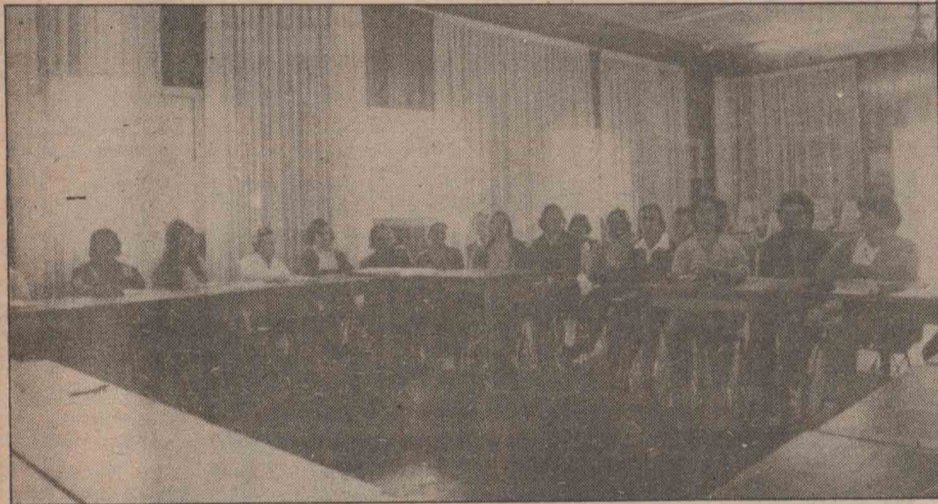
Para que os trabalhos tenham continuidade, ficou definida a realização de mais reuniões entre as representantes, de no mínimo duas vezes por ano. Também foi sugerida, pelas próprias representantes e isso aconteceu nas duas reuniões, a realização de encontros entre representantes de outras Unidades para a troca de idéias e de experiências.

OS OUTROS ASSUNTOS

Na reunião da Ijuí, na parte da tarde, as conversas ficaram para o lado dos assuntos gerais e as representantes indagaram sobre o preço da soja; a razão da doação de ranchos a funcionários, enquanto que os associados não recebem nada; des-

vio de mercadorias na Central de Abastecimento e ainda pediram esclarecimento sobre os descontos de capitalização e novo preço do leite. As queixas ficaram mais para o lado da área de consumo, como falta de mercadorias nos postos e falta de um melhor atendimento na loja-sede.

Algumas explicações, como a questão do novo preço do leite e desvios de mercadorias (já esclarecidos com a demissão de envolvidos), foram dadas pelo Gerente da Unidade de Ijuí, Tânio Bandeira. Os demais assuntos levantados na reunião de Ijuí, ficaram para serem discutidos mais a fundo na próxima reunião das representantes com alguns setores da cooperativa, que vai acontecer no dia 1º de outubro.



Em Ijuí as representantes também discutiram assuntos de ordem geral da Cooperativa



Em Ajuricaba participaram representantes dos seis núcleos do município

Curso de costura, uma parte do trabalho

Mais dois cursos de Corte de Costura para senhora e filhas de associados chegaram ao final no mês de agosto. Os dois Cursos, um em Ijuí e o outro em Augusto Pestana, foram ministrados pela professora Liane Ketzer.

Um dos cursos aconteceu no núcleo do Saltinho, Ijuí e ao todo, foram 120 horas de aulas teóricas e práticas. O encerramento do curso aconteceu no dia 12 de agosto e nesta oportunidade, estiveram em exposição os trabalhos em costura confeccionados pelas alunas.

Concluíram o Curso de Corte e Costura no núcleo do Saltinho; Maria Ondina Cardoso, Marli Denise Copetti, Lúcia Marlei Francisconi, Ana Lorilei Francisconi, Rosane Isabel Francisconi, Jussara Teresinha Casagrande, Vera Lúcia Godoy, Cenair Fátima Pizzoni, Jenny Rorato, Sônia Maria Casagrande e Rosane Terezinha Casagrande.

No núcleo de Fundo Alegre, Agus-

to Pestana, o Curso foi ministrado para duas turmas de alunas, totalizando 240 horas-aulas. Concluíram o curso 25 alunas que foram: Clari Sulzbach, Cledi Schneider, Elisa Goergen, Gerti Schneider, Marlei Bach, Marlei Mellitz, Iria Ruwer, Odeete Rodrigues, Rosane Wendt, Salete Maria Goergen, Sirlei Bach, Adela Van Der Hamm, Beatriz Ayres, Celita Sulzbach, Cleonice Seibert, Cleusa Bedhung Simão, Rosane Metke, Iracema Alves da Rosa, Janete da Rosa, Judite Wink, Liane Kerber, Lili Hatmann, Marlene Mellitz Sost, Maria Dominga Goergen e Maria Isabel Goergen.

O encerramento do curso aconteceu no dia 7 de agosto, na Escola Bárbara Heliodora, com a exposição de 250 peças de vestuário confeccionadas pelas alunas e a presença de seus familiares, amigos, vizinhos, representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da Secretaria de Educação e da Unidade da Cotrijuí de Augusto Pestana.



As participantes do curso em Saltinho . . .



... e em Fundo Alegre, que teve 25 formandas

A LAVOURA NO MÊS

uma chuva, para só então fazer o replantio da lavoura.

É bom lembrar que para garantir uma boa produção, é importante que a batata esteja bem brotada, para que a lavoura se desenvolva uniformemente e tenha boas condições de proteção.

planta seria a de perfilhar.

Um dos aspectos que deve ser levado em conta é a ocorrência de trips — um pequeno inseto sugador, que provoca grandes prejuízos na lavoura. O trips deve ser controlado logo que aparece na lavoura para que a produção não fique prejudicada. Esse inseto costuma esconder-se na bainha das folhas. Para quem ainda não o conhece muito bem, se torna um tanto difícil a sua localização. Por isso, sempre que houver alguma dúvida, é bom consultar um técnico. As lavouras da região já estão apresentando um alto índice de infestação do trips.

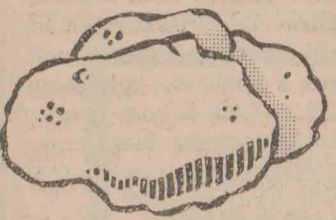
apresentando um desenvolvimento bastante fraco. Até chegou a acontecer de que muitos produtores nem tiveram tempo para fazer o transplante das mudas.

O produtor que tiver condições de irrigar a sua lavoura poderá ter grandes benefícios financeiros, pois sabe-se que nesta região as colheitas no cedo sempre resultam em melhor rentabilidade ao produtor.

As mesmas precauções do alho, com relação ao trips devem ser tomadas com a cebola, para que não haja grandes prejuízos.

quase nada o desenvolvimento das hortas, principalmente, das caseiras que estão com um aspecto bastante desanimador. Com a falta de chuvas, quase nenhum resultado positivo pode ser esperado das hortaliças de inverno. Agora só resta esperar que tudo corra bem com as plantas de verão, para que fique garantido um bom estoque para o gasto caseiro.

Plantas de verão, que nem o pepino, o tomate, morangas, abóboras... já podem ser semeadas, desde que os canteiros fiquem protegidos, no caso da temperatura voltar a baixar. Assim, no caso da temperatura se manter alta valem as recomendações do mês anterior.

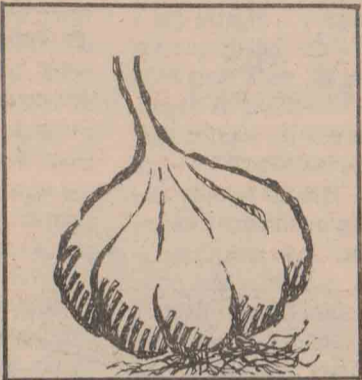


BATATA — REGIÃO PIONEIRA

A falta de chuva está começando a se refletir na cultura da batatinha, já que estamos na época do plantio.

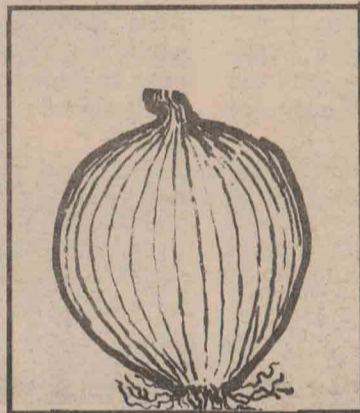
A batatinha é uma planta que normalmente exige altas doses de adubo — de 800 a 1.000 quilos por hectare da fórmula 7-11-9 — isto por causa de seu ciclo que é bem curto, necessitando, portanto, de boas condições nutricionais.

Uma adubação pesada em período seco pode ser bastante arriscada, pois o adubo fica muito concentrado, prejudicando as raízes das plantas. Assim, mesmo que muitos produtores já tenham feito suas lavouras de batatinhas, o mais adequado é aguardar



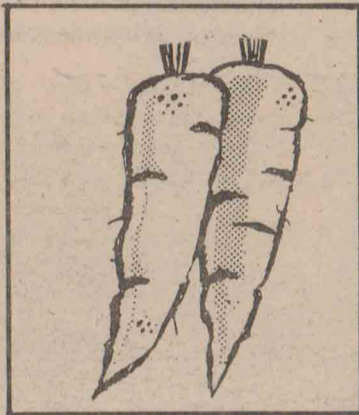
ALHO — REGIÃO PIONEIRA

As lavouras de alho estão se apresentando razoavelmente bem, apesar do pouco desenvolvimento por causa da falta de chuvas que já vem acontecendo há muitos dias em toda a região. Assim, mesmo que as plantas não estejam com o desenvolvimento desejado pelo produtor, não é mais recomendada a aplicação de uréia, pois neste caso a tendência da



CEBOLA

Também por causa da falta de chuva, a lavoura de cebola da região está



HORTALIÇAS DIVERSAS

As condições de umidade ocorridas no mês anterior não ajudaram em

VENDE-SE

Uma ordenhadeira mecânica Westphalia, sem uso, a preço inferior ao de mercado. Tratar com Romeu Michael, em Resaca dos Michael, Itaí, município de Ijuí.



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

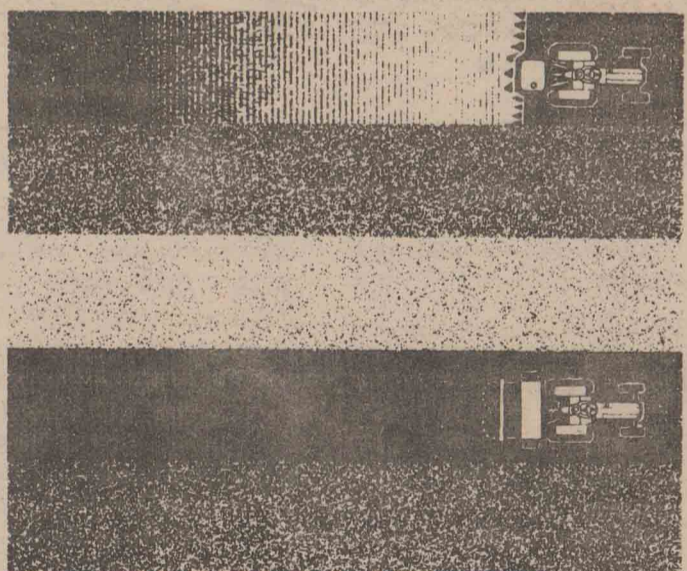
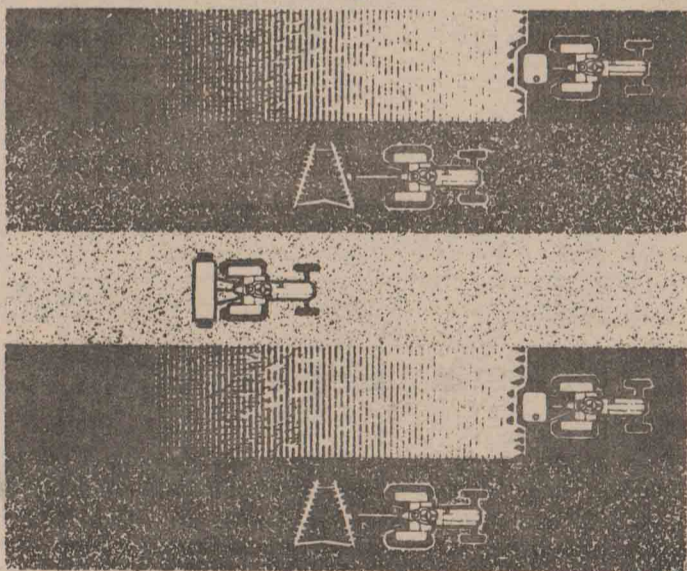
INVESTIMENTO EM SEGURO, SEJA INCÊNDIO, VEÍCULOS, ROUBO, VIDA, ACIDENTES PESSOAIS E OUTROS, REPRESENTA TRANQUILIDADE CONTRA AS INCERTEZAS DO DIA-A-DIA.

A COTRIJUÍ ATRAVÉS DE SUA CORRETORA DE SEGUROS, PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 — fone 332-1914 ou 332-2440 ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 5º andar - fone 33-50-32

PARA PLANTAR A SOJA NA ÉPOCA IDEAL, VOCÊ PODE CONTRATAR MUTTA GENTE E USAR MAIS MÁQUINAS...

...OU APLICAR HERBADOX*



O sistema Aplique-plante com Herbadox* é o que todo sojicultor precisa para atingir alta produtividade com menores custos de produção. Tanto em plantio convencional quanto em plantio direto.

A razão é simples: graças às suas propriedades, Herbadox* é aplicado antes do plantio, por via aérea ou terrestre, sem necessidade de incorporação. Com isso, todo seu pessoal e maquinário ficam disponíveis para plantar na época ideal.

Herbadox* é eficaz. Não se evapora e suporta melhor os fatores adversos como excesso ou escassez de chuva, luz solar e altas temperaturas. Herbadox* é seguro. Não deixa resíduos fitotóxicos na terra.

HERBADOX

* Marca de Indústria e Comércio da American Cyanamid Co. - USA



Com Herbadox*, as culturas posteriores podem ser plantadas sem qualquer risco.

Herbadox* é econômico. Como não é necessário incorporar, o desgaste do maquinário é menor e você economiza combustível e mão-de-obra.

Herbadox*: Maior produtividade, segurança e economia por hectare plantado.

CYANAMID

SPSS BLENCO

Cyanamid Química do Brasil Ltda.
Divisão Agropecuária - Av. Rio Branco, 311
7º andar - Rio de Janeiro
CEP. 20040 - Tel.: (021) 297-4141

REGISTRADO & IC - Nova Páuli

O PESO DO DINHEIRO NO CUSTO DA PLANTA

Dados do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, encarregado de estudar os custos de cada cultura, mostram que um produtor de soja da próxima safra, terá de colher, no mínimo, 1.316 quilos de soja por hectare (21,93 sacos) para poder pagar todos os custos diretos para a formação da lavoura, como juros, Proagro, assistência técnica, Funrural, descontos de capitalização, quebras técnicas. . . Se em um hectare o produtor colher menos de 21 sacos, pode ficar certo de que vai ter prejuízo.

Com a lavoura de milho, terá de colher 2.124 quilos por hectare (35,4 sacos); com o sorgo 2.649 quilos por hectare (44,15 sacos), com o feijão 479 quilos por hectare (7,98 sacos) e com o milho 878 quilos por hectare (14,63 sacos). É bom ressaltar que está se levando em conta que cada uma destas culturas chegue a atingir a produtividade estimada, em condições normais de tempo.

No caso do produtor conseguir colher 1.800 quilos de soja por hectare, ele vai ter uma margem bruta de Cr\$. . . 14.544,00 por hectare, isso levando em

conta um preço estimado para a soja de Cr\$ 1.800,00 saco. Se o milho alcançar uma produtividade de 3.000 quilos por hectare, a margem bruta será de Cr\$. . . 16.059,00 por hectare, considerando um preço estimado em Cr\$ 1.100,40 por saco.

Na lavoura de sorgo se a produtividade for de 4.000 quilos por hectare, a margem de lucro por hectare será de Cr\$. 19.369,00, levando-se em conta um preço estimado em Cr\$ 858,00 por saco.

No caso do feijão, uma colheita de 700 quilos por hectare dará uma margem de lucro por hectare por volta de Cr\$. . . 18.482,00, isto se o preço chegar nos Cr\$ 4.999,80 estimado por saco. Já para o milho a margem bruta de lucro fica em Cr\$ 661,00 por hectare no caso do produtor colher 900 sacos por hectare. No caso do milho a estimativa para o preço até a hora da colheita é de Cr\$. . 1.800 por saco.

O João Valmir Cezimbra Lopes, que juntamente com o pessoal do Departamento andou fazendo todos estes custos, faz questão de deixar bem claro, que

aqui não foram levados em conta a mão-de-obra na propriedade, gastos com benfeitorias, depreciação de máquinas, etc. Considerando também ainda mais estes gastos, o produtor deve ficar alerta, porque os lucros diminuem bastante e podem chegar a tal ponto de praticamente não existirem.

O CUSTO DA PLANTA

A tabela de número 1, mostra que a lavoura mais cara é a do feijão, que vai exigir para sua formação, nada mais nada menos do que Cr\$ 39.849,00. A segunda cultura mais cara é a da soja, exigindo para a formação da lavoura Cr\$ 39.456,00 enquanto que a cultura que menos recursos exige é o milho: Cr\$. . . 26.339,00 por hectare.

Por outro lado, a cultura que pode oferecer melhores resultados por hectare é o sorgo. É a lavoura que dá maior margem bruta por hectare, em torno de Cr\$ 19.369,00, isso quando produz bem. Basta apenas o produtor colher 2.649 quilos por hectare para pagar a maior parte das despesas na formação da lavoura — lembrando aqui, mais uma vez

que gastos com mão-de-obra e depreciações de máquinas não estão computados nestes dados. A cultura de menor lucratividade aparente é o milho, apresentando apenas Cr\$ 661,00. É bom ressaltar que o milho desempenha duas funções servindo de pastagem para o gado e mais tarde para produção de sementes.

A cultura do sorgo pode ser cultivada nas mesmas condições da cultura do milho, se bem que na Região Pioneira, o produtor tem optado mais pelo milho. O sorgo tem sido uma cultura mais utilizada em regiões da fronteira, como Dom Pedrito, "onde o milho", segundo o Lopes, "não tem muita expressão. Em termos de pequenas propriedades o que prevalece é o feijão e o milho, já que é possível aproveitar nestas culturas a mão-de-obra familiar". Já para o grande produtor, segundo diz o Lopes, a melhor alternativa está sendo o milho, isto levando em conta as condições de mercado.

AS DESPESAS

A tabela de número 2 traz todas as despesas que vão recair sobre a produção. Depois da receita bruta de cada cultura, começam a ser descontados os juros (a 45 por cento ao ano), o Proagro (a uma média de 7,5 por cento), o Funrural, a capitalização, a quebra técnica, impureza e umidade. Bem no fim, a tabela mostra mais uma vez a produção necessária para cobrir o custo de cada cultura.

Todos os dados das duas tabelas foram calculados com base em 100 por cento do VBC, para a faixa de produtividade de 1.751 a 2.000 quilos, no caso da soja; de 3.001 a 3.500 quilos no caso do milho; acima de 3.000 quilos por hectare para o sorgo e de 801 a 1.000 quilos para o feijão.

O cálculo de juro considerou uma taxa de 45 por cento ao ano. Para as verbas que serão liberadas imediatamente (sementes, herbicidas e até Cr\$6.500,00 para trabalhos culturais), os juros serão pagos pelo período de 270 dias. Para as verbas de inseticidas foi considerado um período de 150 dias. O restante da verba de trabalhos culturais (capina) pagará juros por 210 dias e para a colheita de 90 dias.

Para o cálculo do Proagro das culturas de verão foi considerado que o produtor já havia recebido duas indenizações na mesma cultura e fez cobertura de 80 por cento, o que corresponde a uma taxa de 7,5 por cento sobre os 80 por cento do V.B.C.

O PESO DOS CUSTOS FINANCEIROS

Até o ano passado, o que mais pesava na formação de uma lavoura de soja eram os fertilizantes, que andavam em torno de 28,8 por cento do total dos custos, enquanto que as despesas financeiras ficavam por volta de 12 por cento. Já para a próxima safra, com a elevação dos juros para 45 por cento ao ano, a situação se inverteu totalmente. Usando como exemplos os dados das duas tabelas, o produtor vai ter de gastar para formar um hectare de soja, só de despesas financeiras, Cr\$. . 7.380, o equivalente a 18,7 por cento do custo total das despesas diretas na lavoura que é de Cr\$ 39.456,00. Com o fertilizante, o gasto por hectare, será de Cr\$. . 5.500,00. A participação do fertilizante no total dos gastos é de 13,94 por cento. Isso mostra como o dinheiro ficou caro.

TABELA Nº 1 — Referente Custeio da Lavoura Culturas de Verão
CUSTEIO PARA FORMAÇÃO DE LAVOURAS DE VERÃO — 1981

RUBRICAS	CULTURAS	SOJA Cr\$/ha	MILHO Cr\$/ha	SORGO Cr\$/ha	FEIJÃO Cr\$/ha	MILHETO Cr\$/ha
Sementes		3.200,00	1.404,00	2.400,00	10.000,00	480,00
Fertilizantes		5.500,00	7.856,00	9.017,00	6.861,00	8.372,00
Defensivos		5.000,00	4.180,00	3.604,00	2.500,00	—
Trabalhos Culturais		9.000,00	8.789,00	6.309,00	3.139,00	6.500,00
Colheita		2.500,00	2.470,00	2.370,00	2.400,00	1.800,00
1 — Total Custeio (Cr\$/ha)		25.200,00	24.700,00	23.700,00	24.900,00	17.152,00
2 — Total Despesas (Cr\$/ha)		14.256,00	14.231,00	14.251,00	14.949,00	9.187,00
3 — Custo Total (Cr\$/ha)		39.456,00	38.931,00	37.951,00	39.849,00	26.339,00
4 — Receita P/ha		54.000,00	54.990,00	57.320,00	58.331,00	27.000,00
5 — Margem Bruta/ha		14.544,00	16.059,00	19.369,00	18.482,00	661,00
6 — Preço/Kg		30,00	18,34	14,33	83,33	30,00*
7 — Prod. Méd. Região (kg/ha)		1.800	3.000	4.000	700	900 kg
8 — Prod. Méd. Estado (kg/ha)		1.171	1.373	2.083	823	800 kg
9 — Prod. Necessário (kg/ha)		1.316	2.124	2.649	479	878
10 — Margem Bruta (Cr\$/kg)		8,08	5,35	4,84	26,40	0,75

* Estimativa de preço para época de colheita

TABELA Nº 2 — Referente Despesas e/ou Descontos Culturas de Verão
RELAÇÃO CUSTO x PRODUÇÃO — CULTURAS DE VERÃO — 1981

DESPESAS	CULTURAS	SOJA Cr\$/ha	MILHO Cr\$/ha	SORGO Cr\$/ha	FEIJÃO Cr\$/ha	MILHETO Cr\$/ha
RECEITAS		54.000,00	54.990,00	57.320,00	58.331,00	27.000,00
1 — Financiamentos						
juros — 45% a.a.		7.380,00	7.295,00	7.195,00	7.677,00	5.384,00
Proagro — (7,5%)		1.512,00	1.482,00	1.422,00	1.494,00	1.030,00
Assistência Técnica		504,00	494,00	474,00	492,00	343,00
SUB-TOTAL		9.396,00	9.271,00	9.091,00	9.699,00	6.757,00
2 — Taxas e/ou Contribuição						
Funrural (2,5%)		1.350,00	1.375,00	1.433,00	1.458,00	675,00
Capitalização (3%)		1.620,00	1.650,00	1.720,00	1.750,00	810,00
Quebra Técnica (0,5%)		270,00	280,00	287,00	292,00	135,00
Impureza (2,5%)		1.350,00	1.375,00	1.433,00	1.458,00	675,00
Umidade (0,5%)		270,00	280,00	287,00	292,00	135,00
SUB-TOTAL		4.860,00	4.960,00	5.160,00	5.250,00	2.430,00
3 — TOTAL (1 + 2)		14.256,00	14.231,00	14.251,00	14.949,00	9.187,00
4 — V.B.C		25.200,00	24.700,00	23.700,00	24.900,00	17.152,00
5 — TOTAL GERAL (3 + 4)		39.456,00	38.931,00	37.951,00	39.849,00	26.339,00
6 — PROD. NECESSÁRIA (kg)		1.316	2.124	2.649	479	878



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

JOÃO-DE-BARRO



Como as grandes personalidades humanas, o João-de-barro merece uma biografia romancada.

Trata-se na realidade de um super-pássaro, cheio de qualidades.

Industrioso, honesto, inteligente, trabalhador, casto, pacífico, este passarinho conquistou a simpatia dos homens em cuja vizinhança se compraz de viver, vindo confiante construir seu ninho nas proximidades das casas, quando não nas estradas que ele transita, nas cercas, nas árvores ou nos postes telegráficos.

Quando se sente protegido e admirado pelos que o cercam, então ainda mais confiante se mostra chegando sem receio até junto ao homem. Ele passeia pelos canteiros da horta ou jardim, a cata de minhocas e insetos. Nunca é visto na mata, mas sempre no campo e, até nos centros movimentados. Parece ter grande afeto ao lugar que elege para morar e dele não se afasta.

Sua presença alegria as pessoas com seu constante cantar, que parece uma gargalhada. Entremeia seu trabalho com suas gostosas e alegres risadas. Se chove, cala-se ou solta ligeiros queixumes, porém mal cessa a chuva, ei-lo de novo desfazendo-se em risos.

Quando constrói a casa, cada vez que amontoa o barro, levantando um pedaço de parede, vò para um galho próximo, limpa o bico e, satisfeito com o andamento da construção, acha

esse mundo um paraíso, solta seu cacarejo de alegria, em duo com a companheira.

O ninho divide-se em dois compartimentos, separados por uma parede de forma tal que há um corredor de entrada que se encurva a vai dar numa câmara arredondada, onde a fêmea põe os ovos. Geralmente a porta da casinha fica virada para a estrada onde ele vê as pessoas passarem.

O ninho deste pássaro constitui uma novidade no mundo das aves. Nenhum outro apresenta, como o dele, mais conforto e segurança. É construído de barro, misturado com palhas, crinas e fibras diversas.

Ele traz no bico uma bolinha de barro, do tamanho de um grão de ervilha. Coloca-a no lugar e com o bico dá repetidas bicadas, como que martelando. Descansa e recomeça o serviço até que o barro fique bem espalhado.

Nas tarefas de construir a moradia toma parte o casal: macho e fêmea revezam-se no trabalho de amassar e carregar o barro.

Quando o barro é bastante, em quatro dias está pronta a casa.

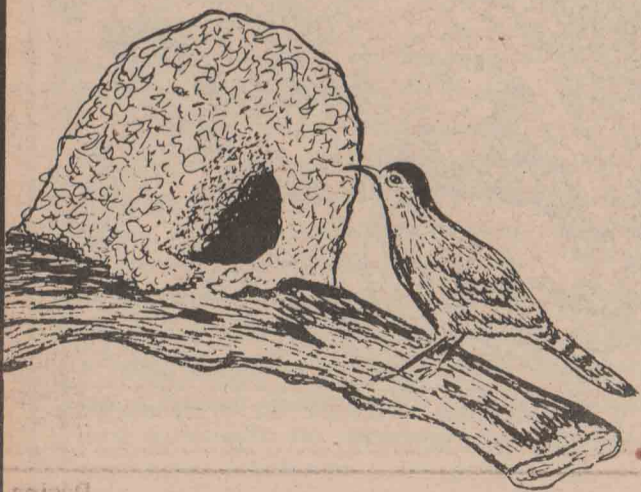
Algumas vezes esse industrioso passarinho faz casas uma acima da outra, à maneira dum minúsculo edifício.

Quando a casa fica pronta a fêmea começa a postura. Depois que nascem os filhotes e tão logo possam voar, a casa é varrida e limpa. Os filhotes são convidados pelo pai, para tratarem da vida. Os joõezinhos saem à cata de comida

e procuram uma gentil companheira e vão amassar barro para construir nova casinha. Lá se inicia novo romance de amor, que enche a terra de novos joões.

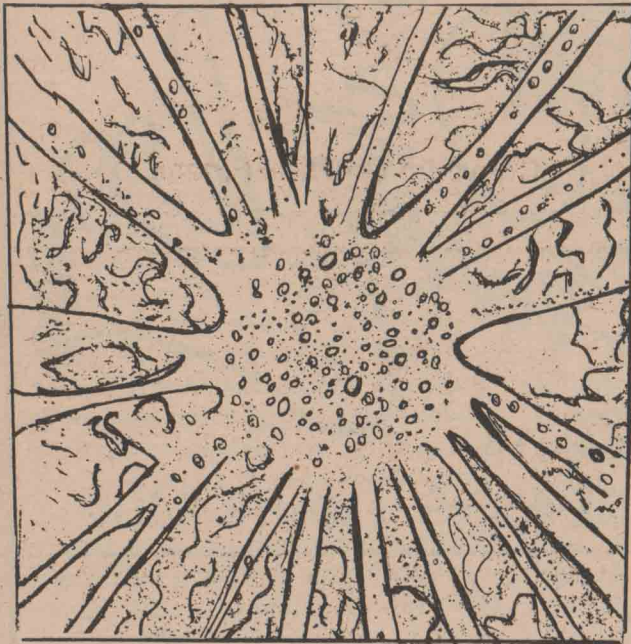
O João-de-barro é corajoso e sabe defender o ninho contra qualquer inimigo, não se recia de enfrentar o próprio homem que lhe queira violar a propriedade. Dá alarma, com seu chilrear, contra os animais daninhos que rondam a casa do colono. Come os insetos daninhos, sendo pois de inestimável utilidade.

É lamentável que até este útil pássaro também seja vítima das poluições, dos inseticidas, pesticidas.

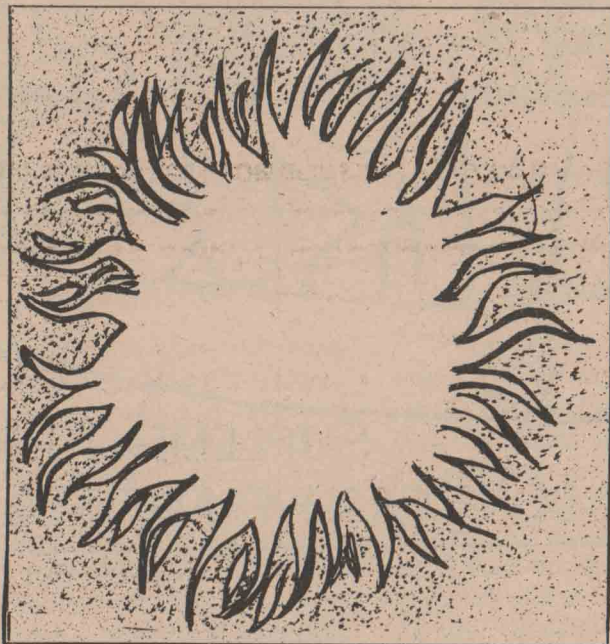


NOSSA TERRA, NOSSA VIDA

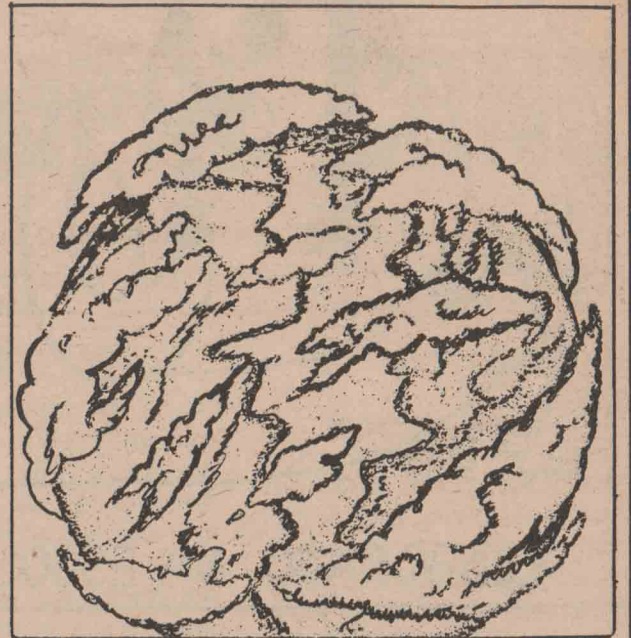
Texto e ilustrações de MÁLUS



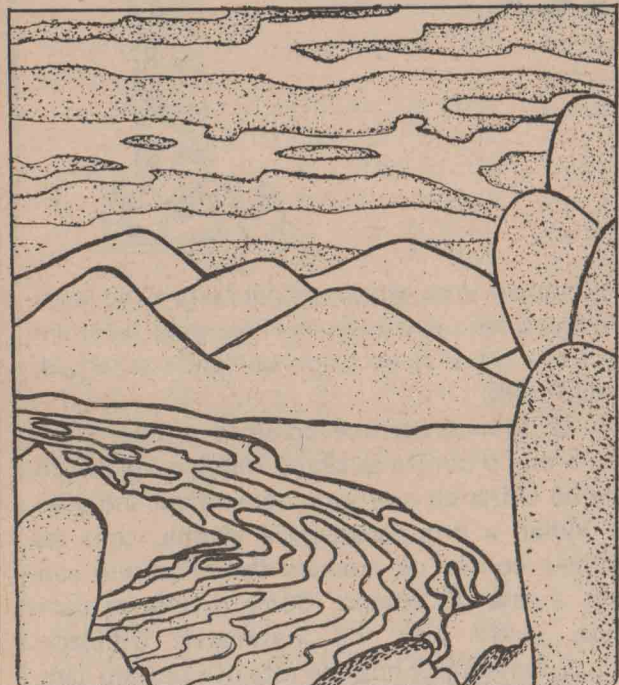
1. No início, uma grande explosão.



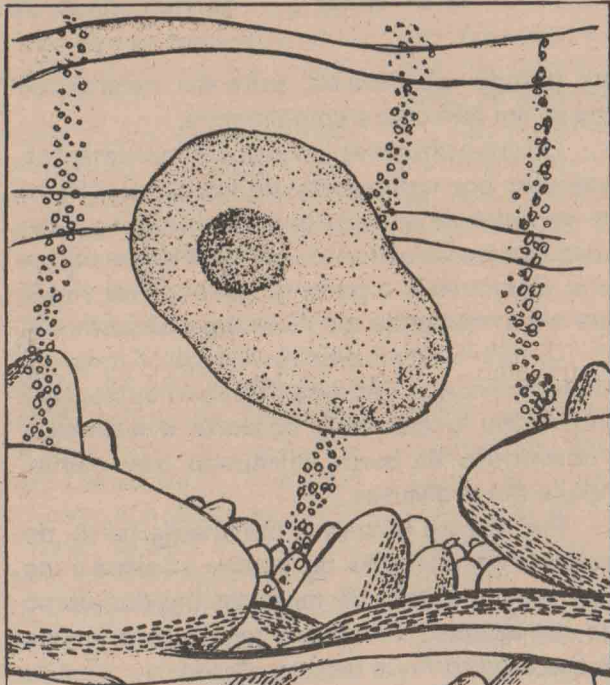
2. Depois, uma bola de fogo, no negrume do espaço, como bola de São João.



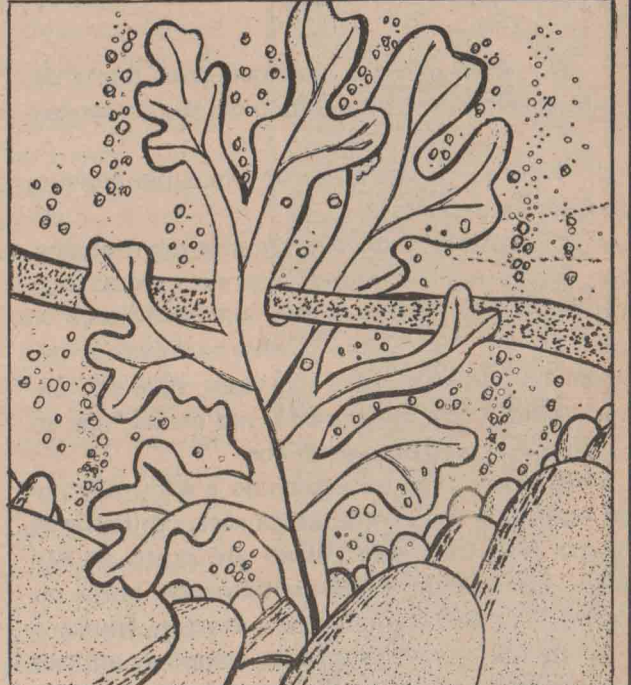
3. Com todo este calor, formam-se nuvens: a chuva não demora a cair e ganhando um mar colorido nossa bola fica azul. Foi esfriando por fora, ganhando casca (é mamão?). Rochas enrugadas, é de pedra, terra, ouro, diamante, latão.



4. Formam-se rios e lagos. A chuva lava e lava como pente. A bola mais se enrug (como pele). Aparecem montanhas, os vales, e, súbito, um coração.



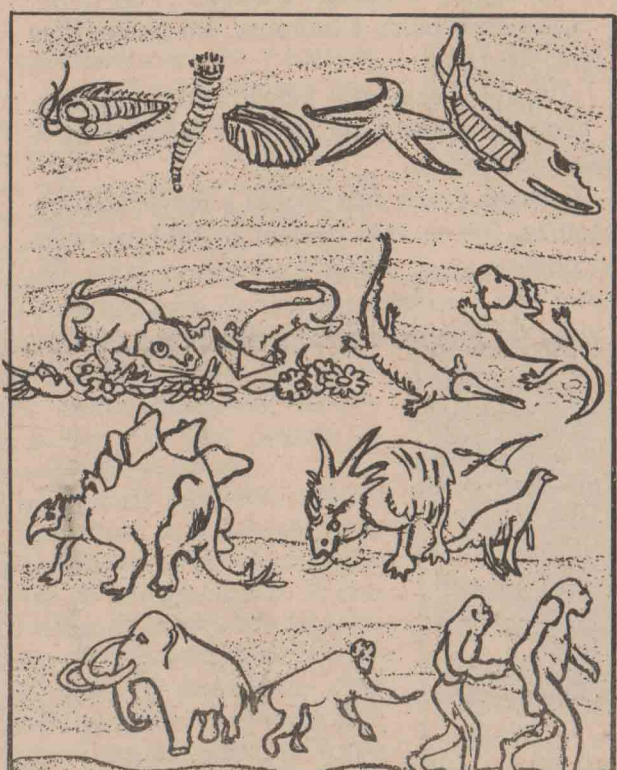
5. É pequenino a princípio: um cisco chamado proteína que já pulsa vida.



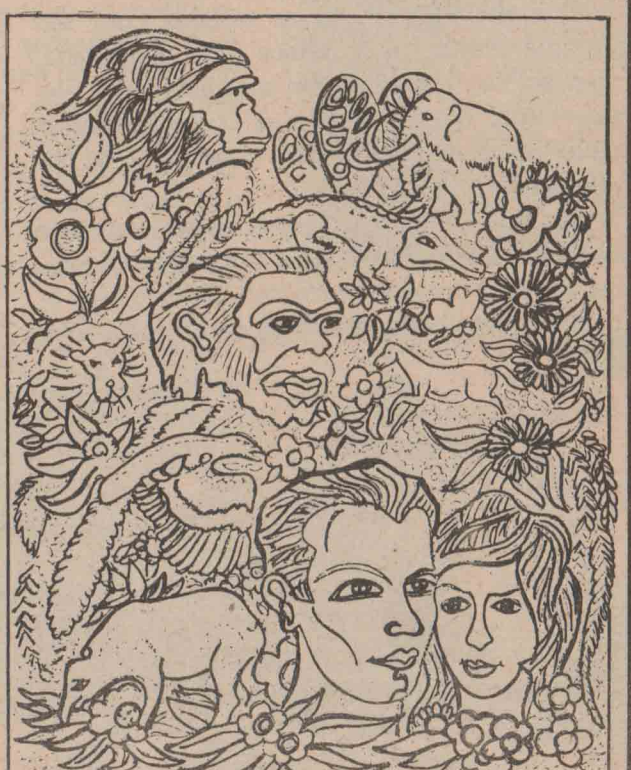
6. O cisco reproduz-se, junta-se com outros, vira planta, cresce e floresce no mar.



Com o tempo, bem lentamente, a terra coberta de verde vê nascerem os bichos: Mastodonte, Dinossauro, Gigante, Tigre. E mais tarde, pássaros, rinocerontes, leões...



8. Devagar, dia a dia, passo a passo, há um bilhão de anos atrás, nossa terra faz uma festa.

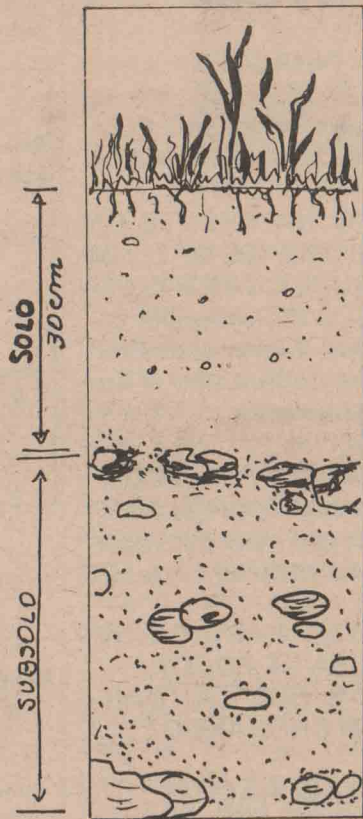


9. E pra comemorar, de repente, faz um ser inteligente que ama, pensa, sente e ri.

RIQUEZAS DO SOLO

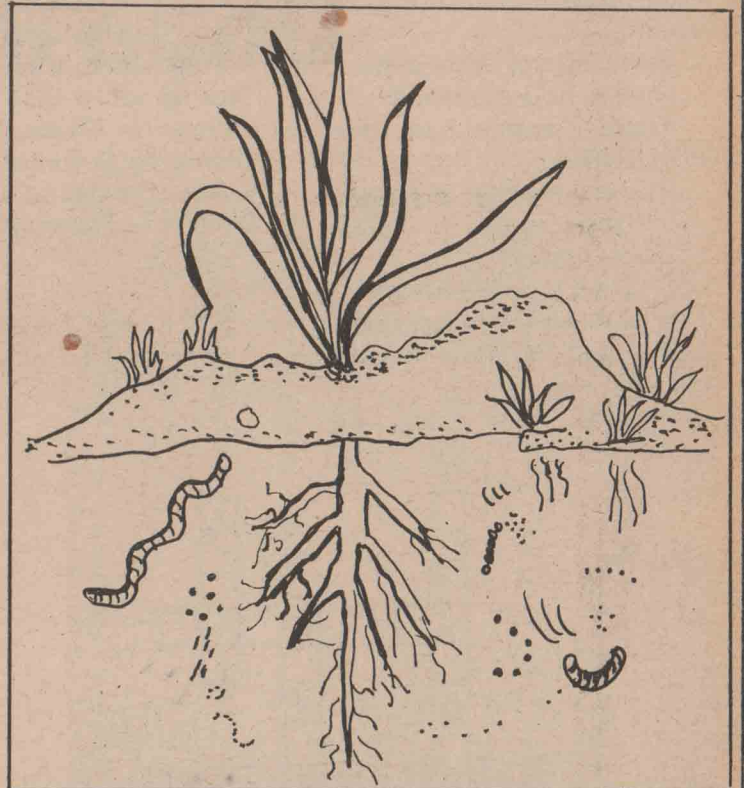
1 Ao falarmos em riquezas do solo, pensamos em minérios, petróleo. . .

Na verdade o solo tem, mais ou menos apenas 30 cm de espessura.



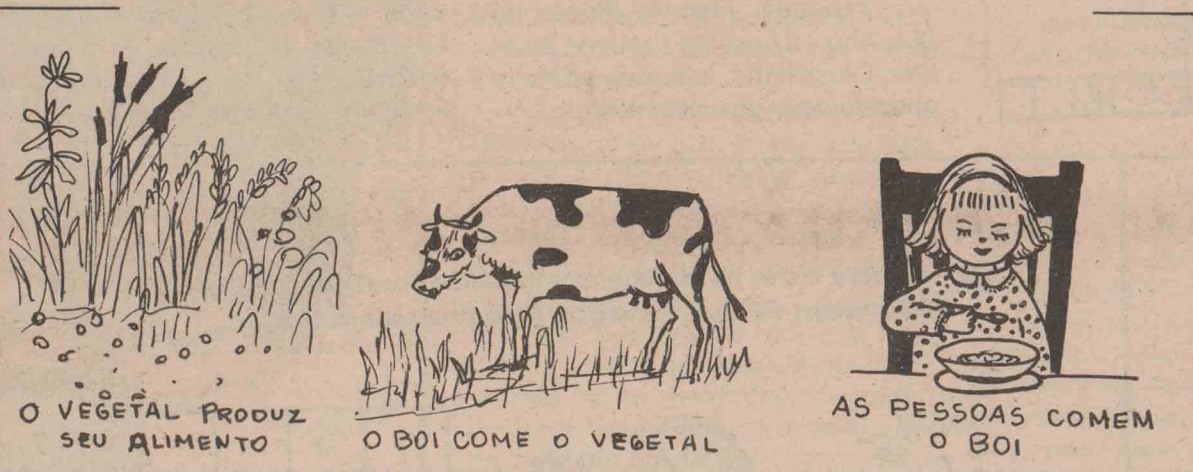
2 Mas esta fina camada contém a maior riqueza do universo. A VIDA.

- 1 - Gases
- 2 - Água
- 3 - Raízes
- 4 - Minhocas
- 5 - Larvas de insetos
- 6 - Restos mortais
- 7 - Micróbios
- 8 - Sais



3 Quanto maior a quantidade de humus (micróbios, bichos, folhas apodrecidas) mais produtivo será o solo.

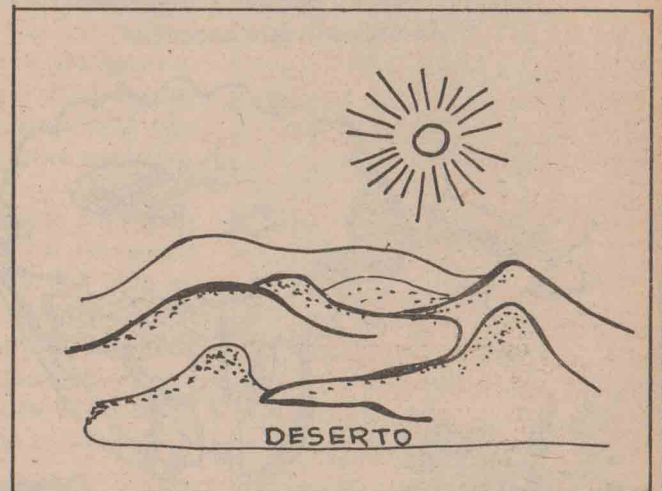
Se o solo não produzisse as plantas, não haveria animais e nem o homem. UNS DEPENDEM DOS OUTROS!



4 MAS... COMO SE FORMOU O SOLO?

Inicialmente só havia minerais, a TERRA, era um Deserto — chuvas, ventos, gelo, calor, gases da atmosfera, raios, criaram os primeiros seres vivos! . . . e também partiram em pedacinhos os minerais maiores. . . Ali se desenvolviam muitos bichinhos, micróbios e iam acumulando também os restos dos que iam morrendo.

Hoje, esta camada tão rica e a partir da qual se desenvolve a vegetação, é chamada de solo.



5 De região para região, o solo pode variar. . .

SOLO ARENOSO — Muita areia. Usado para fazer cimento, vidro.

SOLO ARGILOSO — Muito barro. Usado para fazer tijolos e cerâmicas.

SOLO HUMOSO — Muito fértil, o melhor para a agricultura e reflorestamento.



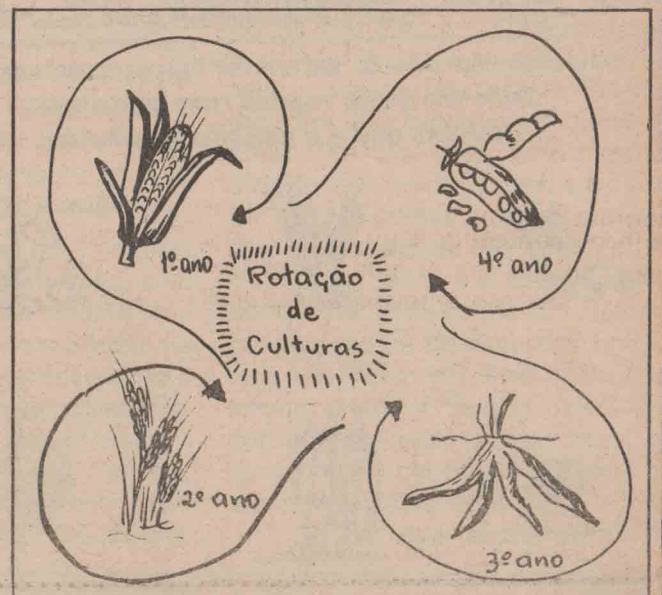
6 O solo tem seus inimigos. É preciso protegê-lo, defendê-lo. Como?

1º Barrar os ventos com fileiras de árvores;

2º Plantar em curvas de nível para evitar a erosão;

3º Utilizar a rotação de culturas. O solo gosta de variar.

BEM TRATADO, O SOLO RETRIBUI COM GENEROSIDADE. . .



DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

VILMAR JOSÉ MATTER. (Linha 9 Leste, Vila Floresta - Ijuí), fez sua "cuca funcionar e escreveu o seguinte:

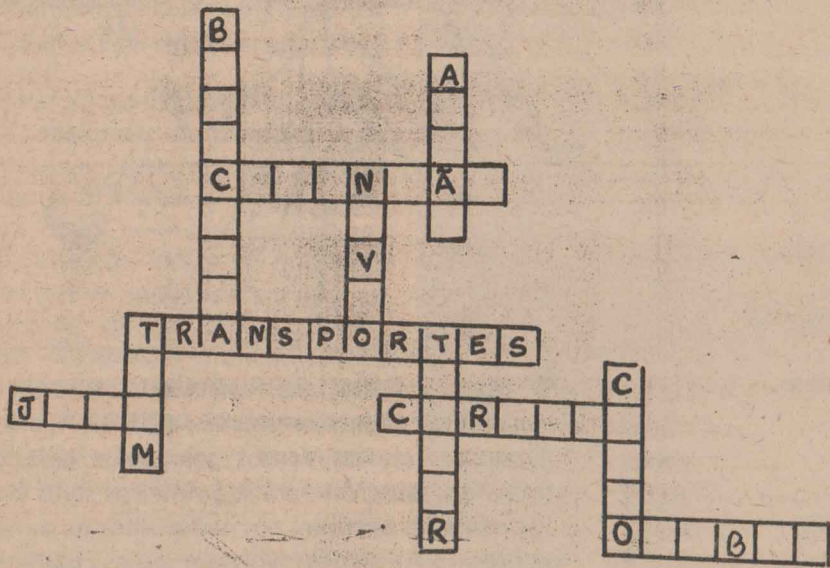
Caros leitores deste jornal
Ontem, hoje e amanhã
Tragam sempre para casa, o
COTRIJORNAL
Razões para lê-lo há tantas:
Informações
Jogos infantis
O agricultor em destaque
Ruas de cultura e lazer estão
Nas páginas deste magnífico

jornal
Amigos,

Leiam o **COTRIJORNAL**, que vale a pena.

CRUZADINHA

"Quando o papai recebe o **COTRIJORNAL**, a primeira coisa que faço, é ver o **COTRISOL**". Quem escreve é **Elaine Mariela Dumke** (Ponte do Ijuzinho - Augusto Pestana), e ainda nos envia a **CRUZADINHA - Transportes**".



ADIVINHAÇÕES

"NUMA MESA ESTÃO POU-
SADAS 4 MOSCAS. VOCÊ MATA
UMA. QUANTAS FICAM?"

UM PATO NA FRENTE DE
DOIS. UM ENTRE DOIS E UM
ATRÁS DE DOIS. QUANTOS PA-
TOS SÃO?" . . . Adivinhações en-
viadas por **Osmar Vanderlei de Frei-
tas Lírio** (Ponte do Ijuzinho - Au-
gusto Pestana) Iracema

**Gilmar e Jussara Almeida Côr-
tes** (Linha Iracema-Chiapetta) escre-
veram, dizendo que iriam participar
sempre e ainda enviaram algumas
adivinhações:

O QUE TEM BARRIGA DE
FERRO, E TRIPA DE FOGO?

"O QUE É QUE CAI DAN-
ÇANDO E VEM CHORANDO?"

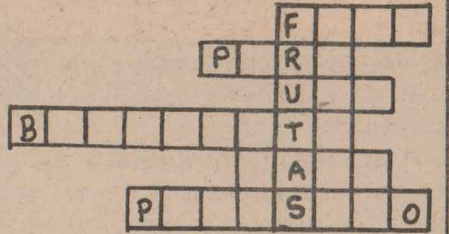
MAIS COLABORAÇÕES

Isabel Mensch (Vila Jóia), es-
creveu para o **COTRISOL** e man-
dou um caça-palavras. Em breve di-
vulgaremos.

Teresinha Mensch (Ponte do
Ijuzinho - Augusto Pestana) envia
uma Cruzadinha, a qual na primeira
oportunidade divulgaremos.

Alcindo Eich - 7 anos (Esquina
Renz - Augusto Pestana) nos manda a se-
guinte cruzadinha:

"Complete a cruzadinha com nome
de frutas:"



O ENIGMA DECIFRADO

DECIFRADO, O POEMA DE
MACHADO DE ASSIS:

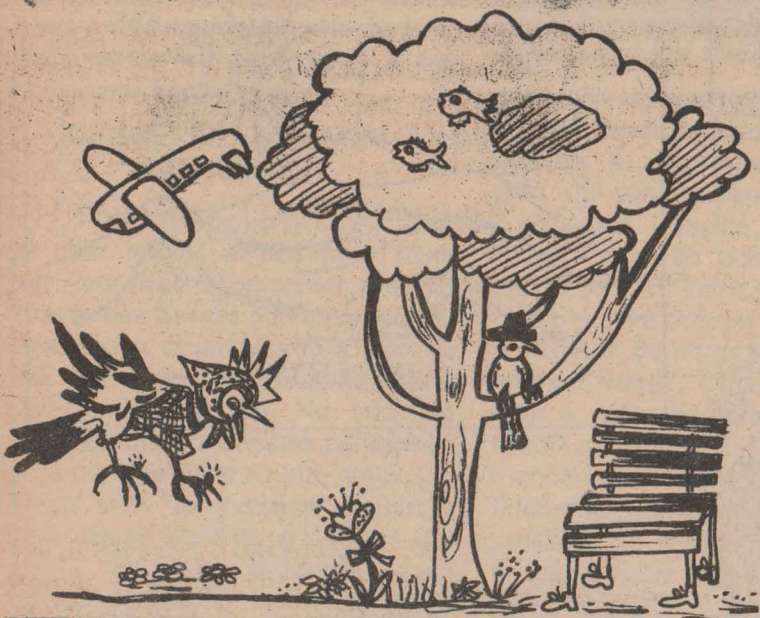
"Dia Santo, nem Domingo não
tenho. Comida pouco.
Pires e feijão e uma gota de ca-
fé

Que molha a boca".

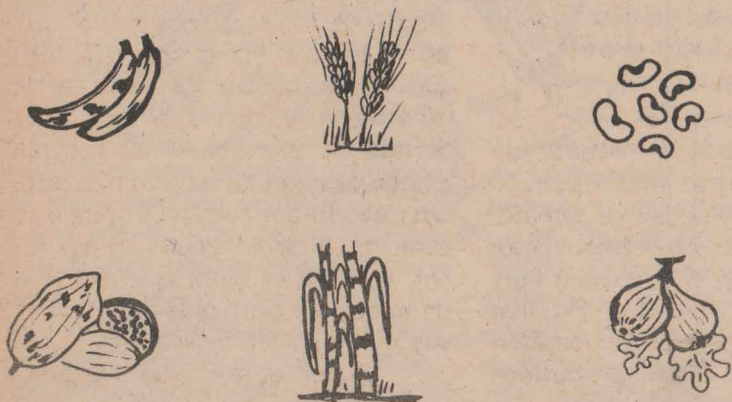
**Jaqueline Drewin - Ijuí; Noé Eduar-
do Saraiva - São José do Norte;**
**Eleni Tomari - Bom Plano - Te-
nente Portela; Andréia Maria Dalla-
brida - Linha 28 Norte - Ajurica-
ba; Adelar M. Moraes - Coronel
Barros,** foram os coleguinhas que
enviaram a resposta do enigma.

Mas que absurdo

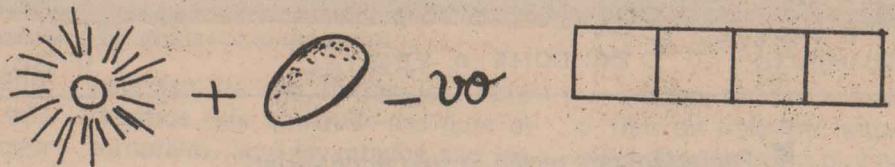
Neste desenho existem 6 absurdos.
Risca cada um que encontrar.



"Cuidando bem do solo, ele nos retribui com generosidade"
Cada um destes vegetais rima com outro.
Descobre qual é o parceiro de cada um.



Queres descobrir o que há de comum entre estas "continhas" estranhas?
Então vamos ver se tu consegues encontrar seus resultados.



SI - LA - BOX (inimigos do solo)

Grande inimigo do solo é a "queimada". Descubra o outro inimigo colocando as sílabas nos quadrinhos. Leia agora somente as que estão em "grifo".

1 - Sinônimo de adorado.

2 - Copo com alça

3 - Necessidade de dormir.

1 - [] [] [] [] [] [] [] []

2 - [] [] [] [] [] [] [] []

3 - [] [] [] [] [] [] [] []



EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene

ESTAMOS DE ANIVERSÁRIO

Agosto de 1980: aparece encartado no Cotrijornal o primeiro número do nosso Suplemento de Educação. Agosto de 1981: completamos um ano de existência. A elaboração deste suplemento foi um desafio colocado, não para um grupo de jornalistas, mas sim, para um grupo de professores. Este fato, de não sermos profissionais de jornal, tornou talvez mais difícil o nosso trabalho, mesmo tendo contado sempre com a orientação e apoio dos profissionais do veículo de comunicação (Cotrijornal) da Cotrijuí.

A nossa intenção, ao nos propormos a elaboração deste Suplemento, centrou-se em fazer dele um instrumento de debate sobre este importante tema que é a educação. A educação vista não somente como uma tarefa escolar, mas também como algo que envolve toda a vivência das pessoas. Por isso, neste nosso primeiro ano de existência, publicamos matérias abordando questões relacionadas aos jovens, às crianças, às mulheres, aos professores e alunos, aos pais, à participação em sindicatos, em partidos políticos e em cooperativas, etc. Enfim, procuramos abranger os mais diversos assuntos na expectativa de executarmos aquela nossa meta inicialmente proposta.

Temos recebido algumas manifestações dos nossos leitores através de cartas publicadas no Cotrijornal. No entanto, agora que estamos iniciando o nosso segundo ano de existência, seria muito oportuno recebermos de professores, de pais, de lideranças comunitárias, de jovens, enfim das pessoas a quem dirigimos o nosso trabalho, uma opinião sobre o mesmo. Fazemos até mesmo uma solicitação no sentido de nos escreverem colôcando o seu ponto

de vista sobre o conteúdo e a forma de elaboração desta folha de educação. Queremos que nos digam os defeitos e as virtudes, o que devemos continuar e no que podemos melhorar a fim de atingirmos mais concretamente os objetivos propostos.

Neste número estamos dando continuidade a uma série de artigos que temos publicado envolvendo diretamente o trabalho do professor. São matérias com conteúdo didático envolvendo o trabalho de Matemática, Língua Portuguesa e Estudos Sociais. Desta vez voltamos a abordar as atividades relacionadas ao ensino da língua. O trabalho com texto em sala de aula é o artigo elaborado pela Noili. O conteúdo deste texto poderá servir como uma base de discussão, entre os professores, sobre tão importante aspecto do trabalho escolar.

O Grémio, não o Campeão brasileiro, mas o Grémio Estudantil como um importante elemento na formação de personalidades das crianças, é o tema do artigo "O poder da decisão no Grémio", escrito pelo Leonardo.

A Cultura Popular também é assunto para esta edição. É muito grande a discussão em torno deste tema, envolvendo definições do que seja folclore e/ou tradicionalismo, a atuação dos nossos CTGs, o ensino do folclore ou do tradicionalismo nas escolas, etc. Para termos mais algumas informações sobre esta importante questão, a Noili e o Paulo elaboraram uma ampla matéria.

Finalmente, o lançamento oficial da Série Caminhos. . . , é por nós destacada como um importante acontecimento para o trabalho que desenvolvemos juntamente com os professores atuantes no meio rural.

"CAMINHOS". A SÉRIE FOI LANÇADA

Dia 17 de agosto foi realizado, na sala 100 da FIDENE, o lançamento oficial dos livros da Série "Caminhos". A este lançamento compareceram autoridades educacionais, professores municipais, associados da Cotrijuí, Srs. Armindo Carlos Höelze, Eumídio Jappe e Augusto da Silva (agricultores de Mauá), além de estudantes e professores da FIDENE.

No início da reunião, falou o Prof. Jaeme Callai, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, o qual salientou a importância de termos livros cujos textos, elaborados pelos professores rurais municipais de Miraguá, Coronel Bicaco e Chiapetta, reflitam a vida diária do nosso meio rural.

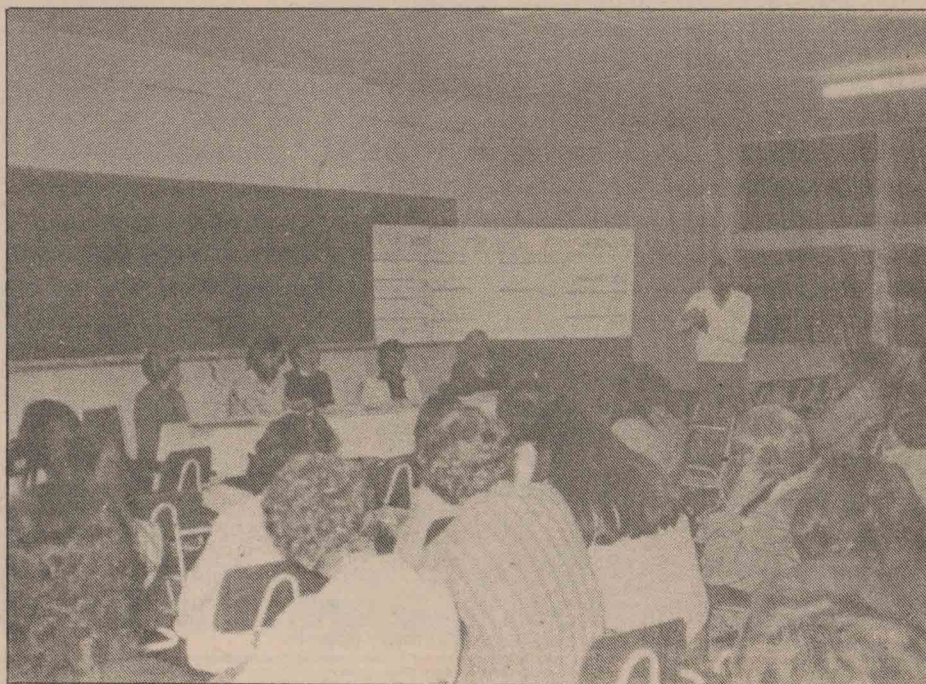
A seguir o prof. Leonardo Azambuja, que neste ano coordena o Grupo de professores da FIDENE que assessora a realização desse trabalho, falou sobre a metodologia de ensino de 1a. a 4a. séries, criadas pelos Professores Rurais em estudos realizados a partir de 1977. Esta metodologia está no livro 4 da Série Caminhos. . . Os três primeiros volumes são de textos que se

destinam à criança de 1a. a 4a. série.

Trazendo a público a idéia do que representa este trabalho na área municipal, falou o sr. Neri Enéas, prefeito municipal de Chiapetta. Cumprimentou os Professores Rurais dos três municípios e o grupo de professores da FIDENE pela persistência e dedicação com que o trabalho foi levado adiante em todos estes anos.

O prof. Milton Cabral Viana, coordenador do Programa Nacional de Ações Sócio Educativas no Meio Rural, através de suas palavras, trouxe o apoio do Ministério de Educação e Cultura, ao referido trabalho. Salientou a idéia da importância desse trabalho já que o próprio professor está produzindo o seu material didático. Um material que traga para a escola um novo caminho, o de ligar-se com a vida das pessoas do lugar.

Encerrando o encontro falou o prof. Adelar Baggio, presidente da FIDENE, que destacou os livros da Série Caminhos como resultado do esforço conjunto e da união entre a Cotrijuí, as prefeituras municipais e a FIDENE.



O lançamento da série "Caminhos" aconteceu no dia 17 de agosto

O "saber do povo". Este é o significado da palavra "FOLCLORE" de origem inglesa, que se tornou uma ciência. Isto é, o folclore tomou-se uma ciência que estuda o conhecimento do povo, o conhecimento de origem anônima, aquela cultura que está no seio do povo, que não se aprende na escola, mas sim no dia a dia da população.

Nós podemos entender o folclore pelo conjunto de conhecimentos populares que se manifestam, no Brasil, através das seguintes formas:

Literatura oral — Poesias, estórias, fábulas, mitos, lendas; Anedotas, trava na língua (um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos; a aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha). Inscrições em pára-choques de caminhões (pobre só enche barriga quando morre afogado). Provérbio (Cotia ficou sem rabo de tanto pedir favor; direito do anzol é ser torto; Antes fahoso do que sem nariz). Teríamos ainda a Literatura de Cordel, ficando esta mais difundida no Nordeste.

Folclore Infantil — brinquedos de roda (ciranda cirandinha) mnemonias (um dois, feijão com arroz, três quatro, feijão no prato) jogo de anel, jogo de bolita, teatro infantil.

Crendices e superstições — Prenúncios: (cai café no chão, dá briga em casa), (cai colher, chega uma mulher). Agouros (pio de coruja, uivo de cachorro, o nº 13, encontrar gato preto). Superstições (lobisomem, mula sem cabeça).

Brinquedos — (estes para adultos e crianças) Jogos da sorte; Danças e bailes (dança dos facões, pezinho, polca, chimarrita, etc). Na nossa região as festas tradicionais do calendário católico tais como: São João, Carnaval, N. Senhora dos Navegantes. Teríamos ainda rinhas de galo; jogo de osso; pandorgas, etc. . .

Artes e Técnicas — Pintura, Escultura (madeira, ferro), Cestarias, croché.

Música — Música vocal e instrumental, os instrumentos típicos tais como: tambu, cuíca, berimbau, viola de choro.

Usos e Costumes — Na Agricultura (mutirão), na Pecuária (apartação), na Alimentação (churrasco no Rio Grande do Sul; Maniçoba no Nordeste e Arroz de Axá no Maranhão).

Linguagem — frases feitas — expressões tais como: tirar o cavalo da chuva; comer o pão que o diabo amassou; botou a carroça na frente dos bois.

Para se caracterizar um fato folclórico, verdadeiramente, esse fato precisa

atender certas características que são:

Anonimato — isto é, não ter autor determinado, ficando o fato perdido através dos tempos sem ter uma pessoa que assumia sua autoria.

Aceitação Coletiva — O povo aceita aquele fato, considera seu e faz modificações, criando novas variantes.

Transmissão Oral — a propagação é feita de boca em boca. O fato se transfere para o "ouvi dizer" quando se trata de uma idéia, ou ponto de vista, ou pela imitação, quando se trata de algo manualmente confeccionado.

Tradicionalidade — é o que caracteriza a sabedoria constituída através da qual os fatos vão passando de geração em geração. É isto que garante a permanência e sobrevivência dos valores de uma cultura.

Funcionalidade — é a razão, o motivo que caracteriza o aparecimento do fato.

O FOLCLORE E A CULTURA POPULAR

A cultura popular muitas vezes é relegada a um segundo plano na escala de importância dos aspectos culturais, dando a impressão de que somente a cultura adquirida nas escolas é que é cultura de fato. Todo homem tem sua cultura, adquirida, em boa parte, no convívio de sua comunidade. Muitas vezes esse conhecimento popular é mais eficiente, para solução de determinados problemas, do que o dito conhecimento sofisticado adquirido nas escolas. Isso, porém, não significa, de modo algum, que estamos confrontando um modo de adquirir cultura com outro, para ver qual o melhor, mas sim estamos querendo que seja percebido o valor da sabedoria do povo. Por que não juntar aqueles conhecimentos populares, anônimos (sem que se saiba quem são os autores) com aqueles conhecimentos transmitidos pela escola e pela ciência? Afinal não são coisas separadas, ambas culturas estão juntas numa mesma comunidade, num mesmo povo.

Até aqui tentamos mostrar que existe uma cultura popular, que é muito importante e, portanto, devemos valorizá-la. Essa cultura, onde as coisas não têm autor, recebe o nome de folclore.

A técnica de podar árvores ou a técnica de plantio, pode nos ser transmitida pela própria comunidade, de geração em geração. Mas pode também ser transmitida pelos agrônomos que estudaram na universidade essas técnicas. Nesse sentido podemos observar que há uma possibilidade de



FOLCLORE

integração entre o que chamamos popularmente de "teoria e prática" — a teoria aprendida nos livros e a prática conhecida pela comunidade. Nós vemos a necessidade de, ao aplicar as teorias, considerar o conhecimento que o povo possui a respeito daquele assunto, utilizando exemplos e um linguajar comum aos elementos da comunidade.

A cultura popular não é algo parado. Sempre está sendo acrescida de

novos conhecimentos anônimos e quando se tornam comuns à comunidade, consideramos folclore. Mas quando buscamos lembrar costumes já abandonados ou ensinar em lugares específicos, como escolas de dança, por exemplo, passam a ser projeções folclóricas.

DOMINAÇÃO CULTURAL NA NOSSA REGIÃO

Boa parte da literatura sobre o Folclore do Rio Grande do Sul trata de descre-

ver as manifestações do homem da campanha, do gaúcho, relegando a um segundo plano os costumes dos imigrantes europeus. Isso significa que existe também uma dominação cultural, onde alguns costumes populares são esquecidos e substituídos por outros, introduzidos pela cultura dominante.

No caso do Rio Grande do Sul, a cultura dominante até pouco tempo foi a da zona da campanha, dos fazendeiros criadores de gado, os quais foram os primeiros a ocuparem o território expulsando os índios e, portanto, os que usufruíram das maiores riquezas: os campos naturais e o gado que ali pastava (foi somente tomá-los dos índios). Por outro lado, os imigrantes italianos, alemães, poloneses e outros, foram enviados à zona da mata, onde tiveram que derrubar a mata, além de receberem pouca terra (25 hectares) contra os milhares de hectares dos fazendeiros da campanha. Isso pode explicar porque a figura do gaúcho das lidas campeiras aparece como representante máximo do folclorismo rio-grandense. A condição econômica dos imigrantes não teve forças suficientes para impor seus costumes e suas manifestações, acabando por incorporar os costumes do povo do campo.

O FOLCLORE NAS ESCOLAS

Muitos professores encontram certa dificuldade quando se propõem trabalhar com este tema. Esta dificuldade, normalmente, se dá por dois motivos: 1º — o que dizer aos seus alunos sobre folclore? — 2º — Como trabalhar esse tema sem apresen-

tá-lo desvinculado dos conteúdos que precisam ser desenvolvidos?

Quanto a resposta para a primeira questão, acreditamos que o que foi escrito anteriormente neste artigo já esteja levando subsídios para serem somados aos que os professores já possuem. Para responder à segunda dúvida estamos trazendo sugestão através da exploração duma rima infantil. Essa rima parece não ser muito conhecida aqui no Sul, mas como texto pretexto para trabalhar conteúdos e também o folclore de outras regiões consideramos bastante válida. Dissemos que o que escrevemos aqui são sugestões. Cabe ao professor fazer a transferência da sugestão para rimas conhecidas das crianças, em cada localidade.

"História da velha que tinha 10 filhos".

Era uma velha que tinha 10 filhos
Todos 10 dentro de um fole;
Deu o tangolomango num deles,
Desses 10 ficaram 9
E esses 9, meu bem, que ficaram
Foram logo fazer biscoito
Deu um tangolomango num deles
Desses 9, ficaram 8
E esses 8, meu bem, que ficaram
Foram brincar com canivete
Deu um tangolomango num deles
Desses 8, ficaram 7.
E esses 7, meu bem, que ficaram
Foram fazer um bolo inglês
Deu o tangolomango num deles
Desses 7 ficaram 6.
E esses seis, meu bem, que ficaram
Foram a porta bater no trinco,
Deu um tangolomango num deles
Desses seis ficaram cinco!
E esses cinco, meu bem, que ficaram,
Com o diabo fizeram um trato,
Deu o tangolomango num deles,
Desses cinco ficaram quatro!
E esses quatro, meu bem, que ficaram
Foram aprender o português;
Deu o tangolomango num deles,
Desses quatro ficaram três.
E esses três, meu bem, que ficaram,
Foram ao campo buscar cem bois,
Deu o tangolomango num deles,
Desses três ficaram dois!
Desses dois, meu bem, que ficaram,
Foram ao mato caçar aním
Deu o tangolomango num deles,
E desses dois restou só um!
E esse um, meu bem, que ficou,
Foi brincar com um lampeão,
Deu o tangolomango no tal,
E acabou-se a geração. . .

Nessas rimas infantis pode-se trabalhar Língua Portuguesa quando os alunos fizerem leitura silenciosa e/ou oral. Ainda quando procurarem no dicionário o significado de termos desconhecidos tais como aním, (uma ave preta), tangolomango (doença atribuída à feiticaria) ou outros que possam surgir. Essas rimas infantis também seriam bastante ricas para servirem de pretexto para trabalhar Matemática. Poderia se estudar af a Ordem Decrescente, de 10 a 1; a dezena; a meia dezena; meia dúzia. Ainda poderia ser estudada a partir da História da Velha que tinha 10 filhos a Noção de zero; de números pares e ímpares até dez.

O que consideramos importante é que o aluno habitue a ver trabalho, na escola, textos que são do conhecimento das pessoas com quem ele convive, para que aprenda a perceber FOLCLORE como a Cultura Popular e não como algo saudosista e desvinculado da sua realidade e que é abordado somente no dia 22 de agosto.

O PODER DE DECISÕES NO GRÊMIO



Desde criança vamos para o colégio aprender matemática, história, geografia, etc. A escola é um dos lugares onde passamos a conhecer estas e muitas outras informações científicas. A escola funciona, assim, como um dos locais de aprendizagem de conhecimentos pelas novas gerações. Mas não é somente esta a ação da escola. É também aí, na participação escolar, um forte momento em que a criança convive com regras de comportamentos, as quais, certamente terão muita influência na sua formação. Por exemplo, se fossemos analisar todo o funcionamento de uma escola, veríamos nele implícito o culto da obediência à autoridade, o respeito a regras (leis) estabelecidas para o funcionamento do estabelecimento, tais como o atendimento da sineta, a fila etc. Comparando este funcionamento interno da escola com o da vida da escola, podemos talvez afirmar que as crianças serão também obedientes com as autoridades constituídas e com os pais, atenderão sem reclamar ao apito da fábrica, terão paciência nas filas e daí por diante. Não queremos aqui afirmar que as pessoas não devem saber seguir regras estabelecidas, mas o que talvez seja muito importante saber é questionar estas regras quando necessário.

A FUNÇÃO DO GRÊMIO

Fizemos as colocações acima, sobre a ação da escola na formação da criança, com a finalidade de percebermos alguns dos efeitos que podem ser proporcionados através do funcionamento do Grêmio Estudantil num estabelecimento de ensino. A partir das nossas afirmações sobre a influência possível da ação da escola no desenvolvimento da personalidade das pessoas, vamos tentar mostrar alguns aspectos do funcionamento da entidade dos estudantes.

O funcionamento do Grêmio Estudantil proporciona o envolvimento dos alunos em ações coletivas. Faz as crianças trabalharem unidas, seja na busca de soluções para problemas comuns por elas enfrentados, seja na realização de promoções sociais, esportivas e culturais. É também num grêmio estudantil o lugar onde muitos têm a sua primeira oportunidade de participar de uma eleição, votando ou também sendo votado. Uma eleição para a diretoria de um grêmio pode oportunizar um interessante momento onde as crianças irão unir-se para formar chapas, irão participar ativamente numa campanha eleitoral, irão votar, apurar os votos e aceitar como soberanos os resultados obtidos na(s) urna(s). Também pode ser, a partir da participação na sua entidade,

que as crianças consigam entender melhor o funcionamento e a finalidade também de outras organizações existentes fora da escola, tais como sindicatos, associações comunitárias, etc.

Estes comportamentos e/ou conhecimentos adquiridos nesta atuação estudantil, podem, a exemplo de toda a ação da escola, também se refletir na vida destas pessoas junto à sociedade. Uma criança participante ativa do grêmio estudantil em sua escola, possivelmente também será uma participante ativa na sua cooperativa.

O PROFESSOR E O GRÊMIO

Para que o funcionamento de um grêmio estudantil tenha um efeito positivo no que se refere a este aspecto de incentivar a participação e o espírito coletivo nas crianças, achamos importante que elas tenham o máximo possível de liberdade para suas iniciativas e também o máximo possível de poder de decisão quanto ao que fazer em sua atenção. Assim, achamos que cabe aos professores, ou ao professor orientador, de fato orientar e não controlar as atividades dos alunos.

Neste trabalho de orientação a ser feito pelos professores, entendemos ser possível um aproveitamento para o trabalho com os conteúdos específicos de cada área. Entre as atividades a serem realizadas temos a elaboração de atas das reuniões e a elaboração de correspondência para entidades de outras escolas. Está aí uma oportunidade de trabalho para Língua Portuguesa. No trabalho de organização ou estudo dos estatutos, no estudo da importância da participação no grêmio e o relacionamento deste fato com a participação nas demais entidades existentes fora da escola (sindicatos. . .), estaria uma boa ocasião para o estudo de conteúdos de Estudos Sociais. Também a matemática pode perfeitamente ser trabalhada com números provenientes das contas do grêmio ou de resultados financeiros de promoções.

Muitas escolas não possuem esta organização dos estudantes, outras já a possuem em pleno funcionamento. Achamos importante organizá-la onde não existe, e também achamos importante que os professores de todas as escolas analisem a sua atuação como orientadores dos alunos nesta tarefa. Precisamos estar seguros de sermos de fato orientadores e não controladores da ação dos alunos. Assim, estaremos criando uma situação educativa altamente favorável na qual os alunos sendo agentes e responsáveis pelo seu trabalho no grêmio estudantil, também poderão ser ativos e responsáveis perante a sociedade.



Brinquedos de roda são uma forma de manifestação popular

Usos e costumes da Agricultura — como a gadanha — podem se tornar fatos folclóricos.



O TRABALHO COM TEXTO EM SALA DE AULA

A maioria dos professores de Língua Portuguesa tem algumas dúvidas quando se propõe a trabalhar Interpretação de Textos em sala de aula. Por que trabalhar textos em sala de aula? O que queremos de nossos alunos ao fazer esse tipo de trabalho? Que tipos de discussões serão levantados? Que perguntas vamos "cobrar" na interpretação?

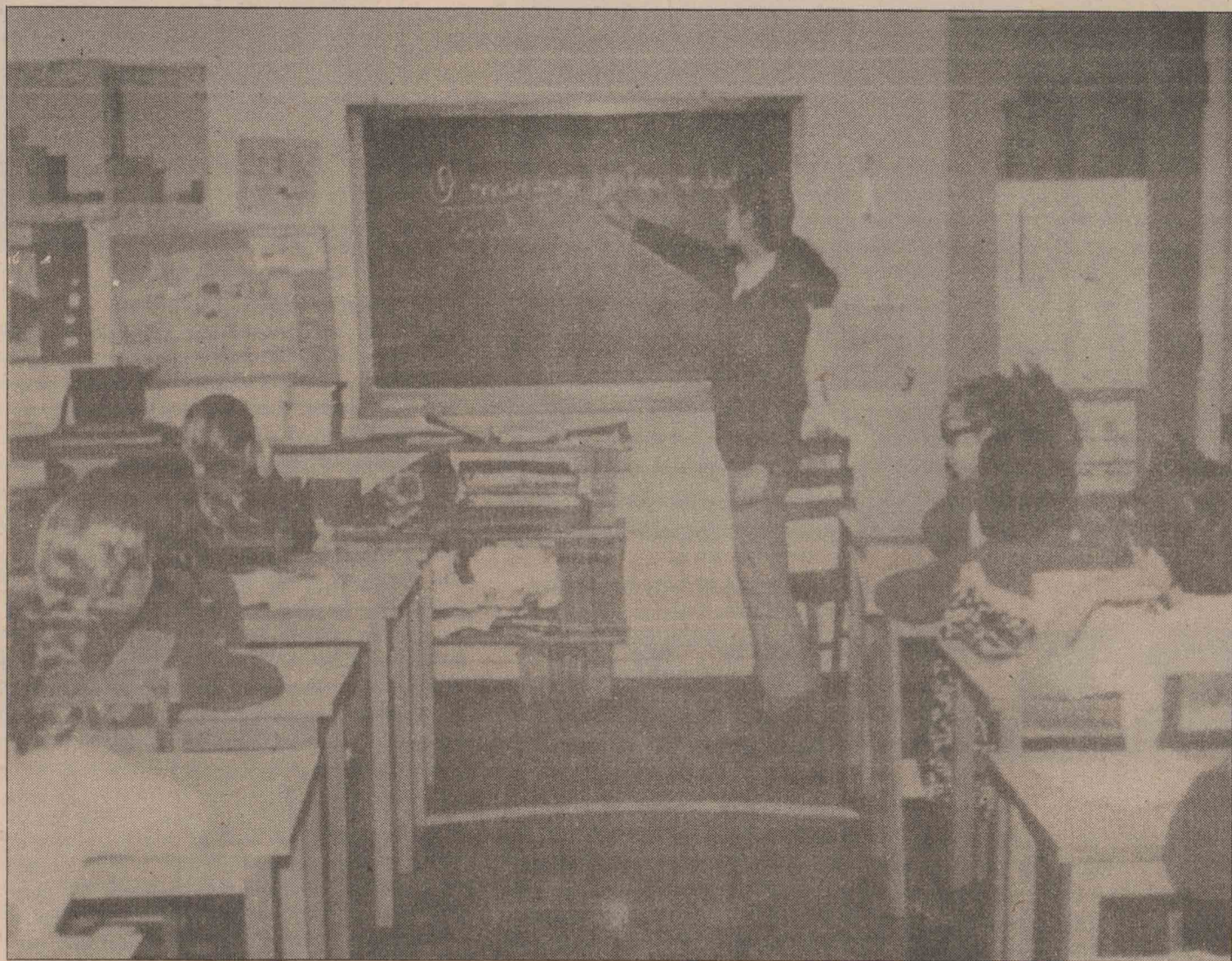
Esse artigo não tem a pretensão de responder as questões, mas sim propiciar uma reflexão sobre o trabalho com textos em sala de aula. Para tanto, ao iniciarmos esta reflexão, citamos idéias de dois pensadores que se preocuparam com as instituições, dentre elas a escola, que são Althusser e Gramsci. O primeiro afirmava que ao professor não resta outro trabalho a não ser o de reproduzir o que já vem elaborado pelos órgãos oficiais (e estes, automaticamente, estão reproduzindo as idéias de quem domina). Já Gramsci pensava, por sua vez, que o professor pode aproveitar os espaços em branco, isto é, pode fazer um trabalho de brecha criando seu espaço.

Tentaremos, a partir dessas posições teóricas, fazer algumas considerações a respeito do trabalho de Língua Portuguesa em sala de aula, mais especificamente sobre o trabalho com textos.

O OBJETIVO: MELHOR EXPRESSÃO

Trabalhamos Língua Portuguesa com nossos alunos para fazer com que esses se expressem melhor, através das formas oral e/ou escrita. Esse é um objetivo que a maioria dos professores da disciplina tem, conscientes ou não. No entanto, consideramos necessário pensarmos uma questão mais ampla: o que significa esse "expressar-se melhor"? Para alguns significa o perfeito domínio de forma (parágrafos bem feitos, acentuação segundo as regras gramaticais vigentes, ortografia impecável, capricho nos cadernos, pronúncia do r final quando se trata dos verbos no infinito). Só. Outros vão além e querem mais que o domínio da forma. Querem o domínio do conteúdo, isto é, que o aluno entenda aquilo que fala ou escreve, que use a língua na sua prática social, que perceba o conteúdo, as idéias que são expressas na fala e na escrita das outras pessoas.

Nessas alturas pensamos que entra o pra quê do professor. Por que está dando aula? O que quer, de fato, de seus alunos? A definição dessas questões vai implicar na



Cabe ao professor também orientar os alunos na interpretação dos textos

definição de sua linha de trabalho, da sua postura ideológica. E esta postura se expressa em qualquer grau de conhecimento dos alunos com quem trabalha. Por exemplo, na alfabetização pode-se ter como definição: "alfabetizar é obter o domínio puro e simples do mecanismo da junção de letras formando palavras ou frases". Ou então: "Alfabetizar é, além do domínio do mecanismo da leitura e da escrita formando palavras ou frases, a possibilidade do sujeito buscar maior compreensão da realidade em que vive. É oportunizar ao aluno ser agente nessa realidade."

Para o professor que conduz o seu trabalho a partir da primeira definição, é muito comum usar a seguinte seqüência de frases, visando a fixação da letra S.

Samuca toma sopa

Samuca é um sapo sabido

Recorrendo a esse expediente, o alfabetizador já está trabalhando mecanicamente a Língua Portuguesa, pois o aluno não vê sentido no texto trabalhado (no caso duas frases). O fato de afirmar que sapo toma sopa, ou é inovação fantástica ou é distorção das informações dadas pela área de Ciências que fala dos tipos de alimentos preferidos

pela família dos batráquios. Acreditamos que qualquer das duas alternativas, aqui levantadas, são inadequadas para a ocasião.

Quando se trata do trabalho com textos, em séries mais adiantadas, cabe ao professor, além da seleção, dar orientações sobre a interpretação destes textos. Nessas orientações, como já dissemos, a qualidade do trabalho também vai depender da postura frente à educação que tem esse orientador. Só que num outro nível. Expliquemos. Em séries mais adiantadas, o aluno já tem desenvolvida (ao menos deveria ter) sua capacidade de diferenciar uma coisa da outra, de argumentação. Então os textos levados para serem trabalhados em sala de aula podem não possuir conteúdo crítico, cabendo ao professor, no decorrer das discussões (que consideramos indispensáveis como etapa no trabalho de interpretação) abrir espaço para que o conteúdo seja questionado, negado ou, em última hipótese, reforçado. Nesse sentido o texto pode ser chamado de texto-pretexo já que o "recado" nem sempre está no texto, mas principalmente na forma como ele será explorado pelo professor.

Nessa tarefa de Interpretação, o tipo de trabalho feito deveria ir além das perguntas que normalmente são feitas: Quem é o autor do texto? Quais as características físicas e psicológicas dos personagens considerados principais? e outras desse nível. Notem que dissemos que deveriam ir além, o que não quer dizer que estamos desprezando totalmente esse tipo de questão. Ir além, para nós, significa que o professor se dê conta que o trabalho com textos em sala de aula é eficiente para levar o aluno a perceber-se como um elemento dentro duma sociedade organizada em classes e que nessa sociedade este aluno tem um papel a desempenhar.

Para serem somadas às reflexões que os professores fazem sobre o trabalho com textos, indicáramos o trabalho publicado no suplemento Educação de dezembro do ano passado. Este trabalho, saiu com o título "Dupla Surpresa e muito mais". Também teríamos a sugerir a leitura do livro *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos* de autoria de Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella, que foi editado pela editora Cortez e Moraes.